

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Espírito ocidental

O pensador britânico, Arnold Toynbee, parece anunciar, ou mesmo desejar, os últimos, os moribundos instantes da civilização ocidental, da nossa civilização, quero dizer. Não sei até que ponto terá ou não terá razão, e devo honestamente confessar-me sem competência no caso, que excede a minha pequena soma de conhecimentos especiais em tal e tão grave problema. Não discuto pois as probabilidades ou possibilidades do conceito ou da profecia de Toynbee. Aliás, Paul Valéry já dissera (repetindo, segundo ele próprio o disse, a afirmação de não sei que filósofo alheio) que as «civilizações são mortais, são perecíveis». Nem outra é, afinal, a lição do passado. Na minha tímida ignorância sempre me persuado, no entanto, de que se as várias civilizações que têm surgido no Mundo, não morrem por completo, aqueles que lhes sucedem, de qualquer modo, as continuam. Acolhem os profundos vestígios das predecessoras, e até a essência íntima do legado que nos deixam. Assim o verificamos com esta em que vivemos. Exemplos e tradições heleno-romano-cristãos formam de facto a sua base fundamental, e

O ministro da Presidência visita as obras hidro-eléctricas de Picote e de Miranda do Douro

MIRANDA DO DOURO, 5 (Pelo telefone) — O ministro da Presidência é aguardado esta tarde na pousada do S. N. I. onde lhe serão apresentados os planos do aproveitamento hidroeléctrico da região. De seguida, o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira visitará as obras de construção da barragem e, na pousada provisória, apreciará também o plano geral da bacia hidroeléctrica do Douro e da central do Picote. Amanhã, aquele membro do Governo segue para Bemposta, regressando a Lisboa, após o almoço.

A passagem por Mirandela

MIRANDELA, 5 (Pelo telefone) — Em viagem para Picote e Miranda, passou nesta vila o ministro da Presidência que foi recebido, nos limites do concelho, pelo governador civil de Bragança, sr. dr. Horácio Gouveia, presidente da Comissão da U. N. distrital, coronel Augusto Machado, comandante da Legião Portuguesa, coronel Salvador Teixeira, presidente do Município de Mirandela, sr. dr. Eduardo Bartilote e outras entidades.

Após a recepção, seguiu-se um almoço na estalagem do Caçador, em Macedo de Cavaleiros.

Nesta vila, o ministro da Presidência tomou conhecimento directo de vários problemas e aspirações de interesse geral, trocando impressões com as autoridades do distrito.

as probabilidades ou possibilidades do conceito ou da profecia de Toynbee. Aliás, Paul Valéry já dissera (repetindo, segundo ele próprio o disse, a afirmação de não sei que filósofo alheio) que as «civilizações são mortais, são perecíveis». Nem outra é, afinal, a lição do passado. Na minha tímida ignorância sempre me persuado, no entanto, de que se as várias civilizações que têm surgido no Mundo, não morrem por completo, aqueles que lhes sucedem, de qualquer modo, as continuam. Acolhem os profundos vestígios das predecessoras, e até a essência íntima do legado que nos deixam. Assim o verificamos com esta em que vivemos. Exemplos e tradições heleno-romano-cristãos formam de facto a sua base fundamental, e

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)



O aspecto desolador de Agadir é, por toda a parte, o mesmo: montões de ruínas

Silêncio sobre Agadir

em cujas ruínas jazem abandonados oito mil corpos — mortos e vivos

AGADIR, 5. — Sob as ruínas de Agadir ficaram abandonados seis a oito mil corpos, de mortos ou vivos.

Três dias depois do abalo que em 15 segundos destruiu esta cidade de 40.000 habitantes, os homens das brigadas de socorro, esgotados e ameaçados pela epidemia, cederam ontem à tarde o lugar aos técnicos de demolição e desinfecção. Marinheiros franceses, holandeses, espanhóis, soldados marroquinos e americanos, voluntários e sobreviventes de várias nacionalidades, abandonaram o trabalho sobre-humano com que salvaram milhares de vidas e encaminharam os feridos para os locais onde podiam ser tratados. Esta noite, sobre este lugar de tragédia desceu enorme silêncio, apenas cortado pelo uivar das hienas e chacais do deserto, atraídos pelo cheiro da carne em decomposição.

Agora, 300 homens, equipados com o material apropriado, vão inundar, durante dias, as ruínas

com jactos de cloro de cal e de desinfectantes. Os «bulldozers» removerão os escombros. Os mortos serão sepultados quando já não forem um perigo para os vivos.

OS PREPARATIVOS PARA A RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Começa a pensar-se na reconstrução da cidade. O rei de Marrocos presidiu a um conselho extraordinário em que se tratou do problema

de reconstruir Agadir. Entretanto, a população instala-se em campos provisórios nos arredores da cidade. Agadir já não precisa de médicos nem de enfermeiras. O que os sobreviventes agora pedem são tendas, viveres, leitos e dentro em breve casas pré-fabricadas.

O príncipe herdeiro de Marrocos, Mulay Hassan, tomou a decisão capital de mandar suspender as buscas de sobreviventes para se proce-

(Continua na 7.ª página)

Nota do dia

EVOCAÇÃO

Na hora em que Portugal inteiro consagra a memória do grande Solitário de Sagres, em que às homenagens oficiais, revestidas de solenidade e de pompa, se juntam os votos humildes e sinceros de todos os Portugueses que medem a estatura do Infante pela grandeza do seu sonho, há um nome que não pode esquecer-se ou apagar-se na sombra opaca de uma negra ingratidão. É o nome de Joaquim Manso. A religião do Infante teve nele o seu mais inspirado e devotado sacerdote e o culto da sua memória, o seu mais nobre officiante. Ninguém como ele lutou, prégou, polemizou para que a figura impar do iniciador das descobertas e conquistas fosse restituída às suas verdadeiras proporções. Em Sagres, na Batalha, no Porto, em Lisboa, por todo o País, Joaquim Manso ergueu a sua voz e pôs a sua pena elegante ao serviço desta causa nobre e justa, que era a da consagração do Infante Navegador num monumento que traduzisse a magnitude da sua obra e estivesse à altura da sua glória. Não qui-

seram as circunstâncias que o monumento se erguesse em Sagres, como ele defendeu sempre. E não quis o destino que ele pudesse assistir ao epílogo triunfal da cruzada patriótica de que foi incansável paladino. Seja como for, cumpre-nos recordar hoje, com a saudade e a emoção que a evocação do seu nome despertam sempre nesta Casa, a parte que Joaquim Manso tomou neste movimento de amplas repercussões, do qual resultou, senão o monumento de Sagres, pelo menos o padrão de Belém, altar de patriotismo e de epopeia, com o seu foco de vitória eterna a projectar a figura do Infante sobre o Mundo que ele impeliu do mistério e da sombra da Idade Média para a luz gloriosa da Renascença.

Visado pela
Comissão de Censura

Casablanca reflecte a dor do povo marroquino

(Do nosso enviado especial ARTUR PORTELA FILHO)

CASABLANCA, 5. — É um imenso e impressionante quadro de dor o que viemos aqui encontrar. Casablanca, a cidade-hospital do grande corpo ferido que é a nação marroquina, surgiu-nos sob um céu azul e violentada por

um sol ardente. Mas logo que o avião da TAP aterrou, depois de um voo magnífico, tivemos a triste sensação da atmosfera febril e angustiada que envolve tudo e todos.

As ambulancias penetram, no

(Continua na 7.ª página)

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

QUE INCLUEM

«Diz o Médico...»

e os suplementos

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA

PARA A OUTRA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

ALTO INFANTE

TIVERAM a solenidade dos grandes momentos as cerimónias comemorativas do centenário do Infante D. Henrique. Tiveram luzimento a sessão solene na Assembleia Nacional, a sessão nos Paços do Concelho do Porto, o «Te Deum» em Braga, em Elvas e em muitas outras terras portuguesas dispersas por todo o Mundo. E foi feérico o fogo de artifício, no Castelo de S. Jorge. Celebrar o Infante e celebrar a empresa a que se votou e todos os que nela participaram. Disse-o o prof. Caeiro da Mata: «A grandeza dos homens como o Infante D. Henrique está menos na sua personalidade do que na empresa a que por inteiro se votaram. Devemos-lhe uma segunda pátria; deve-lhe a civilização europeia algumas das suas conquistas fundamentais». Outros oradores enalteceram as glórias e feitos henriquinos, pergaminhos de uma raça que se estende pelos cinco continentes. Entre outros o representante do grande Brasil, o embaixador Paulo Carneiro que falou em nome dos lusos de além-Atlântico e tirou a lição do centenário quando disse: «O momento é chegado de exaltar a nossa imaginação em busca de criações novas que se inspirem no exemplo histórico de Portugal, alheio sempre a todo o espírito discriminador, capaz de dar e receber, de persuadir sem se impor, de se adaptar e de se transformar, segundo os meios e circunstâncias étnicas e geográficas. Vivemos a época das grandes composições internacionais. O Infante e a sua obra exigem que arquitectemos hoje a estruturação do nosso mundo lusiada segundo os conceitos deste momento histórico, projectando-nos mesmo para além da nossa época, como a Escola de Sagres pensou e agiu para além do seu tempo». Essa acção vem até nós e só hoje pode ser avaliada no seu valor máximo, como o disse no Porto, o sr. ministro da Presidência: «Todos os conceitos geográficos e estratégicos e toda a estrutura da Idade Média se abatiam ao surgirem meios e possibilidades económicas de natureza e amplitude que os povos antigos haviam associado aos puros domínios da mitologia. De desesperada e quase perdida, a velha Europa, detentora de uma vasta herança de civilização, iria, ao contrário, poder agora transmiti-la e levar a sua influência a todos os povos e a todas as regiões da terra». A epopeia que vai de Ceuta aos mares do Japão foi a marca da raça e a sua originalidade, como acentuou na Assembleia Nacional o sr. Presidente da República: «Essa originalidade, criadora e fecunda, deu-nos o particularismo da nossa estrutura constitucional, modelou-nos a alma nacional, temperou a resistência moral que nos tem permitido atravessar unidos tantas vicissitudes da História. Por isso bem poderemos dizer que, mais que a força das armas, se deve à força moral a unidade da Pátria».

FEIXE DE NOTÍCIAS

ESTIVERA já internado o Manuel da Rocha Neto. Dado como são voltou para as suas terras altas de Barroso. Trabalhava agora perto de Montalegre, mas começou a tresvariar de novo. O pai, Aires Vieira da Rocha, de 44 anos, do lugar de Pombinhas, Negrelos, pediu dispensa no seu trabalho para tratar de internar outra vez o filho. Este aproximou-se com uma gadanha nas mãos. Atirou-se ao pai, matou-o e deceprou-lhe a cabeça. Recolheu o doido ao posto da G. N. R. de Santo Tirso.

* Seguiu pela estrada do Algarve, perto de Morgadinho, Almodôvar, o almocreve Fernando Russo Tavares, de 31 anos. Guiava o seu carro com muíres. Em dada altura espantaram-se os animais. O Fernando caiu, o carro passou-lhe por cima e para ali ficou na estrada de costelas partidas, o corpo amachucado, sentindo-se esvaír da vida entre dores cruciantes. Horas e horas, ao céu sereno esteve até perder a consciência. Quando foi recolhido era tarde de mais. Entrou no hospital para morrer. E em casa os filhos pequeninos não sabem o que será o seu dia de amanhã.

* Perto de Sines um «jeep» guiado por António Manuel Dias, de 34 anos, e levando como passageiro o pedreiro Francisco Gatinho, de 42 anos, despiu-se e caiu num barranco. Vieram trabalhadores que passavam no local. Deitaram mão aos ocupantes mas o Gatinho estava morto e o Dias, em estado muito grave, veio para S. José.

JORNAL PEQUENO

EM Runa, João Francisco Miranda de Carvalho limpava uma pistola que se disparou e o matou. * Em Vila Franca de Xira o comboio colheu e matou um desconhecido que ali aparecera há três dias. Ficou irreconhecível e nem a identidade se conseguiu apurar. * Uma camioneta estacionada em Vila Franca de Xira foi desengatada e posta em andamento pelo ajudante de motorista Augusto Bernardino Rodrigues, de 60 anos. Subiu o passeio, estilhaçou os vidros de uma janela, derrubou dois marcos e ficou sem uma porta. Parou na Praça Afonso de Albuquerque não se sabe bem como. O ajudante desastrado ficou detido pela Polícia.

Fágide

Últimas apresentações do famoso «show» que constituiu a grande sensação do Carnaval 1960

LOS TRIANAS

JEAN LOUIS BERT et ILONKA

IDO BONI

Ballet GEORGES APFFEL

(Maiores de 17 anos)

ESTÁ JÁ À VENDA

a 2.ª Edição do livro que traz uma resposta á confusão, á doença moral e ao vácuo espiritual que oprimem o Mundo,

Paz com Deus

de BILLY GRAHAM

Adquira-o na Livraria Alegria, R. da Prata, 156 — Tel. 31239

Espírito ocidental

(Continuação da página anterior)

«Não vemos ainda que a inspirem ou modelam novas realidades profundas. A não ser que se considere — e talvez seja verdade — que os inventos e conquistas da técnica, das técnicas recentes, modifiquem, ou já tenham modificado as condições da existência humana entre os povos ocidentais. Seja como for, um modesto escriba, e eu não sou mais de que modestíssimo, não se deve permitir voos tão altos, que lhe constintam declarar que tal sucederá num futuro próximo. As perspectivas que lobbigo não me incitam a fazê-lo. Se não me considero inteiramente satisfeito com o que vejo e observo, também julgo que vamos a caminho de melhores dias. Confio nas exigências profundas da solidariedade humana — das nações e dos indivíduos — e guardo em meu espírito — guardo e resguardo — uma teimosa esperança em que chegaremos, por nosso próprio esforço, e outros factores externos, a criar uma vida mais digna, mais nobre, mais agradável às gerações de amanhã. Aliás, munto boa gente não o nega. Somos, em suma, os continuadores do que foram as gentes, as pátrias, o Universo de ontem, dentro do critério singelo de que eles prosseguem nos caminhos desde sempre encetados.

O historiador, inglês também, H. Kito, no livro fascinante e probo que intitulou, justificadamente, «Os Gregos, auto-retrato de uma civilização», patenteia-nos, de maneira clara, através de depoimentos contemporâneos dos acontecimentos e personagens que narra e evoca, a persistência de hábitos, costumes, que não desapareceram ainda das greis europeias.

O sr. Kito não se gaba de que o tenha feito de propósito. Limita-se a enfeixar os testemunhos mais significativos que respeitam á política, á arte, ao pensamento, e á índole da Hélada de Homero, e da Hélada clássica antes e depois do quinto século (do quinto século anterior ao cristianismo, claro está); os documentos de que se foi servindo são bem comprovativos de que não encontrou diferenças de maior nas almas e nas inteligências de ontem e de hoje. Tudo evolui, decerto, mas tudo demonstra a continuidade dos anseios e vontades da humanidade antiga e moderna.

A bomba atómica, a energia nuclear, ao contrário do que imaginam certas pessoas ingénuas, são coisas novas? Sem dúvida. Novas, mas não destruidoras de aquisições já obtidas na manha de indivíduos e de povos nas — chamemos-lhe assim — sendas do progresso. De resto, o importante é que o progresso conseguido não se detenha a «narcisar-se», mirando-se, detendo-se a admirar-se a si mesmo. A própria política não é tão diferente da que sempre foi na aspiração e na ambição dos seus cultores. O que se torna necessário é aprender mais decisivamente com a Grécia antiga o equilíbrio da razão e do sentimento; é — e assim o ensina o livro do sr. H. Kito — estabelecer exacta, indestrutível harmonia entre a paixão e a lucidez de pensamento. O Mundo actual tem de reconquistar essa posição de íntimo acordo. O espírito do Ocidente é isso mesmo. O resto é acessório. Cumpre-nos levar essa atitude, serena e limpa, até às felizes consequências que ela — não hesito em asseverar-lo — sem a menor dúvida, mais tarde ou mais cedo nos imporá, salvando-nos das ameaças e perigos que nos ameaçam e assustam. — J. de B.

Rotary Clube de Lisboa

Na reunião do próximo dia 8, ás 13 horas, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o distinto maestro dr. Filipe de Sousa falará sobre «Aspectos da música contemporânea».

Diário OUTRA BANDA

No hospital de Almada

Escorregou numa casca de laranja

O sr. José Maria Lopes, de 21 anos, residente na Rua D. José de Portugal, 21, cave, em Almada, deu uma queda na rua, por ter escorregado numa casca de laranja. Fracturou dois ossos do braço direito, pelo que foi tratado no Hospital de Almada, recolhendo de depois a casa.

Queda grave de um balouço

Maria Isabel Sousa, de 11 anos, Avenida Nuno Alvares Pereira, 20, 2.º, quando andava de balouço, caiu e fez um ferimento profundo na região frontal, produzido por vários fragmentos de vidros que se lhe espetaram pelo corpo. Transportada ao Hospital de Almada foram-lhe extraídos os vidros, seguindo depois tinha alguns tendões cortados.

Outras ocorrências

Maria da Luz, de 53 anos, Rua Paiva, 3, cave, deu uma queda no quintal da sua residência, fracturando a tibia; Rosa Maria, de 4 anos, Rua Afonso Paula, 37, em Almada, quando brincava caiu e fez um ferimento no lábio inferior; Alberto Luis Santos, de 23 anos, canalizador, residente no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Almada, quando trabalhava numas obras feriu-se num dedo; Mariano Gonçalves, de 5 anos, Cova da Piedade, quando ia dependurado, numa camioneta de passageiros, caiu e feriu-se na cara; Jacinto Real Pinto, de 4 anos, Rua das Praças, 5, em Almada, foi acometido de um ataque epilético.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos Costa, 10. Tel. 034137.
ALMADA — Farmácia Magalhães — Praça Luis de Camões, 10 e 12. Tel. 070242.
COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro 1910, 18 Tel. 070254.
MOITA — União Moitense — Praça da República.
MONTIJO — União Mutualista — Avenida Almirante Reis, 93. Tel. 030035.

SEIXAL — M. L. Godinho — Largo da Igreja, 51. Tel. 021580.
SESIMBRA — Leão — Rua da República, 51. Tel. 029025.
SETUBAL — Normal do Sul — Praça do Bocale, 137 e 138. Tel. 22216.

Cinemas

MONTIJO — Cine-Teatro Joaquim de Almeida — As 21 horas «O filho do conde de Monte Cristo» e «O magnífico matador» (12 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — As 21 e 15 «Chicago Jubal» (17 anos).

Compre o «DIÁRIO DE LISBOA», em ALMADA, na HAVANEZA de Almada, Avenida D. Afonso Henriques, 9.

Assembleias gerais

A Associação Protectora da Infância da Freguesia de S. Mamede (antiga Cantina Escolar de S. Mamede) elegeu para o quadriénio de 1960-1963: presidente e vice-presidente da assembleia geral os srs. Armando Rosado e Jaime Pereira; presidente da direcção o sr. António Carlos Lencastre Moraes de Almeida, conde de Castelo Medo; e presidente do conselho fiscal o dr. José Ataíde Tavares.

Sindicato dos Cobradores do Distrito de Lisboa

A assembleia geral do Sindicato dos Cobradores do Distrito de Lisboa, que aprovou o relatório e contas da gerência finda, elegeu os novos corpos administrativos, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — srs. Carlos João Madeira, Armando Abílio da Silva e Joaquim Martins Gamboa Junior. Direcção — srs. António Batalha, Armando Gouveia Pinto, Eduardo Augusto Rolão, Manuel de Pina e Mário da Silva Gonçalves, efectivos; e Alberto José dos Reis, Fernando Domingos de Oliveira, Francisco Manuel Varela, João Assunção Gonçalves e Possidónio Salgado Costa, suplentes.

FEIRAS DA EUROPA



Com a **SABENA** está em boas mãos

5 Serviços semanais
à partida de Lisboa
sempre com correspondências
em Bruxelas
para todos os pontos da Europa

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

Av. da Liberdade, 15-1.º e 13-A, Lisboa - Telef. 35572

Escolas e cantinas

Subsídios

inauguradas na Marinha Grande a instituições de assistência

MARINHA GRANDE, 5. (Pelo telefone). — O subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, deslocou-se hoje a esta vila. Chegou ao limite do concelho, na estrada da Nazaré cerca das 16 horas.

Era aguardado pelo governador civil, sr. Olímpio Duarte Alves, bispo de Leiria D. João Pereira Venancio, presidente da Camara, sr. Vítor Salgueiro Santos Galo, deputados pelo círculo e individualidades de relevo na vida social desta vila.

Depois de uma sessão de boas-vindas na Camara Municipal em que aquele membro do Governo foi saudado pelo presidente, o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa inaugurou oito novas escolas primárias com um total de 18 salas e ainda várias cantinas, uma das quais

na Escola Comercial e Industrial. Ao fim da tarde, no Clube dos Industriais Vidreiros, foi oferecida uma merenda em honra do subsecretário de Estado da Educação Nacional.

DIRECÇÃO-GERAL dos Transportes Terrestres

Um decreto-lei introduz alterações na organica da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Cria a Direcção dos Serviços Administrativos, que compreenderá as actuais Repartições de Pessoal, Expediente e Contabilidade e a de Transgressões e Accidentes. Serão também criados dois lugares assessores jurídicos.

Através da Direcção-Geral de Assistência, foram concedidos, pelo sr. ministro da Saude, os seguintes subsídios: Lar de Santa Maria Goretti (Angra do Heroísmo), 100 contos; Centro de Assistência de Manteigas, 75; Centro de Assistência e Formação Social de Janeiro de Cima (Fundão), 15; Associação de Refugio da Rainha Santa (Coimbra), 5; Misericórdia de Coruche, 30; Albergue de Mendicidade da Mitra, 20; Cruzada do Bem (Porto), 4; Asilo Lamecense de Mendicidade (Lamego), 50; Misericórdia de Odemira, 17.500\$00; Asilo Nobre Freire (Beja), 15 contos; Misericórdia de Alvalázere, 5; Misericórdia de Santiago do Cacém, 20 contos, além de diversos pequenos subsídios, no montante de 10 contos.

Pelos hospitais

VITIMA DE ACIDENTE DE VIAÇÃO — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, com fractura de uma clavícula, o feitor agricola António Manuel Dias, residente em Ferreira do Alentejo, que ontem foi vítima de um acidente de viação naquela vila, quando guiava um veículo que embateu numa árvore. O acidente provocou a morte de Francisco Montes Copinho.

CAIU DUMA BICICLETA — Encontrase na sala de observações do Hospital de S. José o jornalista Inácio Gomes Pego, de 48 anos, residente em Catujal, que nesta localidade deu uma queda de bicicleta, ficando sem fala.

ATROPELAMENTO — Foi colhida por uma camioneta, na Travessa da Queimada, a sr.ª D. Maria Luísa Gonçalves, de 41 anos, moradora na Travessa da Palmeira, que recolheu gravemente ferida, na perna direita, à sala de observações do Hospital de S. José.

CAIU AO RIO — Na sala de observações do Hospital de S. José, deu entrada Joaquim Inácio Sôia, de 55 anos, morador no Largo da Graça, 132, 2.º, que caiu ao Tejo, quando estava sentado à beira do rio, na Praça do Comércio.

Quem perdeu?

Na P. S. P. (Governo Civil) encontram-se depositados numerosos objectos achados ontem em Lisboa, entre os quais canetas, lenços, pastas, luvas, bilhetes de identidade, tampões para rodas de automóveis, carteiras, porta-moedas, óculos, gravatas, chaves, etc.

FOI ASSALTADO um estabelecimento em Queluz

QUELUZ, 5 (Pelo telefone) — Na madrugada de hoje foi assaltado o estabelecimento de ferragens do sr. Artur Leitão Fernandes. Os gatunos rebentaram com a fechadura e levaram ferramentas e outros artigos no valor aproximado de 2 mil escudos.

O estabelecimento fica na Avenida Elias Garcia, F. C., 3 A-B.

BAILE DA PINHATA no antigo Casino de Sintra

No antigo Casino de Sintra realiza-se hoje, á noite, um baile da Pinhata, que promete ser muito animado. Um conhecido e excelente conjunto musical animará o baile durante toda a noite, havendo ainda a apresentação de artistas da Rádio e da Televisão nacionais, entre os quais figuram Alice Amaro, Conjunto sem Nome, Madalena Iglésias e Maria de Fátima Bravo.

Cinemas

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro «Chabry», às 21 e 30: «A casa dos segredos» (17 anos).

AMADORA — Recreios, às 21 e 15: «Amores reais» (12 anos).

CACÉM — Cinema S. João, às 21 e 30: «Operação Amsterdam» (17 anos).

QUELUZ — Queluz Cinema, às 21 e 15: «Mam'Zelle Nitouche» e «Perseguição infernal» (12 anos).

SINTRA — «Carlos Manuel», às 21 e 30: «Amorzinho da minha vida» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Carmela, Rua Elias Garcia, Lote 28, loja E (Quinta do Bosque); Tel. 931303; Helenica, R. Elias Garcia, 2 E (à Quinta de S. José), Tel. 930213.

QUELUZ — André, Rua Elias Garcia, 85-A; Tel. 950043.

SINTRA — Misericórdia, Rua visconde Monserrate; Tel. 980391.

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 81, Tel. 012048.

CASCAIS — Marginal, Av. Marginal, Tel. 080078.

ESTORIL e MONTE — Parque, L.º Arcadas, 3 — Estoril, Tel. 060191.

OEIRAS — Central, R. Conde Ferreira, Tel. 043058.

PAÇO DE ARCOS — Godinho, Av. Patrão Joaquim Lopes, 4, Telefone 042039.

PARADE — Artur Brandão, Av. da Republica, 77-C, Tel. 047054.

Cinemas

ALGÉS — Stadium, às 21: «Homem das terras bravas» (17 anos).

CASCAIS — Académico, às 21: «Esta curva é perigosa» e «Magia do Oriente» (17 anos); S. José, às 21 e 30: «Profissão perigosa» (17 anos).

ESTORIL — Casino, às 21 e 30: «O homem do rickshaw» (17 anos).

OEIRAS — Cine, às 21: «As grandes famílias» (17 anos).

PARADE — Royal Cine, às 21 e 15: «Um herói do Far West» e «Abril em Portugal» (12 anos).



Cooperativa de Construção de Casas Económicas

“O MEU MUNDO”

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 48, 1.º-DTO. — LISBOA

TELEFONE 73 27 49

NO DIA 24 DE FEVEREIRO ÚLTIMO, ESTA COOPERATIVA ATRIBUIU O DIREITO DE CONSTRUÇÃO DA RESPECTIVA MORADIA AOS SEGUINTE SÓCIOS:

POR ANTIGUIDADE, AOS EXMOS SNRS.:

JOSÉ DUARTE RAMOS JORGE

Trav. Monte do Carmo, 43 — Lisboa

MANUEL JOÃO PINTO DIAS

Av. do Aeroporto, Lote 101 r/c Esq. — Lisboa

JOÃO LUÍS QUEIMADO FLORENCIO

R. Actor Isidoro, 3-H — Lisboa

ALBERTO HENRY MASCARENHAS

Tr. do Corpo Santo, 10-1.º Dto. — Lisboa

ANTÓNIO PEREIRA DE CAMPOS

R. Lucinda do Carmo, 4-3.º Esq. — Lisboa

POR SORTEIO, AOS EXMOS. SNRS.:

JOSÉ AGOSTINHO CAROLA

R. Oriental, 10-3.º Esq. — Dafundo

JOÃO DE MELO ABREU DE MEDEIROS E CAMARA

P. da Figueira, 18-3.º Dto. — Lisboa

D. ALZIRA DE JESUS DA FONSECA

Av. Infante Santo, Lote 19, 2.º Letra E — Lisboa

D. ELISA DOS SANTOS NUNES

R. José Duro, 19-3.º Dto. — Alvalade — Lisboa

JOSÉ ASSIS DA FONSECA

Av. Infante Santo, Lote 19, 2.º Letra E — Lisboa

DEVEM AINDA APRESENTAR OS PROJECTOS DE SUAS MORADIAS, PARA CONSTRUÇÃO IMEDIATA OS EX.MOS SNRS.:

D. GILBERTA TOMÉ DIONISIO

Valé de Santarém

CÉSAR DA SILVEIRA MACHADO

Alameda D. Afonso Henriques, 78-5.º — Lisboa

JOSÉ JOAQUIM VICÁRIO DE AGUIAR

R. Actor Isidoro, 30-2.º Esq. — Lisboa

D. ALBERTINA AUGUSTA MARQUES

R. Soc. Farmacêutica, 7-1.º Dto. — Lisboa

DR. RAUL JORGE PAIS

Alameda das Linhas de Torres, 94 — Lisboa

D. HORTÊNCIA MARIA CARIA LUCAS

Av. de Madrid, 7-1.º Dto. — Lisboa

VICTORIANO PRANCHAS MARQUES

Vivenda Martins — 5.º Bairro Nazaret — P. Arcos

CARLOS ALBERTO DE SOUSA AZEVEDO

P. João Luis de Moura, 90 — Cascais

D. MARIA EUGÉNIA OLIVEIRA CUNHA

Alameda D. Afonso Henriques, 78-5.º Esq. — Lisboa

AMÉRICO ANTUNES MARTINS

Av. de Roma, 23-3.º Esq. — Lisboa

ANTÓNIO DIAS CONDE

R. Direita, 59 — Dafundo

P.º JOSÉ LUCIANO VALENTE DA SILVA

Gulpilhares — Gaia

JOSÉ MARQUES PINTO CORREIA

R. Luciano Cordeiro, 22-4.º — Lisboa

D. MARIA DO CARMO DIAS PINTO

R. Alfredo Cortês, 1-2.º Esq. — Lisboa

FRANCISCO FONTES

R. Comandante Assis Camilo, 8-2.º Dto. — Lisboa

AMÉRICO DA SILVA

Calç. da Quintinha, 1-C — Lisboa

RAUL FERNANDES

Tr. Guilherme Cosme, 72 — Lisboa

CARLOS PARENTE FILIPE DE SOUSA

R. da Praça de Toiros, 27 r/c — C. da Rainha

CARLOS ALBERTO LOPES MALHEIROS

Palácio Hotel — Estoril

CONSTANTINO AUGUSTO RODRIGUES

Vivenda Francelina — Estoril

ARNALDO JUSTINO NAPOLEÃO FLOR

R. dos Navegantes, 76 — Cascais

A DIRECÇÃO

2^a SEMANA

JERRY LEWIS SUPERA-SE A SI MESMO NO SEU NOVO GRANDE EXITO

Jerry no Japão

com MARY MAC DONALD — SESSUE HAYAKAWA
— NOBU MC. CARTHY

UM FILME
PARAMOUNT



(MAIORES DE 12 ANOS)

ISTO QUER DIZER:



É A MELHOR
COMEDIA
DO SÉCULO!

TEATROS e CINEMAS

Atrás do reposteiro

- A vedeta Carmen de Lirio não participará do desempenho da revista que se vai começar a ensaiar no Teatro Avenida.
- No Trindade, onde vai ser reposta a peça «A espera de Godot», continua em ensaios a crônica histórica «Leonor Teles».
- O autor da peça «Gimba» ainda não autorizou a sua representação em Paris, pela companhia Maria Della Costa.

- Foi entregue na TV uma opereta intitulada «Cortejo de oferendas», original de Miguel Orrico e Tomé de Barros Queirós musicada pelo maestro compositor Jaime Mendes.
- No dia 11 apresenta-se no Coliseu uma nova companhia de circo.
- O famoso palhaço Alex não chegou a completar noventa anos porque morreu nas vésperas Alex, companheiro de Rico no circo e depois de retirados, tinha

(Continua na 12.ª página)

PINGUIM

SALÃO DE CHA
BOITE DE NUIT

TODOS OS DIAS

CHAS DANÇANTES

DAS 18 AS 20 HORAS

SOIRÉES AS 22,30

TOBÉ E SEU CONJUNTO

COM O CANTOR

RICARDO LUÍS

CALÇADA DA GLÓRIA, 2

(15 anos)

MARIA VITORIA

Emp. E. Salvador e R. Martins, Ld.
Às 20,30 e 22,45 (Ad.—M/17 anos)

A MAIS ESPECTACULAR,
ALEGRE E POPULAR

DAS REVISTAS DE

SALVADOR



MARIA DOMINGAS

TACO A TACO

Original de AMADEU DO VALE, PAULO DA FONSECA e EUGENIO SALVADOR

Com musica de: CARLOS DIAS, TAVARES BELO e FERNANDO GUIMARAES

com BIBI FERREIRA — ANTÓNIO SILVA

BARROSO LOPES — HUMBERTO MADEIRA

MARIA DOMINGAS

ANITA GUERREIRO

E PELA 1.ª VEZ NESTA

COMPANHIA

LEONIA MENDES

Guarda roupa dos «ateliers»

PAIVA

A MANHÃ

ESPECTÁCULO

À TARDE

AS 16 HORAS

MONUMENTAL AVENIDA



HOJE
AS 21,45H.

Adultos
M/17 anos

3.º MES
TRIUNFAL

LAURA
ALVES

MARGARIDA
DA RUA

A musica viva de Paris
Amanhã à tarde às 16 h.



TEATRO PARA CRIANÇAS
PELO ELENCO DO GERIFALTO
Dir. Art. A. M. COUTO VIANA
Entrada gratuita a todas as crianças
dos 4 aos 7 anos quando acompanhadas

PREÇOS

Platêa a 15\$00
2.º Balcão a 10\$00
3.º » frente a 5\$00

Rigorosamente suspensas as entradas de favor

ESP. VASCO MORGADO, LDA.



HOJE,
AS 21,45 H.

Adultos
m/17 anos

5.º MES de
EXITO

ULTIMOS
DIAS

IRENE ISIDRO

A MALA da
BERNARDETTE

com HENRIQUE SANTANA
HENRIQUE SANTOS

Amanhã à tarde às 16 h.

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO: CEIAS,
FADOS E GUITARRADAS

AMANHÃ: GRANDE NOITE DE FESTA

SENSACIONAL DESPEDIDA DO ARTISTA-FENÓMENO

PACO FLORES

QUE PARTE PARA ESPANHA. A FIM DE CUMPRIR UM CONTRATO

2.ª-FEIRA: A ATRACÇÃO
DE MAIOR FAMA EM
TODO O MUNDO

TRIO GUALTIERI

ESTA NOITE
EM REPARAÇÃO

CONSTANTE e seu CONJUNTO

E TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ»

TRINDADE

HOJE AS 21,45

UM ÉXITO INDISCUTIVEL

DA PEÇA MAIS DISCUTIDA DO ANO

O PÚBLICO DIVERTE-SE E APLAUDE A PEÇA DE OLAVO D'EÇA LEAL

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

Carmen Dolores, Assis, Ribeirinho, Rogério, Florbela, Gusmão, Cortés, Josefina Silva e M. Pereira

CAPITOLIO

M/17 ANOS As 16 H. e 21.45

DESPEDIDA DO FABULOSO
PROGRAMA CARNAVALESCO
MARIA DELLA COSTA
E TODA A SUA COMPANHIA

NA REVISTA MOMESCA

VAI VER QUE É!...

O POPULAR CANTOR
IDO BONI

O FAMOSO «BALLET» DE
GEORGES APFFEL

ESCOLA DE SAMBA
DANÇAS TÍPICAS

HOJE SAMBA • TREVO • REBOLADA • JONGO • BOLE BOLE • CANDOMBLÉ

BAILE DA PINHATA

ATÉ DE MADRUGADA, COM TODO O PROGRAMA DE CARNAVAL

HOJE E AMANHÃ
ESPECTÁCULOS AS 16 H.
A PREÇOS POPULARES

2

ULTIMOS
DIAS

D. QUIXOTE BAR

ADULTOS (M/ 17 anos)

GRANDE NOITE DA PINHATA

BAILE DE MASCARAS com
CONJUNTO D. QUIXOTE

AMANHÃ: «MATINÉE»
BAILE DESDE AS 18 HORAS

Solar da Hermínia



Largo Trindade Coelho, 10 e 11
Telef. 20164 — (Maiores 17 anos)

SEMPRE LOTAGÕES
ESGOTADAS

Hoje e sempre Hermínia Silva, a
mais popular artista, cantará para
o seu querido publico às 11 e 1 hora
da madrugada à frente de um gran-
dioso elenco.

ATENÇÃO 3.ª-feira grande home-
nagem à sua querida amiga, colega
e grande vedeta espanhola Carmen
de Lirio.

Marque a sua mesa pelo telef. 20164
ATENÇÃO: Quintas e sábados almo-
ços com fados e guitarradas

LUSO

T. Queimada, 8-A
Telef. 32889

Adult. M/ 17 anos
Hoje (até de ma-
drugada) cantam:
Amélia Maria —
Joaquim Gerales

Joaquim
Gerales

nhamentos por António Couto e
Pedro Leal.

QUINTA-FEIRA, 17.
Homenagem ao locutor-animador
MIGUEL SIMÕES

Amanhã: Grandiosa «Matinée»

HOJE, às 21, 45 no

AVIS
TELEFONE 47103



Eleonora Rossi DRAGO
Amadeo NAZZARI
Marcella MASTROIANNI

Realização de
CLEMENTE FRACASSI

San Lino
PONTI-DE LAURENTIIS

Distribuição
FILMITALLUS

A REFUGIADA

Sensualita

TRES SERES HUMANOS ESCRAVOS DOS SENTIDOS
Num Filme Sensacional
Mais violento que «DUELO AO SOL»
Mais apaixonante que «NANON»
Mais audacioso que «ARROZ AMARGO»
(ADULTOS)

EM 2.^a SEMANA NO
Maiores de 12 anos

CINEMA MONUMENTAL

AS 15,15 e 21,30



DANNY KAYE
Inspector Geral
Technicolor
— SÓ ATÉ AO DIA 8 —
O MAIOR CÔMICO DO CINEMA NO MELHOR DOS SEUS FILMES!
ELE CANTA! FAZ RIR! E AMA COMO NINGUÉM!

Tulm Beach Última apresentação do famoso «show» que constituiu o maior sucesso do Carnaval de 1960

LOS TRIANAS — JEAN LOUIS BERT et ILONKA — IDO BONI — Ballet GEORGES APFFEL
(Maiores de 17 anos)



ABC
(Emp. Teatral A.B.C. Ld.)
Tel. 366745
(17 Anos)
José Miguel apresenta

Carmen Esbri
As 20,30 e 22, 45
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
QUEM SABE, SABE...
com CARMEN ESBRI,
ALVARO PEREIRA, SOLNADO, MARIA ADELINA, MAX, HELENA TAVARES, ANTÔNIA MONTES, CARLOS COELHO, num grande «compère» e a nova artista MARIA JOÃO
Amanhã Esp. às 16 HORAS

PENSAO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

GRANDIOSA NOITE DA PINHATA
Pasapoga
Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

SÓ HOJE e AMANHÃ!

NO **VARIEDADES**
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam
REVISTA E' SEMPRE REVISTA!

UM GRANDE ESPECTACULO DE ALEGRIA POR UM ELENCO COLOSSAL!!!

Amanhã ultimo espectáculo á tarde. A noite — despedida

EM 2 SESSOES As 20.30 e 22.45 h.

Carmen de Lirio

Espec. p. ad. m/ 17 anos

AIDA BAPTISTA

COSTINHA

BERTA LORAN

O artista excentrico

COLÉ

A vedeta brasileira

LILIAN

LUISA DURÃO

e no «compère»

JOSE VIANA

UMA PEGA 6\$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

BAILE DE MÁSCARAS
E O MARAVILHOSO «SHOW-ESPECTÁCULO» COM

A FASCINANTE SUPER-VEDETA

AMPARITO VALCANERA

E O SEU EXTRAORDINÁRIO FRISO DE BELDADES EM

BALLET PASAPOGA

O NOTÁVEL BALLET HORÁCIO CASTANO

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — A REFUGIADA — AVIS

SÃO LUIZ
15,15 - 18,15 e 21,30 (M/12 anos)
2.^a SEMANA
JERRY NO JAPÃO
com o cómico JERRY LEWIS
Filme espirituoso de um colorido de invulgar beleza

EDEN
15,30 - 18,30 e 21,30 (M/17 anos)
O filme colorido
UM MORENO AUDACIOSO
c/ Mark Damon e Lili Gentle
Novo, audacioso, atiradico e valentão, não voltava a cara a nenhum... Nem a nenhuma!

ALVALADE
15,15 - 18,15 e 21,45 (M/12 anos)
2.^a SEMANA
JERRY NO JAPÃO
com o cómico Jerry Lewis
Filme espirituoso de um colorido de invulgar beleza

ODEON
15,15 - 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
Maria Felix e Arturo de Cordova em
QUARTA-FEIRA DE CINZAS
Um dia que marcou a fogo o corpo e a alma duma mulher.

ROYAL
21 h. (M/17 anos)
ORFÊU NEGRO ALFAIATE DE SENHORAS

CINEMA IDEAL
21,00 (M/12 anos)
ORGULHO E PAIXÃO
(em Vistavision)
CABECUDO DAS TRINCHEIRAS

TERRASSEL
21,00 (M/12 anos)
BABETTE VAI A GUERRA
HOMENS EM CASCA DE NOZ

TIVOLI
A's 9,30 da noite (M/12 anos)
NAMORADOS EM FÉRIAS
com Clifton Webb e Jayne Wygman
No Palco: **BALLET STAFFORD DANCERS** — 7 esculturais bailarinas, grande atracção de Londres e Paris
MARIA DEL RIO, 1.^o prémio do Festival de Veneza. **HALL, NOLAN & LADD**, sensacionais excêntricos musicais do «Lido» de Paris e **ORQUESTRA LOS NAPOLI**

Hoje e amanhã às 3.30 da tarde: espectáculo a preços reduzidos com variedades e filme.

POITEAMA
Telef. 26305
HOJE, às 15,15, 18,15 e 21,30
4.^a SEMANA
TRIUNFAL!
O maior acontecimento do ano! Sempre lotações esgotadas

CANTINFLAS na extraordinária farsa
O SOBE E DESCE
com Teresa Velazquez e «Borolas»
EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)

CONDES
15,15 - 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
4.^a SEMANA
Telef. 22523

O PASSARINHO DA RIBEIRA
com António Silva, Deolinda Rodrigues, Maria Cristina, Leônia Mendes, Humberto Madeira, etc.

AVIS
21,45 (Adultos)
Sensacional estreia
A REFUGIADA
Telef. 47163
c/ Rossi Drago e Amadeo Nazzari
A's 18,30 — Última sessão — «Totó procura paz» — (12 anos).

LIFE
21,00 (M/17 anos)
A AMADA INFIEL
A JUSTIÇA DE JESSE JAMES

IMPERIO
15,00 - 18,30 e 21,15 (M/17 anos)
2.^a semana do formidável êxito cinematográfico de Ingmar Bergman

SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
com Ulla Jacobsson
No palco, a grande vedeta internacional **LUIS ALBERTO DEL PARANA** e o trio «Los Paraguayos»

Atenção à hora do espectáculo
A 2.^a sessão da tarde não há variedades.

SÃO JORGE
15,15 - 18,15 e 21,30 (M/12 anos)
2.^a SEMANA
Norman Wisdom
aa impagável farsa
NORMAN NO PALCO
Um sucesso de gargalhada!

ROMA
Telef. 727778
A's 21,45 (Adultos)
MULHERES PERIGOSAS
deliciosa comédia c/ Sylva Koshina e Dorian Gray

Continua a apresentar os numeros de variedades integrados nos Espectáculos de Carnaval.

NOITE DA PINHATA
com baile até de madrugada
A's 15,30 e 18,30 (Adultos) só com o filme.

MONUMENTAL
Telef. 55131
A's 15,15 e 21,30 h. (M/12 anos)
2.^a SEMANA
O INSPECTOR GERAL
com Danny Kaye que tanto agradou ao publico durante as noites de Carnaval

RESTELO
Telef. 610375
21,15 (M/17 anos)
O DIÁRIO DE ANNE FRANK
c/ Millie Perkins e Shelley Winters
Cinemascope

CASINOWEST (M/17 anos)
(HOJE NÃO HÁ ESPECTACULO)

No ALGUEIRAO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por VITOR MANUEL PIRES DA SILVA.

Nova dificuldade para o Sporting na sua deslocação a Setúbal o «leader» parece tranquilo em sua casa

Novo recomeço do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e nova lufada de expectativa no que respeita não só à definição da candidatura mais sólida para o 1.º lugar como às possibilidades das equipas que tentam fugir dos últimos lugares.

A viagem do Sporting a Setúbal — onde se disputa o principal encontro — e a permanência do Benfica em Lisboa, são dois factos que além de sugerirem sortes antagónicas podem imprimir ao torneio um aspecto diferente, desde que a dificuldade que se depara aos «leões» não seja resolvida favoravelmente aos visitantes. Aliás, a perspectiva de uma derrota do 2.º classificado tem sido um aliciente de intensa ansiedade, embora o reverso da medalha, quebra do Benfica, constitua um objectivo de incoincido anseio.

A jornada, 20.ª e 7.ª da 2.ª volta, engloba os seguintes encontros:

V. Setúbal-Sporting
Benfica-Atlético
Belenenses-Leixões
Sp. de Braga-F. C. Porto
Sp. da Covilhã-V. Guimarães
Lusitano-Académica
Boavista-C. U. F.

EM SETÚBAL — O Vitória (12 pts.) tem até ao fim do campeonato sete jornadas inquietantes. Em três, actua em casa, mas dois dos adversários são o Sporting e o Belenenses. Por conseguinte, admite-se o emprego de todas as energias para aproveitar o parco quinhão que se lhe apresenta. Na verdade, os 12 pontos não são sinal de garantia para os setubalenses.

A previsão de um jogo disputadíssimo não constituirá uma fantasia. De facto, tudo se conjuga para tal objectivo. Quanto ao desfecho, afigura-se que o grupo «leonino» sairá satisfeito do difícil campo dos Arcos.

NA LUZ — O Benfica (34 pts.) recebe o Atlético (16 pts.) e, naturalmente, não deixará de pensar na deslocação do Sporting e na circunstância de não ter perdido até à data. Na verdade, o «record» dos benfiquistas sugere todos os estímulos por forma a levar de vencida os alcantarenses.

NO RESTELO — Isolado no 3.º lugar, o Belenenses (26 pts.) defronta no seu campo o Leixões (17 pts.). O abaixamento de forma dos matosinhenses não parece propício a causar apreensões aos «azuis», pelo que a vitória destes se apresenta como natural.

EM BRAGA — Os bracarenses (12

pts.) precisam do triunfo, a fim de se safarem da zona perigosa. O F. C. Porto (22 pts.) não será contudo um adversário fácil, tanto mais que o encontro reaviva uma rivalidade tradicional no Norte do País. O em-

Jogos em Lisboa: Benfica-Atlético Belenenses-Leixões

pate afigura-se o desfecho mais provável.

NA COVILHÃ — Os locais (18 pts.) defrontam os vimaranenses (20 pts.). Prevê-se um encontro equilibrado com a vitória a pender para a equipa que disponha de avançados mais expeditos. Os covilhanenses podem ganhar.

EM EVORA — O Lusitano (15 pts.) pretenderá afastar-se dos últimos, parecendo que a Académica (18 pts.) não evitará a concretização dos anseios dos locais.

NO PORTO — A deslocação da C. U. F. (14 pts.) ao campo do Bessa justifica o rótulo de perigosa dado que o Boavista (9 pts.) ainda não se convenceu da sua dramática situação, de último classificado. O empate está ao alcance dos cufistas.

Equipas prováveis

V. SETÚBAL — Mourinho; Polido (ou Soares) e Virgílio; Casaca, Vaz e Alfredo; Inácio, Bira, Jacinto, Miguel e Pompeu.

SPORTING — Octávio Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Vadinho, Fernando, Diego e Moraes.

BENFICA — C. Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Neto; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

ATLETICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Tomé, Germano e Orlando; Angeja, Carlos Gomes, Brandão, Tito e Puché.

BELNENSES — José Pereira; Rosendo e Carlos Silva; Marcelino, Paz e Vicente; Dias (ou Yauca), Matateu, Chaves, Abdul e Estêvão.

LEIXÕES — Roldão; Pacheco e Raul II; Ventura, Raul I e Carlos

Alberto; Medeiros, Aparício, Oliveira II, Massey e Nunes.

SP. BRAGA — Faria; José Maria Azevedo e Narciso; Armando, Calheiros e Trenque; José Maria Matos, Caraballo, Teixeira, Passos e Fernando Mendonça.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Morais (ou Teixeira), Arcanjo e Monteiro da Costa; Montano, Hernani, Daucik, Ferreirinha e Humaitá.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Coreles; Gabriel, Amílcar, Suarez, Ilo Caldas e Walter.

VITÓRIA DE GUIMARAES — Pinho; Daniel e Abel; Caçara, Silveira e João da Costa; Bartolo, Edmundo, Carlos Alberto, Romeu e Rola.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Pesca (ou Vicente); Falé e Joab; Palmeiro Antunes, Ivson, Caraca, José Pedro e Fialho.

ACADEMICA — Maló; Araújo e Mesquita; Helder Lino, Marta e Torres; Jorge Humberto, Chipenda, Curado, Gaio e Rocha.

BOAVISTA — Zeca (ou Levi); Franco e Artur; Alcino, Manero e Campos; Garcia, Fernando Kovacs, Adriano e Germano.

C. U. F. — José Maria; Orlando e Abalroado; Oliveira, Palma e José Luis (ou Carlos Alberto); Gastão, Salvador, Pedro Silva, Faia e Uria.

Os juniores da A. F. Lisboa jogam amanhã na Tapadinha contra a selecção do Porto

O 5.º encontro entre as selecções de futebol, de juniores, das Associações de Lisboa e do Porto, está apazado para amanhã, às 10.30 h., no campo da Tapadinha.

Desta maneira, os jovens jogadores nortenhos retribuem a visita que os lisboetas lhes fizeram há oito dias, fornecendo, assim, ensejo para uma desforra.

A circunstância de mediar, apenas uma semana entre os dois encontros, longe de esfriar o interesse por esta nova pugna, fá-lo aumentar, dado que os lisboetas não estão conformados com a derrota sofrida no último domingo, pela marca tangencial de 1-2.

Na verdade, a vitória dos nortenhos pela diferença mínima, deixa adivinhar equilíbrio de valores, nivelamento de possibilidades e permite pensar que o triunfo está, perfeitamente, ao alcance da equipa de Lisboa. De mais a mais, os responsáveis pela turma da A. F. L. alteram a constituição da equipa, em relação à que há uma semana jogou nas Antas, no Porto, convictos de que assim obterão um maior rendimento dos seus seleccionados.

Por outro lado, a rivalidade Lisboa-Porto é sempre um bom aliciente para qualquer despieque.

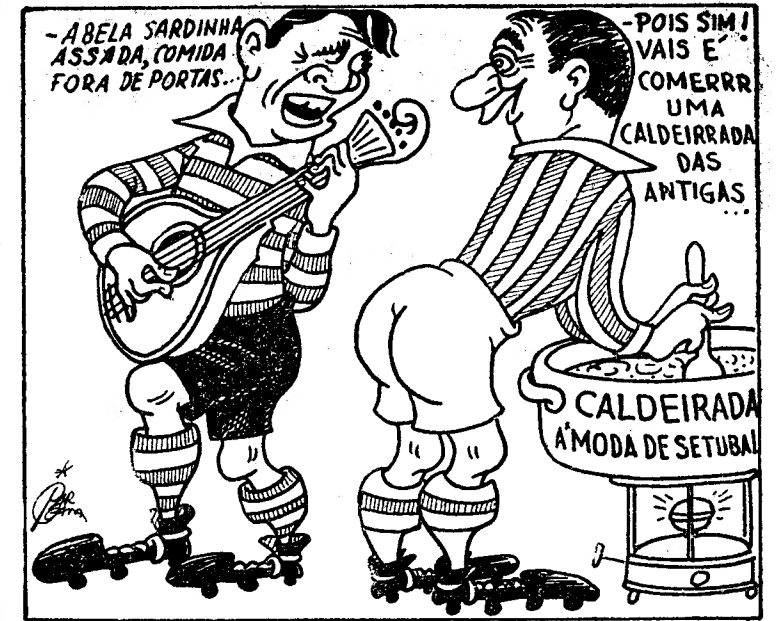
O vaticínio não se apresenta fácil, mas pode ter-se como certo que os portugueses, ambicionando confirmar o êxito de há oito dias, e os lisboetas, tentando arduamente a desforra, vão empenhar-se ao máximo para não sofrerem deslizes.

Gra, quando os jogadores sentem entusiasmo pelo despieque, pondo toda a sua boa vontade na conquista do triunfo, não pode duvidar-se que a luta tem bons atractivos.

Outras competições da A. F. L.

As restantes provas que a A. F. L. tem presentemente em curso, com excepção da Taça «Félix Bermudes» (reservas), interrompidas no último domingo, por motivo da quadra do Carnaval, retomam amanhã o seu rumo, fornecendo o seguinte programa:

CAMPEONATO DISTRITAL DA II DIVISÃO — Odivelas-Santa Iria, no campo «Diogo José Gomes»; Ericeirense-Vialonga, no campo «Henrique Tomás Frades»; Char-



— Irá Setúbal arranjar uma indigestão ao Sporting?

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

“Saídas” difíceis dos subguias na 20.ª jornada da prova

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão retoma amanhã o seu curso, interrompido pela quadra carnavalesca, para nos dar a sua 20.ª jornada, já dentro do último terço da competição.

O interesse da prova mantém-se e por certo não desaparecerá senão com o termo do despieque. Pode a expectativa ser menos viva em relação ao 1.º lugar da Zona Norte e ao último da Zona Sul, dado que o Salgueiros e o Arroios estão a boa distância dos seus mais próxi-

mos competidores. Mas, as posições de real importância não são só as que eles ocupam. Compreende-se, portanto, o entusiasmo que a luta oferece.

Vejamos, entretanto, as perspectivas para amanhã.

Os jogos da Zona Norte

O programa da Zona Norte inclui os seguintes desafios:

Espinho-Sanjoanense	(2-5)
Peniche-Acad. de Viseu	(1-1)
Marinhense-Chaves	(0-1)
U. Coimbra-Torriense	(1-3)
Vila Real-Caldas	(1-1)
Beira Mar-Vianense	(0-4)
Oliveirense-Salgueiros	(1-3)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

Os jogos de maior importância são os de Marinha Grande e de Vila Real. Num e noutro, as equipas locais impõem-se mais decisivamente quando actuam entre o seu público e, também, num e noutro caso os grupos visitados têm justificadas aspirações ao 2.º lugar. Dando como mais provável que o Peniche irá conquistar a sua 1.ª vitória na 2.ª volta do torneio compreende-se facilmente o interesse dos dois referidos jogos, cujo vaticínio quanto ao vencedor não é fácil.

Vêm a seguir os encontros de Espinho, de Aveiro e de Coimbra, com os locais a darem tudo por tudo para alcançarem desforras, que bem podem surgir.

O desafio em que intervem o Salgueiros, em Oliveira de Azemeis tem, inevitavelmente, condições de muito agrado, mas o interesse fica limitado por se saber que o «guia» da classificação não corre perigo, mesmo que perca, o que pode bem acontecer.

Os desafios da Zona Sul

Na Zona Sul teremos:

Montijo-Lusitano	(0-1)
Barreirense-Arroios	(5-2)
Farense-Desp Beja	(2-0)
Almada-Juventude	(0-1)
Serpa-Portimonense	(1-7)
Olivais-Oriental	(3-3)
Estoril-Olhansense	(0-2)

Entre parentesis os resultados que se verificaram nos jogos da 1.ª volta.

Pelo risco que o Oriental corre de perder o seu 2.º lugar, na sua deslocação aos Olivais e pelo que tem de difícil o prognóstico quanto ao vencedor, este jogo entre as duas equipas lisboetas é bem o n.º 1 da prova.

Os dois grupos que se seguem na tabela — o Olhanense e o Portimonense — têm «saídas» cuja principal dificuldade reside na posição que os adversários ocupam na tabela e que os força a aplicarem-se a fundo. Cremos, no entanto, que os algarvios não perderão, o que não quer dizer que ganhem. Entretanto, no Barreiro decorrerá o jogo mais desnivelado da «poule», pois os locais, «guias» da classificação terão na sua frente o «lanterna-vermelha».

Outro jogo de muito interesse é o Almada-Juventude, pois os dois grupos são penúltimo e antepenúltimo da classificação. Prevemos vitória difícil dos visitados e como tal pouco folgada.

No Montijo e em Faro, os locais merecem favoritismo.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — A A. A. L. faz disputar duas competições — uma de corta-mato, outra de pista, a abrir a época.

«Torneio de Equipas» se designa a primeira, marcada para os terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 9.30, na distância de 5.000 metros e destinada a seniores, juniores e principiantes.

«Torneio de abertura» se denomina a 2.ª reservada a principiantes, juniores e seniores, havendo, ainda, provas extras para aspirantes. A partir das 10 h. na pista do Estádio Nacional, com 110 metros barreiras, 100 m., 400 m., 1.500 m., altura, triplo salto, peso, dardo, 4x100 m., 80 m. (asp.) e 700 m. (asp.).

AUTOMOBILISMO — Última jornada da Volta a Portugal. Disputam-se as três últimas etapas (5.ª, 6.ª e 7.ª) e realiza-se junto ao Casino do Estoril a última prova complementar (perícia e travagem).

BASQUETEBOL — Jogos da A. B. L. em atraso: infantis — Sporting-Liberdade, no Passadigo; às 10 e 30; Queluz-Atlético, em Queluz, às 10 h.; Sacavenense-Sporting A, em Sacavém; às 10 e 30 h.; juniores — Queluz-Atlético, em Queluz, às 9 h. e Sacavenense Sporting A, em Sacavém, às 9.30 h.

CICLISMO — A quarta jornada da temporada da A. C. Sul, inclui as terceiras provas do campeonato regional de fundo, para as categorias de amadores, juniores e inde-

pendentes. Ambas as corridas são no sistema «contra-relógio», na distância de 75 e 100 quilómetros, respectivamente. Os amadores-juniores começam a partir às 7.30 h. com intervalos de 5 minutos, seguindo-se imediatamente os independentes.

DESPORTO CORPORATIVO — Prosseguem os campeonatos de basquetebol e de futebol, do distrito de Lisboa.

Em basquetebol 1.ª Divisão, os Ferroviários do Barreiro jogam contra a S. C. Guerin, no Barreiro, às 10 h. Em futebol, começa a fase final do campeonato da 2.ª Divisão, na Picheleira, com os desafios Fab. Simões-A. Gaudêncio, Covina-Comp.

(Continua na 13.ª página)

NOVO «RECORD» MUNDIAL estabelecido por uma nadadora

HOBART, Tasmania, 5. — A nadadora Pat Duggan estabeleceu um «record» mundial das 100 jardas livres, com 10,6 segundos — isto é: 0,3 segundos menos do que o «record» anterior.

Betty Cuthbert e Marlene Mathews terminaram a prova com 10,8 e 10,9 segundos, respectivamente. — (A. N. I.).

A tragédia de Agadir

Uma numerosa família de marítimos algarvios há anos em Marrocos foi enlutada pela tragédia

Em Marrocos há uma numerosa colónia de Algarvios, principalmente marítimos, que ali se enraizaram e constituem família, entregues à pesca, labutando nas indústrias subsidiárias e exercendo outros misteres, quase sempre relacionados com a vida do mar. Famílias inteiras que vão para lá, outras que ali se constituem, espalhadas por várias zonas propícias às suas actividades, mas principalmente em Agadir, porto pesqueiro, onde era intensa a acção dos pescadores e onde os Algarvios se estabeleceram em grande número, imprimindo-lhe uma feição especial, com os seus costumes e hábitos característicos e até as suas típicas embarações, as quais davam uma nota marcante da presença dos ma-

Clarisse e do José Fernandes Arneiro, também chamado José Fernandes Arneiro, foi necessário estabelecer procurações e legalizar documentos.

A senhora Maria Angelina Fernandes Barata e seu marido vivem horas de tremenda angustia, desde as primeiras notícias da tragédia de Agadir, na cruciente incerteza da sorte dos seus parentes, entre eles o irmão, Angelino Fernandes. E hoje, o «Diário de Lisboa», que lhes tem fornecido informações provenientes de Marrocos, cumpriu a triste missão de lhes comunicar as notícias do seu enviado especial sobre a perda de seus tios, Joaquim Faleiro e Clarisse Fernandes Faleiro, e de seu primo, o pequeno José, filho do casal, restando desse núcleo dos seus próximos parentes apenas o Indalécio, a quem a tragédia roubou os pais e o irmão.

Sobrevivem, contudo, felizmente, outros componentes dessa numerosa família algarvia, agora enlutada pelo cataclismo, que subverteu vidas e bens de alguns dos seus, cujo destino os levou um dia para Marrocos, impelidos pela aventura e pelo sonho de uma vida melhor.

Agadir — cidade proibida

(Continuação da 1.ª página)

der á demolição completa e desinfecção das ruínas. De facto, os sobreviventes só podiam escapar ao perigo de epidemia se assim se procedesse. O príncipe calcula que houve 10 a 12 mil mortos, dos quais se enterraram apenas 4 mil. Contaram-se 25 mil refugiados, no máximo, e nos hospitais deram entrada 2 mil feridos. Segundo o príncipe, devem ter ficado sob os escombros 6 a 8 mil corpos, que é humanamente impossível alcançar. As probabilidades de encontrar ainda sobreviventes

são praticamente nulas. E, no entanto, ainda ontem de manhã se encontraram duas rapariguitas, feridas, mas vivas, nas ruínas de um hotel. Anteontem apareceu uma marroquina com a criança que dera á luz sob os escombros, depois do terramoto, e ambas se encontravam sãs e salvas.

Receia-se que tenham morrido 800 dos espanhóis que residiam na cidade, e 1.000 dos numerosos judeus que habitavam Agadir. Entre os marinheiros franceses e famílias desapareceram 70 pessoas.

Os feridos estão a ser tratados em todos os hospitais de Marrocos. O

pessoal médico e de enfermagem, com os reforços que vieram de vários países, é suficiente. Têm surgido também os aparelhos necessários para operações pouco vulgares, graças a apelos lançados pela rádio e imediatamente atendidos.

As brigadas internacionais de salvamento, tropas e pessoal da Cruz Vermelha iniciaram hoje a segunda fase da sua operação de misericórdia: reabilitar milhares de refugiados e limpar Agadir. Todos os que se encontram ainda sob os escombros devem ser considerados mortos. O anel de tropas marroquinas mantém Agadir fechada, como uma cidade proibida.

O ABANDONO DA TORRE DE COMANDO DA BASE AEREA

As autoridades norte-americanas anunciaram que a torre de «controle» da base aérea de Agadir foi evacuada ontem á noite por motivos de segurança.

Com efeito, a torre constitui o mais elevado edifício da base e já sofrera ligeiros prejuízos no terramoto de segunda-feira á noite.

Os aviões que aterraram e descolam da base de Agadir estão a ser controlados com sinalização portátil, dotada de geradores de energia individuais.

DURANTE CINCO SEMANAS A CIDADE ESTARÁ ISOLADA DO MUNDO

A guerra contra os cães raivosos, as ratas e os chacais que assolam as ruínas prossegue na cidade isolada do Mundo, as tropas marroquinas tiveram de abrir fogo de pistola metralhadora durante a noite para afastar os chacais que remexiam os destroços á procura de cadáveres. Mais alguns marinheiros franceses foram mordidos por cães e gatos raivosos e tiveram de ser transportados para Casablanca.

Estão intensificados os preparativos para a desinfecção das ruínas com cerca de 800 toneladas de D. D. T.

Afirma-se que Agadir será uma cidade esquecida durante cinco semanas, apertadamente vigiada por 5.000 soldados.

Apenas 600 homens receberam autorização para entrar em Agadir, mas serão submetidos a rigorosa quarentena num campo especialmente preparado. — (F. P. e R.).

MAIS SISMOS

no Norte de África

CASABLANCA, 5 — Segundo um comunicado da Força Aérea norte-americana, o sismo que esta noite se registou em Agadir não causou desastres pessoais nem prejuízos.

Em Philippeville, próximo da costa do Mediterrâneo, verificaram-se também três ligeiros abalos sísmicos — o primeiro ás 4,20 (T. M. G.), seguido dos outros, com intervalos de quatro a cinco segundos.

Não há notícia de prejuízos. — (R.).

ARGEL, 5. — Registou-se esta manhã, uma série de três abalos de terra, com epicentro em Constantina, a cerca de 300 quilómetros desta cidade.

Não há notícia de prejuízos materiais ou pessoais. — (A. N. I.).

Em Casablanca

(Continuação da 1.ª página)

aeroporto, soltando o seu apelo estridente, que rasga a tarde sufocante de calor. Não há um sorriso nos rostos que nos enfrentam nos «guichets». Os movimentos do pessoal são vigorosos, rápidos, secos. Os rostos estão tensos e a delicadeza que nos acolhe é agora mais epidémica e profissional. Não há tempo a perder.

É em Casablanca que pulsa agora o coração de Marrocos, pois aqui se concentra toda a actividade que se relaciona com a tragédia de Agadir — os socorros aos feridos transportados com mil cuidados, o apoio aos sobreviventes evacuados e os trabalhos relativos ao futuro da cidade-mártir. Agadir está morta — Casablanca é o vasto hospital da catástrofe. Na proximidade da morte, a vida aqui assume o seu verdadeiro significado. Grandiosa, de pé, com o orgulho do seu aeroporto monumental e da sua vida europeizada. Casablanca é hoje o espelho de um Marrocos angustiado, mas não vencido. O seu luto é branco, mas silencioso. Reagiu á tragédia com a decisão e o vigor de um país que luta pelo futuro, o futuro que é a própria imagem da vida. Agadir foi a cidade-mártir de uma catástrofe absurda e brutal — e o Mundo estremeceu. Mas o Mundo apressou-se a dar o seu sangue por Agadir e todos nós a reconstruiremos. É o símbolo de uma derrota que não é irremediável. A Natureza venceu o homem, mas o homem vencerá a dor.

ARTUR PORTELA FILHO

ANSIEDADE EM OLHAO

onde se esperam notícias dos Portugueses residentes em Agadir

OLHAO, 5 (Pelo telefone) — A medida que passam as horas, aumenta a ansiedade pela sorte dos naturais desta vila que se encontravam em Agadir. Entre muitos outros encontravam-se ali, há dez meses, Maria Bertine Santos da Conceição, natural desta vila, de 21 anos, solteira, sua mãe Alice dos Santos, e um garoto de dez anos, que se haviam ido reunir ao pai e marido, Pedro da Conceição, membro da família de António Santana, de Portimão, proprietário de vários barcos da pesca da sardinha. Também ainda não há notícias de Joaquim de Jesus, marítimo, de 39 anos, casado com Maria Julia, esta moradora em Olhao, na Travessa do Juiz, 20, e de José Rodrigues da Cruz, de 30 anos, barbeiro, que estava em Agadir há quatro anos e se sabe que ia ali casar-se agora.



Uma família algarvia há muitos anos fixada em Agadir: o marítimo José Fernandes Arneiro, sua mulher, Maria Cristina Salvador Arneiro, e seu filho, Tolentino Pires Fernandes, hoje um homem de 22 anos



Angelino Fernandes e sua filha, Alina

rítimos do Algarve no porto agora em ruínas e atravancado de escombros.

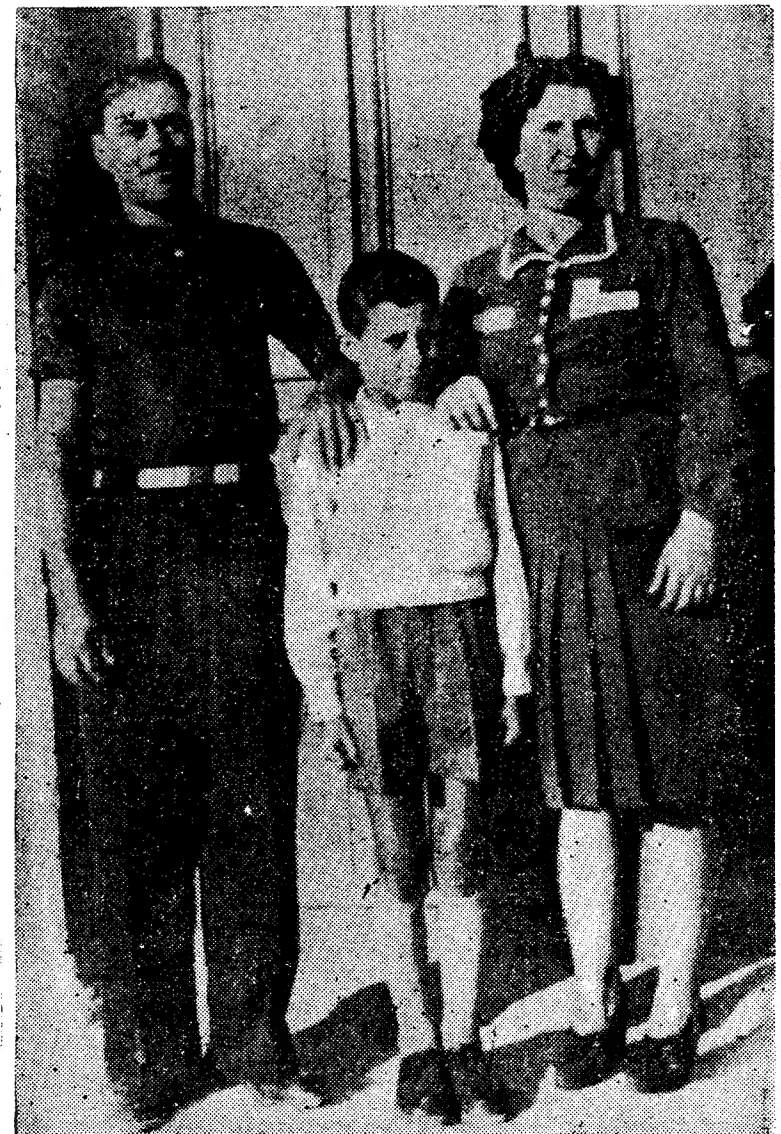
De uma mesma família algarvia espalhou-se por Marrocos um núcleo de umas vinte pessoas, onde das quais fixadas em Agadir, é gente do arrabalde de Tavira, com parentes no Algarve e em Lisboa. Aqui, na capital, vive a sr.ª Maria Angelina de Jesus Fernandes Barata, costureira da lavanderia do Hospital de S. José, casada com o sr. José Lourenço Barata, porteiro do Sanatório do Lumiar, há 14 anos, residentes na Alameda das Linhas de Torres, 109, 2.ª.

O destino levou-os para Agadir

As onze pessoas da família da sr.ª Maria Angelina Barata, estabeleceram-se há muitos anos em Agadir. Para ali foi, uns quinze anos atrás, o seu irmão, Angelino de Jesus Fernandes, nascido em Conceição de Tavira, maquinista marítimo. Ainda rapaz, trabalhava de dia e estudava um curso nocturno. Fraco do peito, chegou a estar internado num sanatório e, por morte dos pais, teve de dar novo rumo á vida, seguindo para Marrocos, onde já viviam seus tios e outros parentes. Ali se casou com Maria da Graça Fernandes, de Vila Real de Santo António, que conta hoje 30 anos e para lá fora ainda criança. O casal, com seus dois filhos, Alina e Albino, entre os seis e sete anos, residia em Agadir, na Rua de Meknés, bloc 2, n.º 8, L. J.

Em Agadir estavam, também, há muitos anos, os tios do casal Barata, também naturais de Conceição de Tavira: Clarisse Pires Fernandes Faleiro, de 40 anos, e seu marido, Joaquim Maria Faleiro, de 47, marítimo, com dois filhos, Indalécio Pires Faleiro, de 22, e José, de 11, nascido em Marrocos. O outro tio, irmão da Clarisse, José Fernandes Arneiro, de 50 anos, também marítimo, é casado com Maria Cristina Salvador Arneiro, da mesma idade, havendo um filho do casal, Tolentino Pires Fernandes, de 22 anos.

A sr.ª Clarisse Faleiro esteve, o ano passado, no Algarve, em casa de sua mãe, a sr.ª Maria de Jesus Pires, agora viúva. E ainda há cerca de duas semanas a sr.ª Maria Angelina Barata teve notícias da tia Clarisse, pois, em resultado do falecimento, no Algarve, em Outubro, daquele seu avô e pai da



Joaquim Maria Faleiro e sua mulher, Clarisse Pires Fernandes Faleiro, mortos em Agadir, onde também perdeu a vida seu filho, José, de onze anos. Na gravura vê-se outro filho do casal, Indalécio, que sobreviveu á tragédia e conta hoje vinte e dois

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

ADEGA MACHADO

HOJE, TRADICIONAL

BAILE DA PINHATA

COM FADOS E GUITARRADAS

Marque a sua mesa pelo Telefone 30095

(Maiores 17 anos)

Tomou posse do cargo de presidente do Município de Oeiras o sr. arq. Cabral Macedo

No gabinete do chefe do distrito, efectuou-se hoje, ao meio-dia, o acto da posse do novo presidente da Camara Municipal de Oeiras, sr. architecto António Cabral Macedo. O amplo gabinete encheu-se, vendo-se entre a assistência os vereadores daquele Município e individualidades em destaque do referido concelho.

Depois do sr. architecto Cabral Macedo ter lido o compromisso de honra, o sr. dr. Norberto Costa, secretário do Governo Civil leu o acto de posse que em seguida foi assinado.

Depois o sr. eng. Alvaro Roquete, presidente cessante do referido Município, fez o elogio do chefe do distrito e destacou a sua acção e as suas qualidades de caracter e de coração. Prosseguindo, destacou as qualidades de saber e de caracter do sr. architecto Cabral Macedo, seu sucessor, e fez votos para que fosse muito feliz na administração do concelho de Oeiras.

A seguir, o sr. dr. Osório Vaz, governador civil do distrito, disse da sua satisfação em dar posse ao sr. architecto Cabral Macedo, e agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas pelo sr. eng. Roquete, do qual elogiou as qualidades de trabalho demonstradas



O novo presidente do Município de Oeiras lê o compromisso de honra

durante o exercício das funções de presidente da Camara.

Referindo-se ao novo presidente do Município de Oeiras, afirmou que estava certo de que ele era um digno sucessor do sr. eng. Alvaro Roquete.

Por fim, o sr. architecto António Cabral Macedo saudou o sr. governador civil e agradeceu-lhe a prova de confiança que nele depositou, nomeando-o para aquele cargo. Teve palavras de saudação para com o sr. ministro do Interior e representantes da União Nacional.

Amplia-se o movimento para a reinstalação em Coimbra da Faculdade de Farmácia

COIMBRA, 5. — Intensifica-se, com expressivas manifestações de apoio ao movimento em prol da reinstalação na Universidade de Coimbra da sua antiga e prestigiosa Faculdade de Farmácia, registando-se, entre aquelas manifestações a solidariedade da Camara Municipal de Condeixa, juntando o seu voto ao do Município coimbricense.

O jornal de Vigo, «El Pueblo Gallego» faz-se eco desse largo movimento.

As Festas da Rainha Santa

Preparam-se activamente as tradicionais e famosas Festas da Rainha Santa, que se realizam em Junho e cujos sugestivos cartazes anunciadores vão ser profusamente afixados pelo País e enviados para o estrangeiro.

As relações

entre a União Indiana
e o território de Goa

NOVA DELHI, 5 — O primeiro-ministro Nehru anunciou, no Parlamento, que o Governo indiano está a estudar os planos para a abertura de uma nova via de acesso ao território de Goa.

Salientou que, antes de poder ser tomada qualquer decisão sobre o assunto, há necessidade de examinar vários problemas, como os dos transportes, novos postos aduaneiros e serviços de emigração. — (A. N. I.).

nha Santa, que trazem a Coimbra milhares de visitantes de todo o País e do estrangeiro. Na ultima reunião da comissão central, sob a presidência do sr. dr. Moura Relvas, presidente do Município, foi comunicada a contribuição de 25 contos, por parte da União de Grémios de Lojistas.

Hoje, no átrio do edificio da Camara Municipal abriu ao publico a grande exposição dos valiosos prémios do sorteo a favor do Refugio Rainha Santa Isabel e das festas que se realizam em Junho e cujos sugestivos cartazes anunciadores vão ser profusamente afixados pelo País e enviados para o estrangeiro.

Exposição de arte e livros infantis

No Museu Machado de Castro abriu hoje a exposição de trabalhos do pintor Tomás de Melo (Tom).

(Continua na 14.ª página)

POR FAVOR!
NAO ESQUEÇA!
NAO CONFUNDA!

A GRANDE OURIVESARIA
DA MODA é na RUA DA PRA-
TA, 257, com mais de meio
século de existência.

As comemorações do Dia da Marinha

Foram inaugurados os centros de Operações «Controle» e Comunicações

Hoje, segundo e ultimo dia das comemorações da Marinha, o primeiro numero do programa foi a inauguração oficial, no respectivo Ministério, das instalações que constituem um conjunto formado pelo Centro de Operações Navaes, pelo «Contrôle» Naval Geral de Navegação Mercante e pelo Centro de Comunicações da Armada.

O Centro de Operações destina-se a permitir a condução de forças navais e aéreas de cooperação naval, no desempenho das suas missões em águas do Continente. Compreende uma sala de operações, um registo operacional, um gabinete de informações militares e salas de estudo, de planeamento e de reuniões. A sala de operações dispõe de mapas em grande escala, onde se representam as posições e os movimentos das forças inimigas, próprias e aliadas, e de quadros onde se registam as informações relativas áquelas forças, de modo a poder ajuizar-se facilmente da situação na área.

Reflectindo o carácter aeronaval das operações no mar, foram as instalações concebidas por forma a que fosse exercido, lado a lado, o

«contrôle» das forças aéreas e navais.

No «Contrôle» Naval de Navegação Mercante, reúnem-se informações sobre a situação dos nossos navios de comércio e de pesca a fim de poder dar-se-lhes, numa emergência, as instruções necessárias á sua segurança. São ali assinaladas, em grandes mapas, as posições desses navios em todo o Mundo, sendo registados os seus movimentos em quadros apropriados.

O Centro de Comunicações assegura as ligações necessárias á condução das operações e ao «contrôle» de navegação. Está ligado á Estação Radionaval «Comandante Nunes Ribeiro», da rede do Minis-

tério da Marinha, por intermédio da qual são estabelecidas comunicações com forças e comandos navais, no Continente e no Ultramar, e com determinados comandos da N. A. T. O. Este Centro serve também todos os organismos de Administração Central de Marinha, e por ele circula tráfego militar para o Secretariado Geral da Defesa Nacional. Será igualmente o fulcro da Rede de Comunicações Militares Ultramarinas que servirá os três ramos das Forças Armadas. Tem, pois, de dar andamento a um volume considerável de mensagens, sem perdas de tempo e sem que-

(Continua na 10.ª página)

DE
48



1 par de
meias

Sabrin

NYLON-DUPOIN

QUALIDADE EXTRA

Oferta!

De

CONTRA A ENTREGA
DE 2 TAMPAS *
DE PACOTES GRANDES
OU 3 DE PACOTES
PEQUENOS E APENAS
10\$00

* ATENÇÃO: Só são válidas as tampas superiores dos pacotes
onde está impresso "FABRICADO EM PORTUGAL"

Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!
LEVANTANDO 50%
DO VALOR
DA SUA PROPRIEDADE
JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA
ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO
R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

dos
ções

intermédio
s comuni-
candos na-
Ultramar,
mandos da
serve tam-
de Admi-
arilha, e
ilitar para
Defesa Na-
fulero da
Militare,
a os três
das. Tem,
a um vo-
mensagens,
sem que

(gina)

ar de
ias

reina

N - DUPONT

ADE EXTRA

a!
et



acotes
CADO EM PORTUGAL"

A G. N. R. e a Polícia procuram os autores dos últimos assaltos em Tavira

TAVIRA, 5. (Pelo telefone). — A freguesia rural de St.º Estêvão vive alar-
da com os assaltos constantes, ultima-
mente verificados, de um dos quais re-
sultou o assassinio do proprietário José
Mateus Brito que a Polícia e a G. N. R.
estão a investigar.

Têm sido feitas algumas prisões pre-
ventivas, três das quais ainda se man-
têm: dois indivíduos, um deles cadas-
trado, e uma mulher, que estão sendo
interrogados por um inspector da P. J.
e por dois auxiliares. Ao mesmo tem-
po têm prestado declarações outras pes-
soas, entre as quais a viúva do assassi-
nado. Este era homem que vivia sem
dificuldades mas que normalmente era
portador de pouco dinheiro. No local do
crime foi encontrado o seu porta-mo-
edas com cerca de 120\$00. A viúva in-
formou os investigadores de que se seu
marido não efectuou qualquer venda
não deveria possuir na altura avultada
quantia.

Há muito que consta que, na região,
uma quadrilha organizada se esconde
em qualquer zona arborizada para de-
pois lançar de imprevisito os seus ata-
ques em plena noite ou madrugada e
de que dela farão parte presidiários re-
centemente saídos da cadeia, sem modo
de vida definido e que continuam na
prática do crime.

Ontem à noite verificaram-se novos assaltos

Os assaltos a pessoas em estradas e
residências têm-se sucedido em ritmo im-
pressionante. Ainda ontem à noite, ape-
sar do patrulhamento de alguns locais,
se verificaram algumas tentativas tendo
os alvejados gritado aflitivamente por
socorro, nas imediações do cemitério e
da igreja de Santo Estêvão. Os elemen-
tos da G. N. R. que se encontravam
naquela zona acorreram prontamente
mas não puderam deitar a mão aos
gatos que se puseram em fuga.

Noutro local foi alvejada a residên-
cia do sr. Joaquim Enes Carreira. Este
e os seus familiares juntamente com
populares fizeram uma batida no local
sem encontrarem os gatos.

Presume-se que a quadrilha tenha o seu coito em qualquer zona arborizada

Entretanto as batidas da G. N. R. em
toda a região prosseguem de dia e de
noite. O plano estabelecido compreende
uma surtida a várias zonas difíceis e
arborizadas onde se suspeita que os ga-
tunos tenham montado o seu «quartel
geral», a avaliar pelas constantes proe-
zas nos últimos tempos que se revestem
de puro vandalismo, como foi o assas-
sinio do proprietário José Mateus Brito.
As investigações vão certamente dar
origem a mais prisões pois não se exclui
até a hipótese de o criminoso ou crimi-
nosos se encontrarem naquela freguesia.

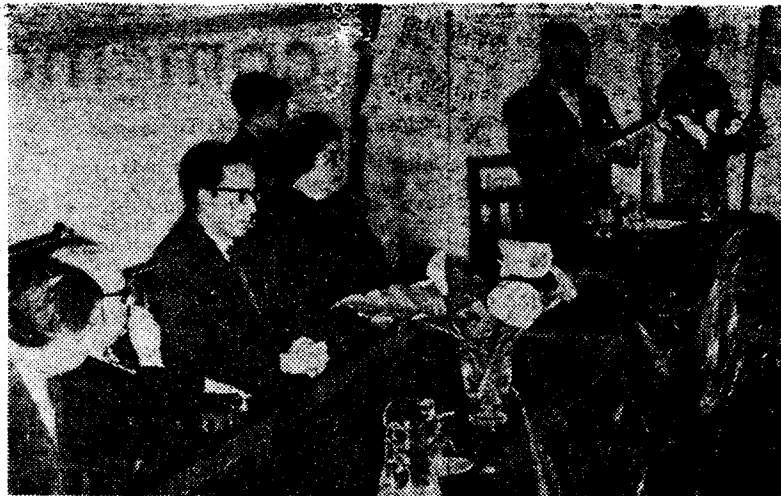
Atropelou um homem matando-o e pôs-se em fuga mas já foi preso

AGUEDA, 5. (Pelo telefone). —
Pelas 21 horas de ontem, foi atro-
pelado mortalmente por uma furgo-
neta na estrada Lisboa-Porto, no
local de Alagoa, junto a esta vila.
António Moreira, casado, de 23
anos, natural da Borralha e resi-
dente em Vide, Séver do Vouga.

O causador do acidente e condu-
tor da furgoneta, Fernando Antó-
nio Pereira, de 20 anos, de Paço,
Valongo do Vouga, pôs-se em fuga,
abandonando a sua vítima.

Na estrada foram encontrados
fragmentos do farol da frente. A
Polícia de Viação e Transito pôs-se
em campo e foi encontrar o condu-
tor na sua residência, às 10 horas
de hoje. Foi preso e entregue ao
poder judicial desta comarca.

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca



O prof. Rui de Carvalho, usando da palavra, na sessão comemorativa do V Cen-
tenário do Infante, no Liceu Passos Manuel

O Infante D. Henrique foi evocado esta manhã numa sessão efectuada no Liceu Passos Manuel

As 12 horas, num anfiteatro do
Liceu de Passos Manuel, efectuou-
se uma sessão comemorativa do
V Centenário da morte do Infante
D. Henrique, a que assistiram os
membros do corpo docente daquele
estabelecimento de ensino e cen-
tenas de alunos.

Em primeiro lugar, usou da pa-
lavra o reitor do Liceu, sr. dr. Guer-
reiro Murta, que falou sobre «Sa-
gres na lenda, na História e na
poesia», começando por dizer que
evocar os nossos heróis e grandes
figuras era uma obrigação. Em se-
guida, descreveu o histórico pro-
montório, debruçado sobre «o mar
austero e místico» que tomara as
características daqueles que o in-
terrogavam, desejosos de desven-
dar as suas distancias e segredos.
O mar desconhecido era, então, um
lugar habitado por monstros e fan-
tasmas a que se ligavam credences
e superstições. Em certos pontos
da Europa, salvar um naufrago
significava roubar uma presa ao de-
mónio... A baixa-mar anunciava a
morte.

Num interessante relato, tocan-
do assuntos que prenderam comple-
tamente a atenção dos alunos, o
dr. Guerreiro Murta passou depois
a falar da poesia que, em volta de
Sagres e do Infante, concentrara a
sua inspiração. Relacionou o mar
com os primeiros passos da nossa
arte poética, em que ele tantas
vezes se patenteia e insistentemente
referindo-se aos cancioneiros, a
Garrett, João Lucio, Candido Guer-
reiro, Martinho de Brederode e Jes-
sé de Almeida (poeta brasileiro),
de quem leu versos.

«O Infante representa e simboli-
za a glória dos descobrimentos.

Sagres é que é a nossa epopeia má-
ritima» — disse, no final.

Depois, o prof. Rui de Carvalho

(Continua na 10.ª página)

O prof. Freitas Simões que vai atingir o limite de idade foi homenageado na Faculdade de Medicina

O prof. dr. Fernando Freitas Si-
mões, que na próxima segunda-fei-
ra atinge o limite de idade, foi hoje,
na sua sala de aulas de catedrático
de Ginecologia e Obstetrícia, alvo
duma homenagem. Consistiu ela no
descerramento duma lápida durante
uma sessão a que assistiram cole-
gas, discípulos e enfermeiras e em
que usaram da palavra os srs. drs.
Toscano Rico, em nome da Facul-
dade de Medicina, de que é direc-
tor; D. Pedro da Cunha e Castro
Caldas, e o aluno Mário Apoliná-
rio, todos fazendo o elogio do ho-
menageado que agradeceu com ami-
zade e saudade.

Pelo sr. dr. Castro Caldas foi ofe-
recido ao prof. dr. Freitas Simões

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO
PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telet. 24564

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorolo-
gico Nacional:

**SITUAÇÃO GERAL AS 9 HO-
RAS (T. M. G.) DE HOJE** — Em
Portugal continental o vento era
fraco, o céu estava muito nublado
no litoral Oeste, e pouco nublado
nas regiões do interior, por acção
duma massa de ar transportada na
circulação dum anticiclone centrado
entre a Madeira e o Cabo de S. Vi-
cente.

**TEMPERATURAS AS 9 HO-
RAS:** Lisboa, Porto e Coimbra,
12°; Funchal, 15° e Portalegre, 17°.

**TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS NA COSTA DO SOL, AS 9
HORAS:** na atmosfera, 14°; na
água do mar, 14°.

**TEMPERATURAS EXTREMAS
REGISTADAS HOJE EM LIS-
BOA, ATÉ AS 15 HORAS:** máxi-
ma, 16°4; mínima, 10°5. No mesmo
dia do ano passado: máxima, 14°4;
mínima, 10°9.

**PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS
(T. M. G.) DE AMANHÃ** — Céu
geralmente pouco nublado. Vento
fraco. Nevoeiros e neblinas matri-
nais. Aumento de nebulosidade pa-
ra o final do período, com vento
fraco a moderado de Sudoeste. Pe-
quena descida de temperatura.



BAR EXPRESSO TERMINUS

R. Primeiro Dezembro, 71
Telefone 24597

Amanhã: Domingo

Lampreia á Moda do Minho
Paella Valenciana

Reserve a sua mesa



Benfica

em todas as tabacarias
o cigarro com filtro
ao preço de 3\$50

O Dia da Marinha

(Continuação da página central)

bra de segurança. Dispõe, para o efeito de uma secção de encaminhamento, uma secção de cifra e uma terminal telegráfica.

Constituem todas estas instalações um conjunto isolado, que ocupa a parte mais protegida do Ministério da Marinha. O contacto com o exterior é feito apenas por uma porta de acesso e por uma saída de emergência. Dispõe de um sistema de renovação de ar e de energia eléctrica própria. Quando em funcionamento completo, exige mais de uma centena de oficiais, sargentos e praças.

O Centro de Operações Navais fica na directa dependência do Comando Naval do Continente. O Centro de Comunicações e o «Controlo» Naval de Navegação Mercante dependem do chefe do Estado-Maior da Armada.

A Força Aérea exercerá o «controlo» dos meios aéreos de cooperação naval.

Este conjunto trabalhou pela primeira vez, como dissemos, a título experimental, no exercício «SIDE STEP», que teve lugar em Setembro do ano passado. Nele estiveram envolvidos grande parte dos comandos da N. A. T. O. e numerosos comandos e entidades civis de diferentes países da Organização. No corrente ano serão dirigidos, do Centro de Operações, exercícios de carácter nacional.

A cerimónia inaugural

Eram 10 e 30, quando o almirante Quintanilha Mendonça Dias, ministro da Marinha, entrou na sala das conferências do conjunto hoje inaugurado, na companhia dos srs. coronel Almeida Fernandes, ministro do Exército, dos tenentes-coronéis Costa Gomes e Kaulza de Arriaga, subsecretários de Estado do Exército e da Aeronáutica, e almirante Sousa Uva, secretário-adjunto da Defesa Nacional.

Já ali se encontravam numerosos oficiais, entre eles os srs.: general Beza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas; almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior Naval; general Costa Macedo, chefe do Estado-Maior da Força Aérea; almirante Paulo Viana, presidente da comissão organizadora das comemorações; Sarmiento Rodrigues, Nuno de Brion, Noronha Andrade; generais Luis Domingues, governador militar de Lisboa, e Albuquerque de Freitas; comodoros Armando Roboredo, subchefe do Estado-Maior Naval, Cardoso de Oliveira, Arantes Pereira, Alves da Silva e Raul Ventura; brigadeiros Abel Rocha e Mira Delgado; e capitão-de-mar-e-guerra Jerónimo Henrique Jorge, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante.

A entrada da sala, vê-se uma carranca duma caravela, representando um guerreiro a desembarcar. O ministro da Marinha agradeceu a presença dos oficiais do Exército e da Força Aérea, e disse algumas palavras acerca das funções e dos objectivos dos três organismos que iam ser visitados.

Os capitães-tenentes Almeida

d'Eça e Toste Cardoso e o primeiro-tenente Corujo explicaram, respectivamente, como funcionam os centros de Operações, de «Controlo» Naval e de Comunicações; e o comodoro Armando Roboredo acentuou que, em Novembro, Dezembro e Janeiro, o movimento diário de mensagens foi em média de 500, tendo excedido as 600, durante o exercício «SIDE STEP», da N. A. T. O.

O ministro declarou que se tratava de um trabalho que demorou muitos anos a fazer, e que foi possível graças a numerosas e dedicadas colaborações. Especializou a de todo o Estado-Maior Naval, a dos comandantes Almeida Graça, Almeida d'Eça e Baptista, da Comissão Administrativa das Novas Instalações para a Marinha e do engenheiro Marques da Costa.

Em nome da C. A. N. I. M., o seu presidente, almirante Sousa Uva agradeceu as palavras do ministro, acentuando a importância, para as Forças Armadas, do novo conjunto.

Seguiram-se visitas a todos os três organismos e um Porto de honra, na sala de conferências.

Condecorações e cumprimentos

No gabinete do ministro, foram em seguida entregues, por ele e pelo chefe do Estado-Maior Naval, as condecorações aos oficiais há dias agraciados, e cujos nomes publicamos: a Medalha de Mérito Militar de 1.ª classe ao almirante Noronha Andrade, comandante da Base Naval de Lisboa; a medalha de ouro de comportamento exemplar ao comodoro-médico Telmo Correia, inspector de Saude Naval, a cinco capitães-de-mar-e-guerra, a três capitães-de-fragata e a um segundo-tenente; a medalha de serviços distintos, de prata, a quatro capitães-de-fragata e a um capitão-tenente; a medalha de Mérito Militar de 2.ª classe a três capitães-de-mar-e-guerra, dez capitães-de-fragata e seis capitães-tenentes; e a medalha de Mérito Militar de 3.ª classe a dois primeiros-tenentes e a um segundo-tenente.

Desfilaram depois, ante o ministro os representantes das Marinhas de Guerra, Mercante, da Pesca e de Recreio. Em nome das primeiras, apresentaram cumprimentos ao almirante Quintanilha Mendonça Dias, respectivamente, o almirante Guerreiro de Brito e o capitão-de-mar-e-guerra Jerónimo Henrique Jorge que afirmaram os seus desejos de cooperação na tarefa de resurgimento das actividades marítimas, devido ao carinho e ao apoio do Governo; e pelas de Pesca e de Recreio, falou o comodoro Daniel Duarte Silva.

Um desfile e uma sessão solene

A última comemoração do dia constou de um desfile impecável das forças da Marinha, pela Avenida da Liberdade, presenciado, como habitualmente, por numerosos populares.

Às 22 horas, sob a presidência do Chefe do Estado, começará, na Sociedade de Geografia, uma sessão solene, na qual usará da palavra o professor Vitorino Nemésio e o escritor Costa Brochado.

As comemorações henriquinas

(Continuação da página central)

falou sobre «Os Açores e o III plano do Infante», analisando a linha geral dos seus empreendimentos e os caminhos e rotas que projectara, numa visão admirável do inundo que havia a descobrir e a tirar da sombra medíeva do mistério.

Velada de armas em Sagres

No Colégio Militar, prosseguiu hoje, de manhã, o colóquio sobre o Infante D. Henrique, entre os estudantes daquele estabelecimento de ensino e do Colégio Militar do Rio de Janeiro, a cujos trabalhos estiveram presentes os srs. general Augusto Maggessi Pereira e brigadeiro Raul Pereira de Castro, directores e oficiais brasileiros e portugueses.

Pelas 11 e 15 efectuou-se um almoço, e ao meio-dia, os trinta alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, acompanhados por igual número de colegas do Colégio Militar da Luz, seguiram para Sagres, onde o jantar está marcado para as 20 horas.

Na viagem para Sagres, os estudantes passam por Setúbal, S. Tiago de Cacém e Odemira.

Acompanham os alunos de ambas as instituições os respectivos directores, srs. general Maggessi e brigadeiro Pereira de Castro, os professores brasileiros e os professores e oficiais do Colégio Militar da Luz, srs. major Costa Freitas,

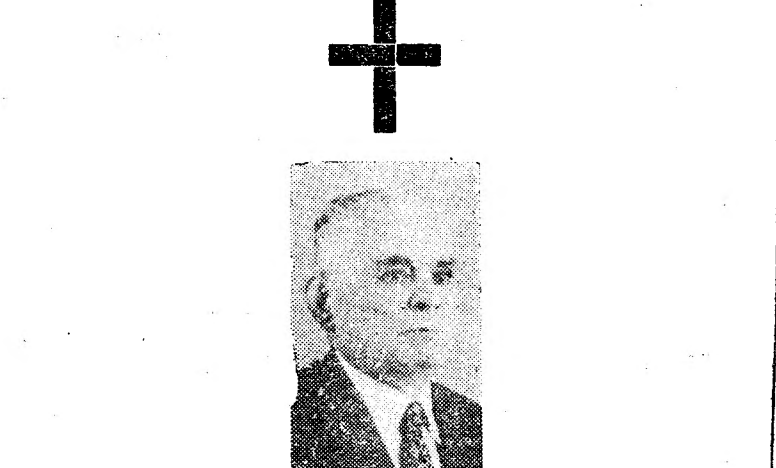
comandante do Corpo de Alunos, capelão rev. Braula Reis, capitães dr. Julio Martins, Stott e Silva Mota e tenente Garrido Vaz. A noite, com início às 22 horas, haverá velada de armas no Promontório de Sagres, com a assistência dos generais chefes dos Estados-Maiores dos Exércitos de Portugal e do Brasil e subchefe do Estado-Maior do Exército português.

As comemorações na Província

O V Centenário da Morte do Infante D. Henrique foi comemorado em várias localidades da Província, nomeadamente, em Oliveira de Frades, Mortágua, Vagos, Mesão Frio, Vila do Bispo, Figueira da Foz, S. João e Viseu.

Uma palestra para o pessoal da Companhia Carris

Numa das salas do edifício da Bica, onde a Carris mantém uma escola de aperfeiçoamento do seu pessoal, o sr. eng.º Jorge Gonçalves, por iniciativa daquela empresa, fez uma sugestiva palestra sobre a vida e obra do Infante D. Henrique. O sr. eng.º Jorge Gonçalves, que na Carris desempenha as funções de chefe do Serviço de Tracção, numa linguagem simples e inspirada, conseguiu manter vivamente interessado o numeroso auditorio, que escutou a sua preleção sobre as Comemorações Henriquinas e a vida maravilhosa do Infante D. Henrique.



Manuel Lopes Rodrigues

FALECEU

Julia Adelaide Tatá Rodrigues, Ludovina Tatá Rodrigues de Figueiredo e seu marido, Irene Tatá Rodrigues Dias, seu marido e filhos, Umberto Lopes Rodrigues Tatá, sua mulher e filhas, Maria Fernanda Rodrigues da Silva Valentim e seu marido (ausentes), Maria Beatriz Rodrigues da Silva de Vidigal Vieira, seu marido e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu muito querido e chorado marido, pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 6, pelas 15 horas, da sua residência, Rua dos Remédios, n.º 104, 1.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Trata Agência Silva — Rua dos Remédios, 32 — Tel. 865387



Manuel Lopes Rodrigues

FALECEU

A FIRMA RODRIGUES & FILHO, LD.ª participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu fundador e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 6, pelas 15 horas, da Rua dos Remédios, 104, 1.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Agência Silva da Rua dos Remédios, 32



Manuel Lopes Rodrigues

FALECEU

A FIRMA MANUEL LOPES RODRIGUES, LD.ª participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu fundador e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 6, pelas 15 horas, da Rua dos Remédios, n.º 104, 1.º, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Agência Silva — Rua dos Remédios



Arnaldo Correia do Amaral

Director de Finanças

Aposentado

FALECEU

Maria dos Anjos Castro Amaral, Arnaldo de Castro Amaral, mulher e filhas, Camilo de Castro Correia do Amaral, mulher e filhos, Deolinda Alice de Castro Amaral Pereira Adelino, marido e filho, Rodolfo de Castro e Amaral, mulher e filha, João Miguel de Castro Correia do Amaral, mulher e filho, Raul Fernandes Correia do Amaral e filhos, Jorge Fernandes Correia do Amaral, mulher e filhas, Maria Alice Fernandes do Amaral, Maria Leonilde do Amaral Junqueira, filha e genro, Maria Regina Raposo do Amaral e filhos, Beatriz Jorge de Castro e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 12 horas, saindo da Igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério dos Prazeres.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO

ALPIARÇA

Albano Paciência Gaspar

FALECEU

Maria Silva Araújo Paciência Gaspar, Ana Santana Paciência Gaspar, sua irmã, cunhados e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, filho, irmão, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, às 9 horas, da igreja de S. João de Deus, para jazigo de família no cemitério de Alpiarça.

A. G. MAGNO, LDA.

Av. Almirante Reis, 129 - A

Telef.: 51586

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Albano Paciência Gaspar

Faleceu o sr. Albano Paciência Gaspar, de 52 anos, natural de Alpiarça, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria Silva Araújo Paciência Gaspar e filho da sr.ª D. Ana Santana Paciência Gaspar.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Av. Almirante Reis, sai amanhã, às 9 horas, da igreja de São João de Deus, para jazigo de família no cemitério de Alpiarça.

D. Julieta Dias Gargamala

GUARDA, 5. — Com 64 anos, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Julieta Dias Gargamala, solteira, cunhada do sr. prof. Manuel Dias Ferreira e tia do sr. dr. Fernando Sardo, governador civil substituto.

Manuel Patrício dos Santos

ALGOZ, 5. — Faleceu nesta localidade o comerciante e proprietário sr. Manuel Patrício dos Santos, de 57 anos, que, há muitos anos, exercia o cargo de regedor da freguesia. Era casado com a sr.ª D. Maria Teresa Viegas dos Santos e pai das sr.ªs D.ªs Laura Viegas Mimoso e Maria do Carmo Viegas Mimoso, casadas com os srs. João António Mimoso e José António Mimoso, e da menina Maria Helena Viegas dos Santos e José Manuel Viegas dos Santos, estudante.

Dadas as suas qualidades de carácter e as muitas amizades com que contava, o seu funeral foi uma manifestação de profundo desgosto.

FUNERAIS

Adelina Jorge da Silva Pires

MIRANDELA, 5. — Faleceu na sua residência a sr.ª D. Adelina Jorge da Silva Pires, de 79 anos, viúva, que durante muitos anos exerceu nesta vila o Magistério Primário, ensinando várias gerações. Tinha sido agraciada, há pouco, pelo Presidente da República.

Era mãe das sr.ªs D.ªs Amparo, Alfredeira, Alice e Celeste Pires e sogra dos srs. dr. Luis Providência, médico em Coimbra, e coronel Barreira Antunes, comandante da Escola Prática de Engenharia, em Tancos.

O seu funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar, em que participaram muitos dos seus antigos alunos.

SUFRÁGIOS

José Vicente Ramos

Amanhã, às 12 horas, na igreja de Belas, mandada rezar por sua viúva, filha e genro, celebra-se missa por alma do sr. José Vicente Ramos, falecido há um ano.

AGENCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal

na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43149 -

43180-55301-65 27 72-08 0º 22

Terapêutica ao alcance de todos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O clima marítimo actua favoravelmente sobre as doenças da pele e do couro cabeludo. Buschke (1929) publicou valiosos trabalhos, contendo centenas de observações completas, sobre a influência do clima na evolução da psoríase e dos eczemas, propondo a aliança da terapêutica marítima com a dos tratamentos clássicos. E desde há muito, talvez mais de um quarto de século, que se discute a etiologia de determinadas doenças da pele, identificando-as com desvios ou alterações do metabolismo geral. Moncorps, entre dezenas de especialistas, refere que as doenças da pele são muito raras, existindo em contrapartida doenças gerais, do foro interno, com manifestações cutâneas, devendo os dermatólogos ser, clínicos gerais, ao corrente dos modernos problemas de investigação, atentos à semiologia e à patologia interna.

A origem neuropsíquica de muitas afecções da pele, entre as quais se destaca o grupo das psoríases, não passou despercebida àquele autor.

Os processos físicos (Hesse) e bioquímicos, devidos ao factor clima, actuam sobre o organismo do homem, corpo e alma.

A relação eczema-ictiose (Langer, 1925) foi estudada em extensão, sendo atribuída relativa importância ao metabolismo da vitamina A, metabolismo que atinge curvas máximas nos meses de Verão, junto ao mar.

A humidade merece atenção especial. Só o ar húmido contém iodo, tão necessário às crianças e aos de pauperados físicos.

O vento tem missão particular a cumprir: batendo e agitando, revolvendo a água do mar atira para a atmosfera partículas preciosas. Estes corpos, em doses, quase homeopáticas atingem o sangue, através dos alvéolos pulmonares, razão por que os silicóses e o saturnismo cedem à beira-mar (Bakup, 1950). Os eczemas, última expressão de algumas alterações hormonais, sobretudo nas mulheres, melhoram. O clima marítimo ajuda o reencontro do equilíbrio.

Os banhos frios e de curta duração, rápidos, aceleram as combustões centrais (Rein e colaboradores), provocando o aumento da quantidade de adrenalina no sangue.

O clima marítimo, saltando a estações regulares com o da montanha, restabelece a saúde e ajuda a conservar a (medicina preventiva), emperando a normalidade das funções orgânicas.

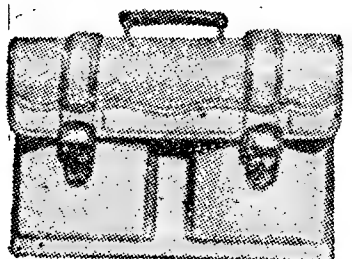
Dermatoses alérgicas, urticárias, eczema exsudativo tardio, eczema crónico, ictiose, prurido, piodermite, micoses, psoríase e acne juvenil

RIO MINHO

EM CAMPO DE OURIQUE

Participa a todos os seus clientes e público em geral, que já podem apreciar os seus já famosos caracóis, pois só vendemos na época apropriada, que se prolonga até 15 de Outubro; e mais comunicamos a todos os nossos fornecedores para mandar sempre grandes quantidades e selecção rigorosa, como sempre endereçados a: RIO MINHO CARACOL BAR — 13, R. Tomás da Anunciação, 115 — Lisboa 2. — Telef. 686142.

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio A. Comprido — R. Madalena, 97

vulgar desaparecem ou melhoram: umas afecções na Primavera e Outono, e outras, no Verão.

Nas enfermidades da tireóide, no bócio endémico, mixedema, entre outras afecções hormonais, são de aconselhar banhos de mar, cura de água salgada e exposição ao ar livre. Os doentes, em tais circunstâncias beneficiam da aquisição de iodo e, ainda, das substâncias em suspensão. Aconselha-se a estes enfermos prolongada permanência em pinhais, junto ao mar (Curschmann).

Quando se constate, porém, agitação, progressiva incapacidade de atenção e trabalho, insónias e emagrecimento, deve-se procurar a causa e verificar, através de provas, fáceis de realizar, se a permanência é aconselhável ou, pelo contrário, prejudicial. Tratando-se de uma distonia, prenúncio de um desequilíbrio de todo o sistema nervoso vegetativo, tem de se equacionar de novo o problema e atender com critério a esta inesperada situação clínica.

Está confirmado, segundo os últimos trabalhos de Goeters, que a hiperfunção da tireóide, seguida de alteração do sistema vegetativo, beneficia de uma permanência controlada, dos aerossóis naturais, enriquecidos pelos detritos em suspensão.

Clima marítimo, água do mar (ingestão), banhos de água salgada, quente estão indicados no tratamento das anexites crónicas (H. G. Robert, «Techniques d'exploration et de traitement en gynécologie», Paris, 1960). As dores desaparecem. Stoeckel relata casos em que se tornou possível evitar a ressecção total dos anexos.

As dismenorreias, hipomenorreias e oligomenorreias melhoram também. Todas estas afecções provocam, além de conflitos, profundas alterações psíquicas que, por sua vez, arrastam a situações desesperadas. Sobretudo nas amenorreias do primeiro grau (insuficiência de maturidade dos folículos, seguida de ausência de ovulação) beneficiam dos banhos de água do mar quente. O conhecido teste de Schrank fornece indicações nitidas sobre os resultados positivos desta terapêutica.

As hemorragias pós-menstruação (primeira ou juvenil) desaparecem com os banhos, que favorecem e aumentam a contractibilidade dos músculos jovens do útero.

As grandes hemorragias, ligadas a perturbações psíquicas, a alterações estados de animo, param.

A hiperplasia quística e os quistos da mucosa uterina, assim como os outros tumores da bacia, não melhoram, sendo prejudicial a permanência à beira-mar antes dos doentes serem convenientemente tratados (B. Zondek, «Acta Medica Orientalia», 1957).

As curas marítimas estão indicadas para quase todas as crianças. Setenta e cinco por cento, na opinião de Goeters, de Nordeney, sofrem de catarras crónicos das vias respiratórias.

Não admira, pois, que a resistência destas crianças se encontre diminuída. Afecta-as, em primeiro lugar, o ar viciado e impuro das atmosferas «espessas», carregadas de fumo e saturadas de poeiras industriais, de germes (quatrocentos mil por cm³, nalguns estabelecimentos e escolas) e de alérgenos vários.

A cura marítima para estes pequenos seres, adultos de amanhã (Escardó, 1958), representa o benefício da ginástica dos capilares.

O ar húmido, libertado de poeiras e alérgenos, diminui a vulnerabilidade das mucosas; o banho de mar regulariza as temperaturas rectal e da pele.

A atmosfera marítima constitui um excelente estimulante endógeno. Os banhos de sol normalizam os metabolismos protídico e vitamínico, assim como o metabolismo basal.

Portugal, país riquíssimo de praias, que se estendem do Minho ao Algarve, com duas estações excepcionais, Verão e Outono, possui condições invejáveis que se torna necessário aproveitar a bem da saúde das crianças e dos adultos.

O «VOUGA»

IRÁ À GUINÉ

durante as cerimónias do centenário de Honório Barreto

O escoltador oceânico «Vouga», sob o comando do sr. capitão-tenente José Justiniano do Nascimento, manter-se-á em águas da Guiné durante as comemorações do centenário de Honório Barreto, que foi um dos grandes governadores daquela província ultramarina.

Em Bissau, no dia 23, será inaugurado o monumento em homenagem à memória do presidente Grant, dos E. U., com a presença do embaixador norte-americano em Lisboa, sr. Charles Burk Elbrik.

O «Vouga» largará da Base Naval do Alfeite na terça-feira. Nas águas da Guiné, fundeará, de 17 a 21, uma formação naval francesa, constituída por três escoltas, um submarino e um petroleiro e pelo navio-chefe da formação, «Gustave Zédé», sob o comando superior do almirante Meynier.

Para os quatro gémeos

Recebemos mais dois donativos para os quatro gémeos nascidos há dias na Maternidade Magalhães Coutinho, a pequenita Maria João, de 7 anos, enviou-nos um escudo, e o nosso leitor C. F. 50 escudos. Obrigado, em nome dos beneficiados.

As pescas e a Marinha de guerra

Vem de muito longe, a bem dizer dos primórdios da nacionalidade, as relações de amizade e de íntima colaboração existentes entre a nossa gente da beira-mar e suas frotas de pesca e a Armada portuguesa.

Em muitos aspectos e em diversos períodos históricos, as actividades, fainas e missões de umas e outras, interligam-se e confundem-se no mesmo afã patriótico, no mesmo espírito de devoção ao bem comum, na mesma firme e viva intenção de servir.

Se quisermos ir à própria genésia da fundação de Portugal, temos forçosamente de encontrar gente ribeirinha das pescas das povoadas no norte do País, nas armadas que libertaram o bispado compostelano, partidário de D. Teresa e da frota de guerra que, ao Porto veio com a armada de cruzados à conquista de Lisboa.

Em reconhecimento do seu valor económico e guerreiro, os nossos reis D. Sancho I e D. Dinis, nomeadamente, concederam às pescas e à sua gente privilégios e benefícios.

No decorrer dos séculos sempre nos afirmamos como país marítimo e pescador. Nas naus e caravelas do Infante D. Henrique, quando os Portugueses deram novos mundos ao mundo, a par com os filhos de algo e homens de armas, encontrava-se muita gente da pescaria, fortes nos seus conhecimentos práticos de ventos e correntes do mar e na manobra das embarcações.

Profundamente religiosos, a sua presença nos navios dos descobridores, era a certeza de que onde chegassem dariam publico testemunho por actos e palavras da sua fé em Cristo e na Virgem.

Formado o Império nas descobertas dos navegadores, as frotas tomaram aspectos indistintos e simultaneos de guerra e comércio e não admira que a tradição se mantivesse e chegasse até aos nossos dias, numa perfeita união e mais tarde dependência das pescas, do Ministério que mais ligado estava aos assuntos do mar: o Ministério da Marinha.

E, se os pescadores dos primórdios da nacionalidade foram os tripulantes das frotas de guerra e descoberta, posteriormente, essas mesmas frotas constituíram a cobertura e defesa dos pescadores e seus haveres, nas povoadas ribeirinhas do mar.

Desses tempos são notáveis as disposições que isentavam de impostos os materiais importados para a construção de navios e ainda, as concessões feitas às pescas e pescadores que, viriam a tomar forma evoluída, nos Compromissos Marítimos.

Sempre e em todos os tempos, a autoridade mais respeitada e naturalmente acatada pelos pescadores, foi a que dimanava do Ministério que mais próximo e maior similitude de propósitos aparentava com a actividade piscatória.

Assim e até ao dia de hoje, é a autoridade marítima, seja ela representada pelo modesto cabo-dormar, aquela que o pescador de melhor grau acata e compreende.

Futebol 2.ª TIRAGEM

Vitória do Benfica

e empate entre «azuis» e «leões» na 3.ª jornada da Taça «Félix Bermudes»

O Torneio da Taça «Félix Bermudes», após interrupção de duas semanas retomou ontem o seu curso, com o desafio realizado em Torres Vedras e concluído com a vitória do S. L. Olivais sobre o Torrensense, por 5-0.

Hoje, as reservas do Sporting e do Belenenses, no Estádio Alvalade, e do Benfica e do Atlético, no Campo Grande, completaram o programa da 3.ª jornada do certame. Dos dois encontros efectuados esta tarde damos a seguir breves apontamentos.

Benfica, 7-Atlético, 0

Jogo no Campo Grande, com regular assistência.

Os grupos formaram:

BENFICA — Bastos; Sidónio e Alfredo; Zezinho, Cruz e Inácio;

Palmeiro, Mendes, Torres, Peres e Espirito Santo.

ATLETICO — Mendes (depois Pimenta); Carlos Alberto e Barbosa; Galinho, Fonseca e Palma; Teixeira, Mega, Apolinário, Pinto Rocha e Tomás.

Árbitro — Carmo Lopes.

A primeira parte decorreu, de um modo geral, favorável ao Benfica, cuja vantagem ficou compensada com a obtenção de seis golos.

Palmeiro, aos 15 minutos, abriu o activo; no minuto seguinte, Torres, na marcação de um «livre», fez 2-0; o mesmo jogador, aos 25 aumentou para 3-0; aos 28, ainda o mesmo Torres fez novo golo; aos 36, Palmeiro elevou para 5-0; e, finalmente, aos 42, Peres fixou o resultado da 1.ª parte em 6-0.

Na 2.ª parte Barroca substituiu Bastos no Benfica. Os «encarnados» continuaram a dominar mas a partida decaiu e perdeu interesse até porque as duas equipas passaram a jogar com certa dureza.

Nos últimos instantes da partida Torres fixou o resultado em 7-0 para o Benfica.

Sporting, 0-Belenenses, 0

Jogo no Estádio «José Alvalade», com razoável assistência. As equipas formaram:

SPORTING — Carvalho; Valente e Mourato; Ferreira Pinto, Galaz e França; Carlitos, Carlos Manuel, Monteiro, Oscar e Romeu.

BELENENSES — Nascimento; Castro e Bento; Carlos Silva II, Figueiredo e João; Mendes, Carvalho (Alemáozinho), Martinho, Madaleno (ex-Luandense) e Vítor Silva.

Árbitro — Jorge Matos Heitor.

O jogo começou num andamento «morno», com o Sporting a carilhar melhor as suas avançadas, mas sem perigo imediato para Nascimento, por morosidade.

Um remate de Martinho, aos 9 minutos, foi a primeira oportunidade de golo criada neste desafio. Este lance não quebrou o ritmo de vantagem belenense e, aos 14 minutos, um bom remate de cabeça, de Carlos Manuel obrigou Nascimento a bom trabalho.

Entretanto, sem que para tal houvesse justificação, a partida entrou num ambiente quizilento, sendo o árbitro obrigado a distribuir «livres» para ambos os lados.

E, com este cariz, a partida prosseguiu, com o Sporting a dominar, sem marcar.

Os últimos 15 minutos deste primeiro tempo pertenceram abertamente ao grupo dos «azuis», que criaram duas ocasiões de perigo para as redes do Sporting, obrigando Carvalho a empegar-se a fundo para manter as redes invioláveis.

Ao intervalo, 0-0. O intervalo não modificou a fisionomia da partida.

Aos 8 minutos, porém, os «leões» estiveram prestes a abrir o activo, num «shot» a meia altura, a baliza dos «azuis», que Nascimento não conseguiu bloquear; um pé de Salvador... salvou o perigo.

Depois e até quase à meia hora o jogo arrastou-se numa toada falha de interesse, com exibição fraca das duas equipas.

Aos 24 minutos, Vítor Silva, que já havia sido repreendido pelo árbitro, foi expulso do terreno, por jogo violento sobre Valente.

Dai até final nada houve digno de menção a não ser a expulsão de Valente, aos 41 minutos, por qualquer palavra dirigida ao árbitro.

E acabou: Sporting, 0-Belenenses, 0.

CURSO DE CORTE

e bordados da Singer

Amanhã, pelas 14 horas, na Junta de Freguesia do Lumiar, realiza-se a cerimónia de encerramento do Curso de Corte e Bordados da Singer. Haverá uma interessante exposição dos trabalhos executados pelas alunas. Este curso, que foi organizado pelo agente sr. Estêvão Bartolomeu Gomes da Silva, sob a orientação do inspector Francisco Tiago Paula, teve grande concorrência de alunas, que foram orientadas pela professora sr.ª D. Celeste Henriques Alves Correia.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 1.ª página)

nascido na Rússia e deixa dois filhos, Emilio e Alexandre, os célebres malabaristas Irmãos Alegria

Na Província

- * Vai reabrir, com nova empresa, o Teatro-Cine de Gouveia, que há meses estava encerrado.
- * Na segunda-feira, em Alcaçer do Sal, a companhia portuguesa de ópera realiza um espectáculo com as obras de Rui Coelho «O cavaleiro das mãos irresistíveis» e «Rosas de todo o ano».
- * Há negociações para que, no Porto, se faça este ano, uma temporada lírica, com uma companhia de ópera italiana.

No D. Maria II

A estreia de «A visita da velha senhora», foi adiada

A estreia da farsa trágica de Friedrich Dürrenmatt, «A visita da velha senhora», na versão portuguesa de Olavo de Azevedo, que o público aguarda com tanto interesse, teve que ser adiada para segunda-feira, devido a dificuldades de ordem técnica surgidas inesperadamente. Numa encenação de Cayetano Luca de Tena que, por certo, ficará tão memorável como a de «O processo de Jesus», e com a colaboração de Lucien Donnat, que concebeu o dispositivo cenográfico que cria o ambiente ao desenvolvimento do conflito, «A visita da velha senhora» exige um elenco de trinta figuras de que fazem parte, além de Amélia Rey Colaço, na protagonista, de Erico Braga, Jacinto Ramos, António Palma, Celestino Ribeiro, J. Manuel de Carvalho, Maria Corte Real, Gina Santos, António Machado, Pedro Lemos, Manuel Correia, Luís Filipe, Paixão Raposo, Julio Cleto, Varella Silva, José de Castro, Carlos Duarte, Carlos Gonçalves, Luz Veloso, Helena Felix, Irene Cruz, Lourdes Lima, Laura Fernandes, Henrique Viana, Carlos Silva, João Mota, João Dias, José Cardoso e Tomás de Macedo.

No ABC

Continua o êxito de «Quem sabe, sabe...»

A revista «Quem sabe, sabe...», em cena no popular Teatro ABC, continua a ser um êxito, principalmente pela graça do texto, com piadas novas e oportunas, que mantêm o público em permanente gargalhada! Do elenco destacam-se os nomes de Carmen Escribá, Alvaro Pereira, Raul Solnado, Maria Adelinha, Max, Helena Tavares, António Montes, Daniel Garcia, Alda Pinto, os bailarinos Yola, Carlos Coelho num engraçado «compêre» e a nova artista Maria João.

No Capitólio

Repetição do programa de Carnaval

A apresentação do Carnaval carioca em Lisboa, pela companhia de Maria Della Costa, constituiu um êxito. O Teatro Popular de Arte do Brasil trouxe até nós toda a alegria do Carnaval do Rio de Janeiro, num programa que conquistou a cidade com uma hilariante revista carnavalesca, interpretada por Maria Della Costa e toda a companhia, e a apresentação de famosas atrações internacionais, a coroação do Rei Momo, desfile de escola de samba, cordões, etc. Todo esse espectáculo, que fez delirar Lisboa, será novamente



O gentil friso de «girls», que vemos na foto enquadrando Bibi Ferreira, é um dos principais motivos de agrado da revista «Taco a taco». Ensaiadas e dirigidas pelo coreógrafo Carlos Alberto, merecem as palmas que o público lhes tributa todas as noites

No Monumental

Teatro para crianças

Vasco Morgado, de colaboração com António Manuel Couto Viana, apresenta amanhã, às 18 e 30, no Teatro Monumental, a peça de Ricardo Alberty, «O rei tem orelhas de burro», pelo elenco do Teatro do Gerifalto.

Esta peça, que tanto tem divertido as crianças de Lisboa, é um espectáculo para maiores de 4 anos, com entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, quando devidamente acompanhadas

Primeiras exhibições

«Um moreno audacioso», no Eden

Estreou-se ontem no Eden a película «Um moreno audacioso», produção americana realizada por William F. Clayton. O título não se ajusta perfeitamente ao argumento, que trata, ainda que superficialmente, um tema muito importante e actual: o amor dos adolescentes.

Em «Um moreno audacioso» demonstra-se que a mocidade se engana ao confundir solicitações instigativas com o amor verdadeiro — o único, aliás, que dá felicidade — e apontam-se os inconvenientes da atitude de muitos pais — deles e delas — que vivem alheios dos problemas sentimentais dos filhos.

Mark Damon — em que alguns querem ver um sucessor de James Dean — tem óptima presença e representa convincentemente. Não representa a decadência da mocidade: pelo contrário, reforça a nossa esperança nos jovens. Lili Gentle, numa criação muito nivelada, é magnífica de simplicidade.

Jerry Barclay e George Brenlin, dois exemplares da mocidade transviada, que o público já conhece, dão-nos alguns apontamentos muito curiosos.

Completam o programa o documentário «Águias da Neve», outro, largo e interessante, sobre o Brasil e um jornal de actualidades, — Visor 33.

As estreias de hoje

No Avis

Título — «A refugiada».

Produção — Italiana.

Realização — Clemente Fracassi.

Interpretação — Eleonora Rossi

Drago, Amadeo Nazzari, Mastroianni.

Argumento — Um filme em que se chocam paixões violentas.

Processo — Normal.

Classificação — Maiores de 17 anos

IMPERIO

«Doze homens em fúria», amanhã, de manhã, no Império

O «Urso de Oiro», do Festival de Berlim, foi uma das distinções concedidas ao excepcional filme de Sidney Lumet, o actor Henry Fonda e o argumento de Reginald Rose.

Três nomes se destacam neste filme. São eles o realizador Sidney Lumet, o actor Henry Fonda e o argumentista Reginald Rose. O actor Rogério Paulo, que recentemente interpretou, no T. N. P., o principal papel de «Doze homens fechados», será o comentador desta memorável sessão clássica.

No Casino Estoril

«Baile trapalhão» de Pinhata

Em virtude do grande êxito do Baile Trapalhão do Carnaval do Casino Estoril, o Baile da Pinhata que hoje se efectua naquela elegante sala de espectáculos é dedicado aos «trapalhões».

Assim, quem ainda se quiser divertir nos moldes carnavalescos pode mascarar-se o pior possível — e quanto pior melhor... — e ir hoje à noite ao Casino Estoril, tanto mais que os preços são os normais. E para os mais dispendiosamente mascarados, há interessantes brindes.

E de esperar que a noite de hoje, como a de segunda-feira passada, fique memorável para os foliões.

Sidney Chaplin

casa-se amanhã

Sidney Chaplin, filho de Charlie Chaplin, casa-se amanhã, domingo, com a bailarina francesa Noëlle Adam, de vinte e seis anos.

Festas associativas

Amanhã, à tarde, haverá bailes: na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a orquestra «Talismã»; na Casa da Covilhã, na Rua do Benfornoso, 150, 1.º, com «Os Peraltas»; no Casa Pia Atlético Clube, no Largo do Conde Barão, 50-2.º; Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, festa anual das finalistas do Externato Feminino Antero de Quental, com a orquestra «Belarte».

A noite, haverá festas: no Centro Espanhol, na Rua Nova da Trindade, 20, com a orquestra «Oásis»; e Casa Pia Atlético Clube, no Largo do Conde Barão, 50-2.º.

Crentes e ateus

pelo brigadeiro RIBEIRO DA FONSECA

Ao amigo Tomás da Fonseca

Li com prazer a sua prosa, vinda «Do Calcanhar do Mundo», em que mostra ser homem que não vai atrás dos outros, imitando os selvagens do Peru a chupar canudos ardentes e queimando a saúde e a vida. Já sabia que o meu amigo era contra o envenenamento da Humanidade, por ter lido um trabalho seu, que por si me foi amavelmente oferecido, publicado há anos já e até antes de ter começado esta cruzada humanitária e patriótica no «Diário de Lisboa» e na «República».

Mas esta campanha, verdadeiramente religiosa (escrupulosa, zelosa), pois não tem interesses encoberidos e é puramente humanitária, e isso é religião (dever sagrado), é contrariada pelos fumadores e não é ajudada pelos abstémios. Por isso continuamos a ver morrer antes de tempo muitos amigos e conhecidos, só porque não acreditam no que se tem estudado sobre o assunto e preferem inconscientemente absorver gases deletérios em vez de ar puro.

Como se sabe, o tabaco, além de variadas doenças que provoca, entorpece as ideias, prejudica a inteligência, embota os sentidos e a sensibilidade moral. Só assim se pode explicar que certas pessoas fumem, não fazendo caso algum daquilo que deviam ter estudado, compreendendo e não apenas decorando. E dessa maneira vão encurtando o ciclo normal da sua vida, com sofrimentos constantes, em vez da tal satisfação que julgaram encontrar no tabaco.

Deite cada um as contas aos amigos e conhecidos que têm falecido em idades que não são para morrer, e verifique que aqueles que mais cedo vão desaparecendo são fumadores, pondo de parte, é claro, qualquer excepção que sempre há.

Mas o meu amigo Tomás continua convencido de que é um grande ateu e até, também «Do Calcanhar do Mundo», veio há tempo com outra prosa, julgando ter-me mostrado que o era de facto, ao que respondi provando-lhe que está completamente enganado.

O meu amigo confunde: é contra falsa religião, o que é diferente, mas isso não é ser ateu; também Cristo foi contra ela. Seria um agnóstico, se não estudasse constantemente religião. Por conseguinte é um religioso, tal como se estudasse Matemática, seria um matemático. Quando isto se não desse, haveria necessidade de meter explicador, que nunca poderia ser qualquer Rosalina.

Quem disse um artigo que, em 1903, «definiu o seu ideal religioso» não é ateu. Quem escreveu: «E a Providência que tudo vê e tudo pode...», não pode ser ateu. E para que não fique desconsolado por ver, afinal, que é religioso como todo o Mundo, e antes se sinta em boa companhia, pois que também é um democrata, basta-lhe que saiba que o grande Abraão Lincoln disse:

«Compreendo que um homem olhe para baixo, para a Terra, e seja ateu; mas não posso conceber que ele erga os olhos para o Céu e afirme que Deus não existe».

E' que esse Deus a que se referem pessoas inteligentes e cultas, como Newton e Einstein, Eisenhauer e MacMillan, Camões e Junqueiro, Heráclito, Camilo e Eça, António José de Almeida, Joaquim Manso, Cunha Leal, etc., não é daqueles «fabricados pela mão do homem», a que alude Tolstói e que os ateus, com muita razão, repudiam; mas sim Aqueloutro, espiritual e universal, o Deus de Moisés e de Cristo, por quem os mesmos ateus gritam aflitivamente quando se vêem atrapalhados.

Diz Lecomte du Noüy no seu livro «A Dignidade Humana»:

«O poder absoluto de Deus manifesta-se pelo facto de o homem defendente dos vermes marinhos, ser hoje capaz de conceber a existên-

cia de um homem superior e de querer ser o seu antepassado».

«O problema da existência de Deus e dos seus atributos é simultaneamente filosófico e científico, isto é: a inteligência humana pode ser conduzida a esse duplo ponto de vista no decurso dos seus esforços para construir um esquema aceitável da evolução do Universo. Isto não significa que Deus possa explicar-se cientificamente — o que seria absurdo — mas apenas que a ideia de Deus, ou de um anti-acaso, é absolutamente necessária à inteligibilidade do encadeamento dos factos cientificamente observados. O emprego de um elemento hipotético que traz simetria ou harmonia a um conjunto e dá sentido racional a uma sucessão de factos, sem o que não lhe compreenderíamos o significado, é considerado como perfeitamente lógico e natural por todos os homens de ciência e pelos filósofos: tenhamos presente o papel desempenhado pelo éter na física do século XIX. Mas certo numero deles reage à palavra Deus do mesmo modo que um touro a um pano encarnado. Perdem imediatamente todo o autodomínio, ao passo que, vimo-lo no capítulo anterior, uma outra palavra exprimindo a mesma ideia sob o ponto de vista científico, mas desarticulada de conteúdo religioso — a palavra anti-acaso, por exemplo — os deixa indiferentes».

«As religiões — existe cerca de um milhão delas, segundo certas estatísticas aparentemente sérias — são tão variadas como os costumes locais. Reflectem elas ao mesmo tempo as boas intenções, as aspirações, as fraquezas e as contradições do espírito humano. Assemelham-se pela sua inspiração, e diferem pelos caracteres tirados do ambiente, do solo, do clima, das superstições, das tradições. E — já o dissemos atrás — é no que existe de divino no homem, e não no que há de humano nas doutrinas, que devemos procurar a unidade das religiões. E o que há de divino no homem é o que nele há de universal, é o que faz dele o ramo da evolução, e não a forma que dá às impulsões por ele apercebidas mas não compreendidas».

O Americano que lançou, de grande altura, a bomba sobre Hiroshima, no dia seguinte só achou esta expressão para traduzir os seus sentimentos: «Meu Deus!».

Mas nem todos conseguem ver o Mundo de tão alto

SEMANA

da Enfermagem

Integrada nas comemorações da Semana da Enfermagem, celebra-se amanhã, às 11 e 30, missa cantada, com a colaboração dos Irmãos Hospitalários da Ordem de S. João de Deus, na igreja paroquial de Caneças.

Terminada a missa, haverá uma visita aos terrenos onde vão ser edificados os pavilhões da colónia de férias, após o que serão também visitadas as instalações da Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, no lugar de Além, em Caneças, as quais se inauguram oficialmente em Maio. Seguir-se-á um almoço de confraternização, no refectório da Casa de Repouso, para o qual se aceitam inscrições na secretaria da organização, na Rua de Santa Marta, 58, 2.º esq., ou pelo telefone 41751.

No dia 8, às 21 horas, na capela do Hospital de S. José, será cantado um «Te Deum», terminado o qual haverá uma palestra.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na Tab. do CAFÉ CARAVELA D'OURO.

KODAK PORTUGUESA, LTD.

Rua Garrett, 33 — LISBOA

Participa aos seus Ex.ªs Clientes, e ao público em geral, que por acordo com a firma SELECÇÃO FOTOGRAFICA, todos os trabalhos de Laboratório a preto e branco passam a ser executados com a maior perfeição e rapidez pela referida firma, a partir do dia 7 de Março, na Rua da Misericórdia, 19-21 — LISBOA, Apartado n.º 2369, estando o seu laboratório montado de maneira a dar-vos completa satisfação.

SELECÇÃO FOTOGRAFICA

Rua da Misericórdia, 19-21 — LISBOA — Apartado n.º 2369

Por acordo com a KODAK PORTUGUESA, LTD., passamos a executar no nosso laboratório a partir de 7 de Março, todos os trabalhos a preto e branco que até à data eram efectuados pela referida firma. O nosso Laboratório está equipado de maneira a dar completa satisfação a qualquer amador fotográfico, tendo como executantes os melhores profissionais.

Do Carnaval a Junho

de RAMADA CURTO

Já passou o Carnaval e não me diverti nada. Ainda pensei em mascarar-me, mas reconheci que só se fosse na Quaresma, porque nos três dias festivos já eu estava mascarado de «velho de Entrudo».

Ao Carnaval não sucedeu o que se passou com o imposto em Roma que esse, segundo me ensinaram os que sabiam, começou «por não existir». O Entrudo esse existiu mas como sucede a todas as coisas perecíveis nasceu, viveu e morreu. Felizmente que não foi uma agonia dolorosa e lenta. Deu-lhe um ar e sucumbiu e não deixou vestígios nas ruas. Há anos no Chiado, das janelas para a rua, despejavam os foliões tremoços aos sacos. Dáa depois os pavimentos que, nesse tempo não eram asfaltados, floriam em tremoços, que os empregados da limpeza camarária tinham de arrancar pela raiz. Um poeta desses tempos arcaicos compôs um poema, lamentando o que ele chamava o absurdo desperdício dos tremoços. Porque também nesse tempo eram acompanhados de java frita no báculo, os tradicionais «dois cortadinhos com soda» ou mesmo simples do carrascão de Torres ou do «citrino» ou seja o vinho branco que nesse tempo em que não havia «slogans», se recomendava o consumo desse produto agrícola nacional apesar de não se saber que beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses. Pelas ruas passavam as cegadas, farsas populares versegadas com mote e glosas, com personagens clássicos, o fadista, o «senhor empregado» que era o polícia, uma «severa» em traje também clássico e o pinoca, de fraque, colarinho engomados e bengalinha de janota. Atrás, seguiam os «bambalhães», vestidos com camisas de dormir e espartilho, zangarreando, nas guitarras a música da marcha das cegadas. E todo aquele elenco dos teatros de rua, parava, rodeado logo de povoleu e começava a representação com graça popular, crítica livre aos costumes e sem subsídio. Parei muitas vezes a ouvir e ver a representação como também gostava de ver os fantoches, com o «roberto» á cacetada no arlequim e uma «scolumbina» de pau reproduzindo nas ruas e travessas da capital, a «comédia de arte» ou os contos de mestre Gil em popularuncho e ordinário, mas, às vezes com espírito e ditos a propósito sobre as coisas que se tinham passado no intervalo de dois Entrudos. Na Avenida havia as batalhas de flores para a gente fina, jogando de tipóia para tipóia flores, «confetti» e bisnagando-se furiosamente com água de colónia de barbeiro que cheirava mal. Os cavalos dos trens tinham guizetas durante os três dias. Nesse tempo não havia automóveis. A cidade ouvia os guizos e na passagem de terça para quarta-feira de Cinzas ia diminuindo aos poucos o guisalar dos trens acabando, espaindo-se na noite como uma alegria que esmorece e deixa um rasto de tristeza. Se eu tivesse um estilo próprio de escrever, uma forma de dizer que fosse minha, talvez conseguisse transmitir a melancolia do que evoco. A idade transforma a vida numa perpétua quaresma. Já não vale a carne. Tudo em torno são cinzas até que nos apareça e tire a caraça daquela última máscara que o Bordalo desenhava restituindo o lápis de Gavarni e usando o lápis do Gustavo Doré. Hoje o que se passa no Mundo parece-me um Carnaval trágico, com retalhos de farsa. O melhor é pensar que se está num cosmorama espreitando por dois óculos as vistas que vão passando. Quem não gostar de ver saia do local onde essas vistas passam e venha para a luz, para o ar livre á cata de mocidade, de ale-

gría é de beleza! Mas é difícil. Ou tudo isso diminuiu ou os nossos olhos são outros e já não sabem ver o que viram dantes. O Carnaval está nos corações enquanto eles são novos. A tristeza dos jovens é um artifício literário. De certa altura por diante a única realidade é aquela que podemos ver com óculos fumados. Está-me a lembrar que em breve vão florir as olaias, as cor de mosto, vespereais olaias e depois cobrem-se de flores amarelas as acácias e as folhas das tílias, sob o beijo da luz e a carícia do ar, são rendas finas recortadas e verdes. A Primavera é capaz de fazer milagres. O ar é tépido, a luz é fresca e clara e as andorinhas voltarão a dependurar os ninhos nos beirais dos telhados e encher o céu com as voitas do seu voo que são as voitas dos vilancetes que me farão de novo, acreditar na doçura e na alegria de viver.

«Volveran las oscuras golondrinas de tu balcon sus nidos a colgar...

como escreve o adorável poeta sevilhano Gustavo Becquer.

Mas há outras «golondrinas» que «esas, no volveran».

Mas enquanto esse tempo não volta é bom forçar a alegria e pensar coisas alegres. Os cravos do S. João voltarão a ser rubros e a cheirar levemente a pimenta. As «belas portuguesas» são umas belas flores que rescendem e o seu perfume fresco é doce como uma leve carícia. Isto não quer dizer que não sejam agradáveis de cheirar as rosas espanholas ou de outra qualquer nacionalidade. Eu é que já não tenho o olfacto para perfumes fortes. De resto, em matéria de flores eu sempre fui nacionalista. E mesmo as nossas rosas, as portuguesas, cheiro mas não lhes passo a mãos pelas corolas, não, não, elas desfolhar-se-iam por desdém. Passar a palma da mão só sobre os mangueiros. E' o que eu faço. Cheiro e deixo. E' de mau gosto, quando até as palmas das mãos estão enrugadas, ir magoar uma flor viçosa e rescendente. Por isso as rosas têm espinhos. Há coisas que me afligem. Ver um pobre pintassol solitário e triste dentro de uma gaiola de arame onde o têm preso, á espera que ele cante! Encerrar a asa é encarcerar o pensamento humano. O meu grande amigo morto, o actor Chaby quando recitava «O melro», do Junqueiro, dizia por brinquedo «encarcerar o pensamento ó mano».

Que volte o calor. O calor é vida para os trigaes e para os velhos corações que se sentem parar com o frio. Tudo volta. Há mesmo quem diga que o Universo é uma repetição, um eterno retorno. Assim não quero! Essa ideia apavora-me! O símbolo gnóstico da cobra com o rabo na boca, quer exprimir que tudo que foi voltará a ser.

Assim não quero. Assim que possa voltar ao que já fui desde que seja em companhia dos que amei e dos que amo, assim aceito. Mas voltar outra vez ao que sou hoje, não quero. Espero que seja melhor mesmo que seja no purgatório que deve ser quentinho. O inferno também não. E' demasiado quente. Por isso espero por Maio, o mês das rosas, o Maio florido. E' uma linda época, mesmo para as despedidas.

Quem não gostar de ver saia do local onde essas vistas passam e venha para a luz, para o ar livre á cata de mocidade, de ale-

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

(Continuação da 6.ª página)

Telefones e F. C. Regina-Comp. Caris, às 9, 11 e 13 h. respectivamente. **HANDEBOL DE SETE** — Continua o campeonato, de Lisboa, em juniores, disputando-se no recinto do Ateneu da Madre de Deus, a partir das 9 horas, os seguintes desafios: Madre de Deus-Sporting, Avila-Liberdade e Benfica-C. Ourique.

HOQUEI EM CAMPO — A 3.ª jornada da 2.ª volta do campeonato de Lisboa, reserva-nos os seguintes encontros:

Hoquei c. Futebol Benfica, no campo «F. Lázaro», às 8,45 h.; Benfica c. Palmense, no C. Grande, às 9,30 h.; Belenenses c. Atlético, no Restelo, às 9 h. (res.) e 10,30 h. (honra).

RAGUEBI — A 2.ª jornada da 2.ª volta do campeonato nacional, comporta os seguintes desafios: Belenenses-Agronomia, no Restelo, às 15,30 h.; Direito-C. D. U. L. no Estádio Universitário, às 11 h.; Sporting-Benfica, no Campo Grande, às 11 h.

O campeonato de reservas, tem os seguintes encontros:

Direito-C. D. U. L. no Estádio Universitário, às 9,30 h. e Sporting-Benfica, no C. Grande, às 9,30 h.

TENIS — O Belenenses inaugura a sua nova época, fazendo disputar os primeiros encontros da taça «Eugénio Moita», nos «courts» do Restelo.

TIRO AOS PRATOS — Nos terrenos do Vale do Jamor (Estádio Nacional), a partir das 10 horas, provas organizadas por desportistas de Linda-a-Pastora.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

Começa a 2.ª volta

A F. P. F. marcou para amanhã os encontros correspondentes á 8.ª jornada, com que se inicia a 2.ª volta. Eis o programa:

Zona A — 1.ª série — Murça-Mirandela, Gil Vicente-Régua, Valdevez-Famalicão e Bragança-Penafiel. 2.ª série — Pejão-Ferreirense, Leça-Avintes, Ovarense-Varzim e Arfanense-Académico.

Zona B — 3.ª série — Mortágua-Santacombadense, F. C. Estrela-S. B. e Castelo Branco, Lamego-Lusitano (em Nelas) e Sp. Gouveia-Viação Sernache. 4.ª série — G. Figueirense-Mirense, G. Alcabça-Marras, Nazarenos-Norte e Soure e Marialvas-Naval 1.ª de Maio.

Zona C — 5.ª série — Vilafrances-Torres Novas, «Os Leões»-Sacavenense, Tramagal-Benavente e Coruchense-Alhandra. 6.ª série — Seixal-Moitense, Casa Pia-Cova da Piedade, Lusos-Sesimbra e Sintrense-C. D. Olivais.

Zona D — 7.ª série — Calipolense-U. Montemor, S. C. Estrela-Elvas, S. L. Evora-Portalegrense e Estrela V. Novas-Campomaiorense. 8.ª série — Aljustrelense-S. Domingos, Sambransense-Ferreirense, Desperstar-C. Desportivo de S. Brás e Louletano-Silves.

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, às 15 h., excepto os do Barreiro e Evora, que são às 13 h.

UMA VITÓRIA de Herb Elliott

PERTH, 5. — O campeão mundial da milha, Herb Elliott, venceu a prova da milha no campeonato de atletismo australiano para amadores, no tempo de 4 minutos e 2,1 segundos.

Albert Thomas, detentor dos «records» mundiais das duas e três milhas, classificou-se em segundo lugar. — (R.).



Os juniores do Benfica ao ataque

Os juniores do Benfica venceram bem os Madrilenos

A equipa juvenil do Benfica, recente vencedora do campeonato lisboeta, obteve ontem um bom resultado contra os Espanhóis do Atlético de Madrid, turma que vinha precedida de grande fama, mas que não justificou, podendo até afirmar-se que o resultado ficou longe de concretizar a superioridade dos Portugueses no decorrer dos 80 minutos do prélio.

De facto, os «encarnados» com uns excelentes 30 minutos iniciais em que desbarataram positivamente os «colchoneros», jogando á base de velocidade e desmarcações rápidas, firmaram tal superioridade que o resultado de 1-0, ao intervalo, era bastante escasso para o domínio exercido e ocasiões de golo forçadas pela equipa. Valeu nesse pe-

Atletico de Madrid, que conta nas suas fileiras com bastantes elementos escolhidos para a selecção de Castela, não confirmou a fama de que vinha aureolado. Por isto ou por aquilo, o «onze» juvenil espanhol não conseguiu deixar cartel em Lisboa e se os numeros falassem certo, o resultado podia muito bem ter atingido uma expressão numérica mais volumosa. Se exceptuarmos o defesa central Glaria, elemento com pinta de futuro grande jogador, o médio Carrasco, duro mas bom jogador e o interior-esquerdo Pinto, os restantes são da craveira normal dos nossos melhores juniores, sem mais nada... A equipa do Benfica, que fez no 1.º tempo uma boa partida, não deixando seus créditos por mãos alheias, teve em Amandio, Pais, Carlitos e Jorge os seus melhores elementos.

O dr. Décio de Freitas não esteve inteiramente feliz na direcção do encontro, se bem que os jogadores na 2.ª parte lhe tivessem dificultado um tanto o seu trabalho com alguma dureza desnecessária num jogo de carácter amistoso.

Antes do encontro e depois dum jogo entre os principiantes do Benfica e do Palmense, houve um desfile das várias equipas que em breve disputarão o torneio popular organizado pelos «encarnados». Foram também entregues ao Benfica vários troféus ganhos pelo clube em torneios de aspirantes e reservas nas épocas de 1955/56, 1956/57 e 1957/58.

Ao eng.º Maurício Vieira de Brito foi oferecido um pergaminho com algumas centenas de assinaturas de sócios gradados da colectividade, como agradecimento ao trabalho desenvolvido pelo conceituado presidente do Benfica.



O dr. Pacheco Nobre, vice-presidente da A. F. L., entrega as taças que o Benfica conquistou ao eng.º Maurício Vieira de Brito

AEROMODELISMO Demonstração na pista da Portela

Iniciando as suas actividades no corrente ano, o Clube de Aeromodelismo de Lisboa leva a efeito amanhã, pelas 16 horas, na pista de voo circular da Portela, uma demonstração da modalidade, na qual colaboram alguns dos seus melhores praticantes.

A demonstração, que compreenderá voos com modelos de acrobacia, corridas, combate, velocidade e jacto, incluirá a apresentação de escalas de aviões reais, entre os quais o da Super-Fortaleza B-29, quadrimotor que desperta sempre grande interesse. Os voos serão acompanhados de explicações transmitidas através de aparelhagem sonora.

HOJE Á NOITE

HANDEBOL — No recinto da Madre de Deus, a partir das 21 horas: Ginásio do Sul-Campo de Ourique, Amoreiras-Oriental e Hoquei-Liberdade. Jogos a contar para o Campeonato da 1.ª Divisão.

VOLEIBOL — No Pavilhão dos Desportos, às 22 horas, Selecção de Lisboa-Amicalle et Sportif (Argel).

AUTOMOBILISMO — No Estádio «José Alvalade», a partir das 21 horas, realiza-se um festival de moto-automobilismo no qual está integrada a disputa da 5.ª prova complementar da XI Volta a Portugal.

XI VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

Festival no Estádio José Alvalade

Na noite de sábado, dia 5, às 21.30 horas

PROVAS COMPLEMENTARES DOS CONCORRENTES E CORRIDAS DE VELOMOTORES

Bilhetes á venda na Secretaria do SPORTING e no Estádio:

Preço unico Esc.: 5500

Cento e vinte mortes provocou já o temporal que flagela os Estados Unidos

CHICAGO, 5. — O violento furacão que sopra sobre a América do Norte provocou já pelo menos 120 mortes.

Sobre Boston desabou a maior tempestade jamais registada no fim do Inverno e na cidade de Nova York a fúria dos elementos talvez só tenha sido igualada durante o grande ciclone de 1888.

Nos seis Estados da Nova Inglaterra, o vento soprou com extraordinária violência, e a neve atingiu três metros de altura em alguns pontos.

Em Nova York, 10 mil empregados camarários procuram desimpedir as ruas da grossa camada de gelo que as cobre.

Em Washington, a corrente eléctrica foi cortada devido à tempestade. Os elevadores do edifício da Câmara dos Representantes deixaram de funcionar. Em Nova York, a espessura da neve atinge 35 cms, enquanto em Boston chega aos 65.

Dezenas de milhares de carros e camiões foram abandonados nas estradas, cuja desobstrução é extremamente difícil. Todas as comunicações aéreas foram interrompidas nos aeródromos de Washington, Filadélfia, Nova York e Boston.

Em todos os Estados da costa atlântica, as escolas encerraram e cerca de um milhão de crianças encontra-se em descanso forçado.

Nas costas da Nova Inglaterra, as vagas alcançaram por vezes cinco metros de altura. Uma vedeta do serviço de guarda-costas que pretendia prestar socorro a um rebocador em dificuldade, encalhou numa praia próxima.

Entretanto, há cidades, completamente bloqueadas, pois o tráfego por estrada e por caminho de ferro é impossível. — (A. N. I. e F. P.).

150 MORTOS

NOVA YORK, 5. — Cerca de 150 pessoas morreram em consequência da gigantesca tempestade de neve que se desloca para o Atlântico, depois de amontoar quantidades «records» de neve na parte setentrional e oriental dos Estados Unidos. — (R.).

Presidente da Comissão

Coordenadora do Serviço Social Corporativo

Foi nomeado presidente da Comissão Coordenadora do Serviço Social Corporativo e do Trabalho, o dr. Emanuel Francisco Cotrim Belo Salgueiro, juiz efectivo dos Tribunais do Trabalho e presidente da Junta Disciplinar das Corporações.

Afundou-se uma fragata em frente ao Cais do Sodré salvando-se os tripulantes

Hoje, às 7 e 20 horas, quando a fragata L-21-T. L., que tinha como arrais Manuel Bernardo de Almeida, navegava em frente ao Cais do Sodré, a reboque da lancha «Maria Ludovina», em direcção ao Cara Mujo, devido à falta de visibilidade, o barco casilheiro denominado «Sul Expresso» que faz a travessia entre as duas margens do Tejo no transporte de passageiros, chocou com a referida fragata que se afundou.

O caso provocou pânico entre os passageiros do «Sul Expresso» e os tripulantes da fragata, que se salvaram, tendo no entanto perdido todos os seus haveres. A fragata, parte da qual ficou à superfície da água, pôde ser arrastada para o cais, visto a maré estar baixa.

O chefe Serra e Moura, da Polícia Marítima, vai na próxima segunda-feira ouvir os tripulantes das duas embarcações, a fim de se determinarem responsabilidades.

Notícias de Coimbra

(Continuação da página central)

patrocinada pelo S. N. I. e pelo Círculo de Artes Plásticas e que estará patente ao público todos os dias das 9 às 17 horas, excepto às segundas-feiras.

— Na Aliança Francesa será inaugurada na segunda-feira, mantendo-se patente ao público até o dia 16,

COINCIDÊNCIA SINGULAR

LONDRES, 5. — No 18.º aniversário do seu casamento, a senhora Gwen Stone deu à luz o seu 18.º filho, em West Bromwich (Staffordshire).

Gwen e seu marido John, operário metalúrgico, têm 36 anos. Quinze dos seus filhos estão vivos 10 rapazes e 5 raparigas. — (F. P.).

Menor desaparecido



António Gaspar

António Matoso Gaspar, de 14 anos, residente na Rua das Trinas, 87 (pátio), porta 7, trabalhava como sapateiro numa casa da Rua do Carmo, de onde saiu ontem, às 13 horas, para almoçar, não tornando a aparecer ali ou em casa. Sua mãe, a sr. Rosa Trindade Matoso Gaspar, tem percorrido os hospitais e as esquadras da P. S. procurando informações sobre o seu paradeiro e temendo que lhe tenha sucedido qualquer desastre. Pessoas amigas também não puderam informá-la, e assim pede, por intermédio do «Diário de Lisboa», a quem saiba do paradeiro do filho o favor de lho comunicar.

Sinais do rapaz: tem 1,61 m. de altura, é magro, usa óculos, com uma das hastes presa por um bocado de pano, cabelo curto, fado castanho, aos quadradrinhos verdes, sapatos pretos e camisa às riscas azuis e cinzentas. Quando desapareceu conduzia um saco preto, de praia.

ROBINSON VENCEU

KENDAL (Inglaterra), 5. — O campeão de maratona David Robinson, das Bermudas, ganhou hoje a Maratona Britânica, seguido de Alfredo Rosenthal. — (A. N. I.).

Conferências musicais e literárias

Marcada para hoje, foi transferida para quarta-feira, à noite, no Teatro da Faculdade de Letras, a conferência do musicólogo Santiago Kastner, sobre «A evolução da música de tecla», incluída no ciclo «Assuntos Musicais», promovido pela Fundação Gulbenkian, com o patrocínio da Associação Académica.

— Depois de amanhã, às 18 horas, no Instituto de Coimbra, a sr. D. Marguerite Yourcenar, ensaísta, poetisa e profunda conhecedora da cultura grega, fará uma conferência sob o tema «Fonction et responsabilités du romancier moderne», por iniciativa da Aliança Francesa.

Inauguração do Bairro do Património dos Pobres

Amanhã será inaugurado, com várias cerimónias festivas, o Bairro do Património dos Pobres. Naquele bairro inclui-se a Casa dos Empregados Bancários de Coimbra, que contribuíram para a sua edificação com uma dezena de contos.

Pelos Hospitais da Universidade

Recolheram aos Hospitais da Universidade: Manuel Augusto Marques Girão, de 43 anos, casado, agricultor, de Trameiro (Figueira da Foz); Alice Martins, de 48, casada, de Vilela dos Fornos, e Guilhermina de Jesus França, de 53, casada, de Barco do Pinheiro, feridos gravemente, em resultado de quedas; e aos quartos particulares as sr. D. Margarida de Alpoim Aranha, de 60 anos, casada, residente em Oeiras, e D. Maria de Alpoim Querri-lanovish, de 63, residente na capital, vítimas de um acidente de viação próximo de Leiria.

HERDADE

Compra-se ou troca-se por prédio em Lisboa, também se empresta dinheiro sobre 1.ª hipoteca. Trata M. Léas Espada, Vivenda Laurentina, r.c., junto à Bomba de Gasolina, Estrada Marginal, PAREDE. Linha de Cascais, Telef. 047290, todos os dias até às 13 horas ou depois das 21.

O noivo de Margarida deixou de ser o antigo «Tony não te rales» para se submeter ao protocolo real

LONDRES, 5. — «Tony» Armstrong-Jones, o noivo plebeu da princesa Margarida, afastou-se completamente esta semana da vida que levava anteriormente. O jovem mudou-se do seu apartamento (num rés-do-chão em Pimlico) para o palácio de Buckingham, residência da rainha Isabel.

A razão oficial dada para a mudança foi que Armstrong-Jones podia discutir os preparativos do casamento em íntimo contacto com funcionários do palácio.

A soberana, porém, tinha claramente duas outras importantes razões para convidar o noivo de sua irmã a ficar: enquanto se encontrava atrás do gradeamento do palácio, Armstrong-Jones estaria fora do alcance da imprensa, que o persegue, e dos amigos dos seus alegres dias anteriores ao noivado como fotógrafo da sociedade.

A mudança assinala, também, o começo da sua aprendizagem da etiqueta e do protocolo reais, sob a orientação amiga do duque de Edimburgo e da própria rainha.

Armstrong-Jones não necessitará, todavia, de uma intensiva instrução para o seu papel de membro da família real. O noivo foi educado em Eton, uma das mais famosas escolas da Grã-Bretanha, e na Universidade de Cambridge.

«A etiqueta real é simplesmente uma questão de boas maneiras naturais» — afirmou um informador do palácio. «Certamente, porém, durante a sua permanência no palácio, Armstrong-Jones deverá aprender certas coisas de que necessita». O traje favorito de Armstrong-Jones — calças apertadas, um «sweater» e um jaquetão — é improvável que seja usado durante a sua permanência no palácio. O noivo terá um pagem que porá à sua disposição, todos os dias, vestuário mais «conservador».

Segundo círculos da corte, «Tony» tem de aprender a encarar a vida de forma não comercial e não política. O noivo não deve explorar a sua posição com a venda de fotografias ou das suas memórias, nem o seu nome poderá ser utilizado em negócios, por clubes, estabelecimentos ou outras organizações comerciais.

O antigo «Tony» «não te rales» precisará, também, de se acostumar à vida com um detective sempre a seu lado, durante cerimónias públicas. E a despeito do seu parentesco com a soberana, Armstrong-Jones deverá sempre referir-se a ela como «a rainha» em conversas fora dos círculos reais.

O jovem fotógrafo costumava ser o cozinheiro e o criado durante os jantares íntimos que dava na sua residência. Agora, deve acostumar-se a ser servido.

O seu noivado forçou-o a desistir do seu próspero negócio de fotógrafo. Uma sugestão apresentada esta semana indicava «Tony» para funcionário das relações públicas para a família real. — (R.).

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em LOURES na agência de NATALINO NEVES CEGO.

Escola de Condução Armando Tavares R. MORAIS SOARES, 24-1.

Escola Oficial do Auto Clube Médico Português e seus familiares. Tel. 844222

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: RUA DO NORTE, 5 — LISBOA

Capital 5.000.000\$00

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Em harmonia com o disposto no artigo 179.º, § único, do Código Comercial, é convocada a Assembleia Geral ordinária da General Electric Portuguesa, sociedade anónima de responsabilidade limitada, a reunir na sua sede, em Lisboa, na Rua do Norte, 5, no dia 23 de Março próximo, pelas 12 (doze) horas, a fim de discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1959, o relatório da Administração e o parecer do Conselho Fiscal.

Lisboa, 3 de Março de 1960.

O Presidente da Mesa de Assembleia Geral
José de Azeredo Perdigão

YBARRA & C.ª, S. A. SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CABO
SAN VICENTE

29 ABRIL

Tenerife
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

PARA:

MEDITERRÂNEO

CABO
SAN ROQUE

24 MARÇO

Algeciras
Barcelona
Marselha
Génova

OS AGENTES:

Em Lisboa:

AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º
Telefone 27264

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

LUÍS ALBERTO DEL PARANA

Y SU TRIO
LOS PARAGUAYOS

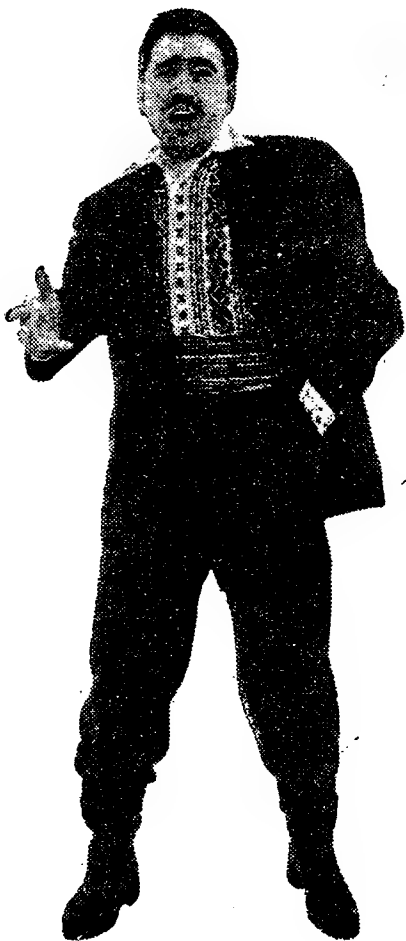
CONTINUAM
NO IMPÉRIO



LUÍZ ALBERTO, QUE
GRAVA EXCLUSIVAMENTE EM DISCOS

PHILIPS

ESTARÁ, DURANTE
O INTERVALO, NO
«FOYER» DO 1.º
BALCÃO, PARA ASSINAR OS DISCOS
AI POSTOS A VENDA PELA DISCOTECA UNIVERSAL



BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava na sua primeira página de 5 de Março de 1930 o retrato do presidente eleito da República Brasileira, dr. Julio Prestes, «que sempre defendeu a velha Europa contra os americanistas, tem pelo seu lado a simpatia dos governos que desejam romper as barreiras que pontos de vista estreitos tentam levantar, negando a aproximação dos povos». E concluiu: «E firmemente convencidos de que o dr. Julio Prestes aparece na hora própria — hora de labor e de grandeza — o «Diário de Lisboa» saúda na sua pessoa, tão distinta e tão fidalga, todo o Brasil — a bela unidade civil e republicana do seu sentimento latino».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano por Carmen Cavallaro e conjunto; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: Orquestras ligeiras; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de «jazz», pela Orquestra de Louis Armstrong; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores — Noticiário — Comentário; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores, transmitido da Voz do Operário. No intervalo: Duas Gerações; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: «A cantata n.º 202», de Bach; 19 e 30: O violinista Henrick Szeryng; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Sexto programa da série Música Popular de Israel; 20 e 15: Quarteto n.º 15 em sol maior, op. 161, de Schubert, pelo Quarteto de Budapest; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Concerto, pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata para flauta e piano», de Bohuslav Martinu; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? 3.º acto e final da ópera «Orfeu», de Gluck; «Concerto n.º 1», de Paganini; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 46: Teatro de brincar; 18 e 5: Mick Michely; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Nelson Edy; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 20: Migalhas doutrinais; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o «jazz»; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 35: POLITEAMA — «O sobe e desce».

O PORTO pelo telefone

Posse do novo director do Instituto do Vinho do Porto

PORTO, 5. — (Pelo telefone). — Na sede do Instituto do Vinho do Porto, na Rua Ferreira Borges, efectua-se hoje ao fim da tarde o acto de posse do novo director do Instituto do Vinho do Porto, eng. João de Brito e Cunha, e do seu adjunto, eng. agrón. Alberto Ferreira da Silva, acto a que preside o dr. António Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio. Esta manhã fez-se ali uma visita da imprensa, na qual tomaram parte não só os profissionais desta cidade e delegados dos jornais de Lisboa, bem como representantes do S. N. I. A visita foi acompanhada pelo eng. Alvaro Moreira da Fonseca, que em nome da direcção expôs a função e a necessidade daquele organismo. Amanhã, os representantes da imprensa visitarão na Régua a Casa do Douro, centro de toda a actividade viti-vinicola da região demarcada pelo marquês de Pombal em 1758 e que vai desde Barqueiros a Barca de Alva.

Presidente da Camara de Gaia O eng. Brito e Cunha que hoje deixou de exercer as funções de presidente da Camara de Gaia para desempenhar o cargo de director do

Musica de Viena; 22 e 50: Noticiário; 23: A 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

Hoje, às 20 e 30, abertura; 20 e 32: Telejornal (1.ª edição); 20 e 50: Programa Juvenil; 21 e 45: As Comemorações Nacionais do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique; 22 e 5, Variedades; 22 e 45: Teledesperto; 23 e 5, Telejornal (2.ª edição); e 23 e 15, «Naquele tempo...».

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 5 (Quarto minguante) — 21 e 26 (3,14 m.); Dia 6 — 11 e 2 (3,02 m.); 22 e 37 (3,11 m.); Dia 7 — 11 e 20 (3,01 m.); 23 e 46 (3,19 m.).

BAIXA-MAR

Dia 6 — 3 e 21 (1,83 m.); 16 (1,89 m.); Dia 7 — 4 e 33 (1,83 m.); 17 (1,83 m.).

BAILES DA PINHATA

Esta noite, haverá bailes da Pinhata nas seguintes colectividades: Casa do Algarve, na Rua Capelo, 5-2. dt., com a orquestra «Dancing Lisboa»; Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3. 1.; Casa da Comarca de Arganil, na Rua da Fé 23, com o conjunto «Melodia Azul»; Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente, 45-1.; Casa de Pedrogão Grande, na Rua das Portas de Santo Antão, 159-2., com baile e variedades para assistência aos pobres do concelho; Clube Estefania, na Rua Alexandre Braga, 24 A com o conjunto de José Barreiros; Casa Pia Atlético Clube, no Largo do Conde Barão, 50-2.; Clube Atlético de Campo de Ourique, na Travessa do Cabo, 3, com os «Parodiantes de Lisboa»; Clube Académico de Portugal, na Rua de S. Bento, 148-1., esquerdo; Grupo Desportivo da Mouraria, na Rua do Terreirinho, 80-1., com o conjunto «Os vencedores»; Sociedade Ordem e Progresso, na Rua do Conde, 77, com variedades; Belém-Clube, na Calçada da Ajuda, com o conjunto de Carlos Lopes; no Clube Atlético de Queluz, com o excelente conjunto «Mágicos do Ritmo»; e no Grupo Recreativo de Tercena.

CARTAZ DO DIA

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».

AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».

MONUMENTAL — A's 20 e 30 e 23 e 30 — «Margarida da Rua».

CAPITOLIO — A's 21 e 45 — «Vai ver que é...».

MARIA VITÓRIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».

A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Quem sabe, sabe...».

VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Revista é sempre revista».

S. LUIS — «Jerry no Japão».

TIVOLI — «Namorados em férias».

S. JORGE — «Norman no palco».

IMPERIO — «A pesca de um marido».

EDEN — «Um moreno audacioso».

POLITEAMA — «O sobe e desce».

Instituto do Vinho do Porto, recebeu as despedidas do pessoal daquele município, efectuando-se depois uma sessão solene no salão nobre da Camara e a que presidiu o chefe do distrito, encontrando-se presentes as mais destacadas figuras políticas do Porto e de Gaia. Fizeram o elogio do eng. Brito e Cunha vários oradores, agradecendo o homenageado.

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45: «Arlequin servidor de dois amos», pelo G. T. M.

AGUIA DE OURO — A's 15 e 20 e 21 e 30 — «Europa de Noite».

RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O capitão sem barco».

SÃO JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 45 — «Anatomia de um crime».

BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O corsário Lafitte».

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Começou com um beijo».

VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «A Marca do Zorro».

OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O Sobe e Desce».

JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Santiago».

COLISBU — A's 15 e 30 e 21 e 30: «Zenobia e o gladiador».

MONUMENTAL — «O Inspector geral».

ODEON — «Quarta-feira de cinzas».

ALVALADE — «Jerry no Japão».

CONDES — «O passarinho da Ribeira».

ROMA — «Mulheres perigosas».

AVIS — «A refugiada».

RESTELO — «O Diário de Anne Frank».

OLIMPIA — «Costello e a mulher gigante».

IDEAL — «Orgulho e paixão».

PROMOTORA — «Nós, os homens».

CAMPOLIDE — «Quô Vadis».

CINE-MOSCAVIDE — «Ódio destruidor».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096.

Sousa — Estrada de Benfica, 424-431, Tel. 780027. Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629. Leal de Matos — Rua Neves Costa 33-35, Carnide, Tel. 780181. Universitária — Rua O. 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953. Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942.

Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto à Avenida Brasil), Tel. 765262. Europa — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Agua), Tel. 710131; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia 12, Tel. 727721. João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; FATIMA — Aven. de Berna, 24-B (junto à igreja de Fátima) T. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Avila, 32-A, Tel. 43495. Oliveira Viagas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial — Largo D Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2 16-A Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira), Tel. P P C 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Rodadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa e Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351. Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B. 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freltas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remiso — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poco Novo), Tel. 27806; Veritas — Rua da Misericórdia, 133, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Costa — Praça da Figueira 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.



CONCURSO



QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

NOME.....

MORADA.....

LOCALIDADE.....

TELEF.....

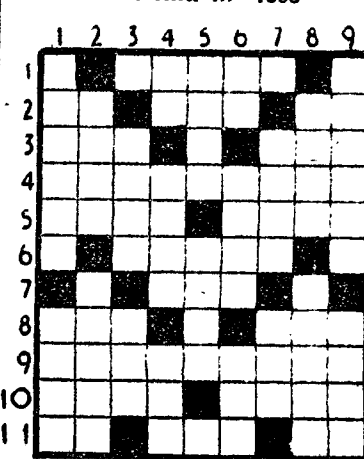
Qual o seu programa preferido? (resposta facultativa)

Voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do concurso «Quem tudo quer tudo perde», organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1883



HORIZONTAIS: 1 — Traço de ferro. 2 — Certo. Nome de mulher. Advérbio. 3 — Enal. Pelos de certos animais. 4 — Género de plantas que serve de tipo às ranunculáceas. 5 — Estavam. Camareiras. 6 — Apellido. 7 — Catedrais. 8 — Oco. 9 — Equipasseis. 10 — Sobranos. Lugar em que. 11 — Nesse lugar. Sapo do Amazonas. Campeão.

VERTICAIS: 1 — Desejam. Encalha. 2 — Dar mios. Trespassei. 3 — Moeda de prata da Índia inglesa (pl.). Intimo (inv.). 4 — Batráquio. Certas. Pega. 5 — Paraiso. Normas. 6 — Preposição e artigo. Animais domésticos. Existo. 7 — Nome de um rei de Portugal. Moeda japonesa. 8 — Título honorífico concedido pelo sultão a algum vizir. Rédea. 9 — Limonada gasosa. Campeões.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

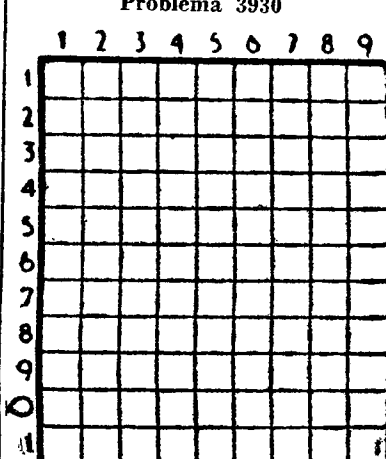
Solução do problema n.º 1882

HORIZONTAIS: 1 — Sam. Sic. 2 — Os. Aia. Ao. 3 — ABRIL. 4 — Sanar. Era. 5 — Acata. Vãs. 6 — Ela. Aal. 7 — Caf. Acres. 8 — Ois. CHEIO. 9 — Acuai. 10 — Ir. S. S. S. Ar. 11 — Lis. O. Olé.

VERTICAIS: 1 — Sonsa. COVIL. 2 — As. Aceai. Ri. 3 — Analisa. 4 — Abata. Cs. 5 — Birra. Acuso. 6 — Al. Ahas. 7 — Levantei. 8 — Ia. Ralei. Al. 9 — Covas. Sobre. Provérbio: ABRIL — CHEIO O COVIL.

(NOVA MODALIDADE)

Problema 3930



HORIZONTAIS: 1 — Irmã de Napoleão. 2 — Baleia. 3 — Preposição. Douteira. Artigo definido (ant.). 4 — Ponderei. Rente. 5 — Canção. El-vado. 6 — Símbolo químico da prata. Frequentava. 7 — Povoação do concelho do Seixal. 8 — Pertences. Cantão da Suíça. A mim. 9 — Lago salgado do Turquestão. Vila e concelho do distrito do Porto. 10 — Negras. 11 — Nome de mulher bíblica. Divisão de uma casa.

VERTICAIS: 1 — Assunto. Verdadeiros 2 — Simples. Senhor. 3 — Em partes iguais. Profira. Rio da Suíça. 4 — Tramava. Córrea. 5 — Lareira. Magoa. 6 — Encolerizara. Versijas. 7 — Em a. Junta. Pega. 8 — Pronome demonstrativo. Nota musical. 9 — Grande cão de fila. Dera a meias.

Solução do problema n.º 3929

HORIZONTAIS: 1 — Lucerna. 2 — Aramei. Ia. 3 — Sr. Pintar. 4 — Ama. Irmã. 5 — Cê. Ave. 6 — Vá. Até. Sá. 7 — Grã. Pó. 8 — Suam. Bar. 9 — Assada. Vê. 10 — Rã. Dormem. 11 — Variara.

VERTICAIS: 1 — Lãs. Visara. 2 — Urraca. Usa. 3 — Cá. Me. Gás. 4 — Empa. Armada. 5 — Rei. Ata. Dor. 6 — Ninive. Bari. 7 — Tré. Pã. Má. 8 — Iam. Sorver. 9 — Caraca. Ema.

Água ao domicílio em Leiria

LEIRIA, 5 — A Camara Municipal de Leiria deliberou, por unanimidade revogar a postura sobre a «distribuição e venda domiciliária de água a cidade de Leiria», dando-lhe redacção que proíbe o transporte de bilhas de água às costas ou em veículos tirados por animais, para entrega domiciliária. Passa a ser permitida apenas a entrega de água potável em condições que garantam a ausência de inquinação ou de conspurcação.

Reuniões científicas

Sessões pedagógicas

No dia 7 do corrente, às 21 e 30, efectua-se, na Es. cola Técnica Elemental Manuel da Maia, anexa à Escola Industrial Machado de Castro, a quarta sessão pedagógica do ciclo preparatório, deste ano lectivo. O professor Manuel Breda Simões, da Faculdade de Letras de Lisboa, falará sobre «A língua e a História Pátria no ciclo preparatório». É livre a entrada de professores e alunos.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Estão a pagamento com juros da mora as seguintes contribuições e impostos:

— Contribuição Predial; Contribuição Industrial; Imposto Profissional e Imposto Sobre a Aplicação de Capitais — Secção A.

TAXA DE SOBERANIA COLONIAL — As firmas que têm relações regulares comerciais com as províncias ultramarinas ou que nelas exerçam qualquer ramo de comércio, indústria ou agricultura, devem enviar à secção de finanças da área da sua sede, até ao dia 31 de Março corrente, uma declaração com os seguintes elementos:

a) Nome, firma ou denominação social;

b) Sede ou residência;

c) Importância da renda anual do estabelecimento, do escritório, ou o seu valor locativo quando o contribuinte for o seu proprietário. Se o estabelecimento ou escritório estiver instalado na casa de habitação do contribuinte a importância da renda ou valor locativo é o correspondente à parte dos imóveis ocupados.

IMPOSTO COMPLEMENTAR — Apresentar nas secções de finanças da residência ou sede, das declarações modelos n.º 2, pelos contribuintes individuais; n.º 3, pelas sociedades em nome colectivo, por quotas, em comandita simples e outras sociedades colectivas; n.º 4 pelas sociedades anónimas ou em comandita por acções; n.º 5, pelas sociedades de seguros.

Portugueses de Agadir chegaram esta madrugada a Casablanca num pequeno barco de refugiados

(Do nosso enviado especial ARTUR PORTELA FILHO)

CASABLANCA, 5. — É com dificuldade que consigo estabelecer esta ligação telefónica. Não porque me levantem dificuldades burocráticas ou porque depare com menos amabilidade e compreensão dos funcionários a quem me dirijo, mas porque, naturalmente, o excesso de serviço resultante deste período de emergência e da acumulação dos jornalistas de todo o Mundo provoca uma grande sobrecarga no sistema de comunicações. Tenho pouco tempo para falar. A angústia do que tenho para dizer, desta visão trágica que se me depara, aos primeiros contactos com as vítimas e os refugiados de Agadir, junta-se, assim, a não menos angustiosa impotência de não poder dizer tudo.

Faia uma incerteza atroz sobre o destino dos Portugueses de Agadir e é ela, evidentemente, a minha primeira preocupação. As nossas autoridades diplomáticas e consulares não se poupam a esforços para conseguir estabelecer o balanço das vítimas que se registaram entre a nossa colónia e reconhecer o paradeiro dos sobreviventes, acerca dos quais partem apelos angustiosos das famílias ou dos companheiros de trabalho.

Anda por sete mil o número dos nossos compatriotas que se encontravam concentrados na região de Agadir, Mogador e Safi, sendo esta última cidade a sede do consulado de que depende essa importante colónia, constituída na sua maioria por gente ligada às actividades do mar — pescadores ou tripulantes dos barcos que se dedicam às fainas da pesca. Só em Agadir devia haver uns duzentos.

No meio da confusão natural que viemos encontrar, em que os serviços respectivos não têm mãos a medir para atender todos os que se lhe dirigem, em angustiosos apelos, para saber de mortos ou sobreviventes, das mais diversas nacionalidades e condições, também há uma presença ansiosa de Portugal. O cônsul dr. Fernando Calado Crespo tem desenvolvido uma extraordinária actividade no sentido de obter informações concretas e até o nosso ministro em Rabat, dr. Manuel Homem de Mello, se deslocou propositalmente aqui, mostrando o seu interesse pela sorte dos nossos compatriotas que viviam na região da catástrofe.

Parece já averiguado que houve algumas dezenas de mortos entre os Portugueses de Agadir, mas, a par dessa triste realidade, há notícias concretas de muitos sobreviventes.

Dentre os catorze Portugueses já encontrados salvos, podemos apontar José Pires Fernandes, de 44 anos, pescador, natural de Tavira, que veio para Marrocos em 1942; sua mulher, Maria Cristina

Salvador, e o filho, Tolentino Pires Fernandes, de 22 anos, serralheiro; Tomás Graça, de 57 anos, e mulher, Carminda Ribeiro, de 53, ambos de Vila Real de Santo António, que estão nestas terras há uns 30 anos.

O filho deste casal, o serralheiro mecânico José Graça, descreveu, ainda horrorizado, o que viu na noite trágica do terramoto:

— Estava a ouvir telefonía. Era um fado da Amália. De repente, tudo começou a abanar violentamente. Corri para a rua, mas já não havia rua. Tudo era uma tremenda e afiliva confusão no caos.

Contou ainda que assistiu aos esforços que fazia para se salvar a família de Angelino Jesus Fernandes, de 36 anos, natural de Tavira, com a mulher, Maria da Graça Fernandes, de 30 anos, natural de Vila Real de Santo António, e os filhos Albino, de 7 anos, e Alina, de 6. A pequena, que na sua inocência parecia não compreender muito bem o que se passava, preocupava-se, especialmente com uma boneca que desaparecera:

— A Mireille morreu... — dizia choramingando.

Outro sobrevivente é Idalécio Pires Faleiro, de 22 anos, serralheiro, natural de Tavira, que perdeu o pai, Joaquim Maria Faleiro, de 47 anos; a mãe, Clarisse Pires Fernandes, de 40, e o irmão José, de 11, cujo cadáver foi encontrado dentro de um colchão, perto do corpo inanimado do pai, que tudo indica ter sido prostrado quando fazia esforços desesperados para salvar a criança.

Chegada a Casablanca de um barco com portugueses

Esta madrugada, cerca das seis horas, chegou a Casablanca um barco com refugiados portugueses de Agadir. Era o «Tadlas», que trazia a bordo os seguintes sobreviventes, ainda visivelmente impressionados com a tragédia a que assistiram:

Luis Faustino, de 55 anos, pescador, de Vila Real de Santo António; a mulher, Maria José Ribeiro, de 50 anos, de Castro Marim, e os filhos, José Luis, 20 anos, mecânico; Maria Luis, de 22, dactilógrafa;

Eduardo Guerreiro, de 47 anos, pescador, de Quarteira, casado com Luisa Gonzalez, de 35 anos; e os filhos Felicidade, António, Albino, Cristóvão, Odília e Helena;

Manuel Amancio, de 50 anos, pescador, casado com Serafina Zuniga, de 38 anos; com os filhos Maria, José, Isael, Nalisa e Salvador. Esta pobre família perdeu um filho, cujo corpo foi lançado na vala comum pelo próprio pai.

Também vinham entre os passageiros do «Tadlas», Armando Muxaxo, de 49 anos, pescador, casado com Isaura Costa, de 39 anos,

e os filhos, Maria Madalena, de 17 anos, Armando, de 16, Maria, de 13, e José, de 11. Acompanhava-os o avô, Joaquim Costa, de 84 anos.

Conseguiu igualmente chegar aqui, no mesmo barco, João Carvalho, de 63 anos, carpinteiro, de Olhão, que se fazia acompanhar da Mulher, Maria Josefa, de 52 anos, também de Olhão.

Vinham ainda no «Tablas» os seguintes passageiros:

Manuel Sebastião, de 55 anos, de Quarteira, casado com Eufrosina Martins, de 46 anos, e os filhos Bernardette, de 25 anos, António Sebastião, de 19, mecânico;

Daniel de Almeida Silva, de 47 anos, proprietário de um barco de pesca e casado com Maria Narcisa Cravo, que se faziam acompanhar dos filhos Isabel, de 14 anos; Lucília, de 12; Daniel, de 8; João, de 2, e Claudio, de 10 meses; e

José Santana, de 62 anos, pescador, com a mulher, Maria Barros, de 53 anos, e os filhos: Luísa, de 7; Maria, de 4; Amália, de 3; José Manuel, de 2, e Gilberto, de 10 meses.

A chegada do «Tadlas» verificou-se cenar de grande emoção. No caos, encontravam-se o cônsul de Portugal e sua esposa, com os António Leal e Matos Correia, que dispensaram aos nossos compatriotas carinhosa recepção.

O pavor dos sobreviventes

Os sobreviventes, que conseguiram assim chegar a Casablanca, descrevem a catástrofe com palavras que exprimem ainda o pavor que os tomou na ocasião. Luis Faustino diz que, quando viu tudo a estremecer violentamente julgou que era «Deus que estava zangado...». O seu companheiro Joaquim Costa foi para uma suposição mais realista: atribuiu tudo a uma bomba atómica. Armando Machado, então, julgou-se, de repente, transportado ao Inferno.

A par destas impressões ténicas dos recém-chegados, é possível averiguar também algumas notícias mais sobre os que desapareceram. Fala-se nos números mais desconhecidos, mas há quem diga que morreram mais de 150 Portugueses. Entre os que se dão como mortos ou desaparecidos contam-se Abílio José Cravo, de 50 anos, pescador, casado com Joana Cravo, de 45, e os filhos Evangelina, de 19 anos, Joaquim, de 13, e Florinda, de 11; António Cravo, de 24 anos, casado com Arlette, de 20, e os filhos, Maria, de 6, Filipe, de 4, e Isabel, de 2; assim como os parentes Florinda Cravo, de 79 anos, e Jeannette, de 22.

São estas as informações concretas que conseguimos recolher junto dos Portugueses recém-chegados a Casablanca. Mas não é fácil concretizar impressões, nem confirmar informações no meio deste angustioso espectáculo que se nos depara. Há Portugueses que choram a sua triste sorte, com todo perdido nos escombros de Agadir — os pais e os filhos, os haveres e as ilusões — tudo, enfim, subvertido pelo cataclismo, que em poucos segundos arrasou a cidade.

Espera-se ainda hoje mais um barco com sobreviventes portugueses de Agadir. Há que os amparar e que lhes dar assistência, sobretudo assistência moral e alguma ajuda material. Sob o ponto de vista médico ou sanitário já não precisam de nada, tanto assim que a «equipe» médica que prontamente foi enviada de Lisboa e que aqui trabalhou abnegadamente, vai regressar a Portugal. As vítimas de Agadir já não precisam de médicos — só carecem agora de coveiros.

KRUCHTCHEV

regressou a Moscovo

MOSCOVO, 5. — O presidente Nikita Kruchchev regressou hoje a Moscovo, depois de uma viagem de três semanas aos países asiáticos. Logo que chegou, dirigiu-se imediatamente ao Estádio Lenine, para proferir a conferência habitual no regresso de viagens ao estrangeiro. — (A. N. I.).

AÇORDA DE SÁVEL

FAMOSO PRATO do Ribatejano de Salvaterra



É com esta expressão de dor que se apresentam os sobreviventes de Agadir. Uma francesa evacuada para França lança-se nos braços do irmão, chorando os entes queridos que deixou entre os escombros da cidade-mártir

Evitou-se o «napalm»

para não destruir os tesouros da cidade

AGADIR, 5. — A razão de não ter sido empregado na destruição da cidade o «napalm», quando muitos preconizavam, alegando que o fogo tudo purifica, foi o receio de que este fizesse rebentar os cadáveres, tornando-os ainda mais perigosos.

Outra razão apresentada pelos inimigos do fogo, foi o facto de a cidade conter inúmeras riquezas em acções e dinheiro, encerradas nos bancos que se desmoronaram, além de que importantes «stocks» se encontram ainda nos estabelecimentos e ar-

mazéns. Há também os documentos que, passadas as primeiras horas de destruição, não são de desprezar: os livros de contas. Por outro lado, os Americanos e Franceses a quem se perguntou se tinham «napalm», declararam não ter.

Não se incendiará Agadir, mas durante 5 semanas, pelos menos, um milhão de soldados marroquinos e talvez estrangeiros — se o Governo aceitar que eles participem nos trabalhos de demolição — serão os únicos a viver ali. — (F. P.).

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 14, 1.º, DIR. — LISBOA
TELEF.: 728182 e 728183

CONSULTAS MÉDICAS DE TODAS AS ESPECIALIDADES, ANÁLISES, RADIOGRAFIAS, ELECTROCARDIOGRAFIA, FISIOTERAPIA E TRANSFUSÕES

CORPO CLÍNICO (por ordem alfabética)

Análises: Prof. Manuel Reimão Pinto e Dr. Marques Lito
Anatomopatologia: Dr. João Campos
Cardiologia: Dr. Barreto Fragoso
Cirurgia Geral: Dr. Pita Negrão
Cirurgia Torácica: Dr. Nunes de Almeida
Cirurgia Plástica: Dr. Baptista Fernandes
Clínica Médica: Dr. Carlos de Oliveira (Doenças Tropicais), Dr. Albertina Cardoso, Dr. A. Dias Costa, Dr. A. Cabral de Abreu, Dr. Estanço Louro, Dr. F. Leal da Costa, Dr. Gastão Pereira dos Reis, Dr. Jacinto Simões, Dr. M. Sá Marques, Dr. Rui Valentim Lourenço e Dr. Pardelhas Sanches

Dermatologia: Dr. Francisco Norton Brandão
Doenças Alérgicas: Dr. Ramos Castaño
Endocrinologia: Dr. Silva Gomes
Estomatologia: Dr. José de Paiva Boléo e Dr. Lélis Marques
Fisioterapia: Dr. Alfredo Mayer e Dr. Luis Carpinteiro
Gastroenterologia: Dr. Albergaria Ambar e Dr. Ferreira Malaquias

Neurologia: Dr. Albuquerque de Freitas e Dr. Moradas Ferreira
Obstetrícia e Ginecologia: Dr. Daniel de Pinho, Dr. Formosinho Sanches, Dr. Kirió Gomes e Dr. Rui Pinheiro

Oftalmologia: Dr. Carlos da Maia
Ortopedia: Dr. José Botelho e Dr. M. Azevedo Gomes
Otorrinolaringologia: Dr. Francisco da Silva Alves
Pediatria: Dr. Fernando Sabido, Dr. Orlando Gomes da Silva e Dr. Pedro Pimentão

Psiquiatria: Dr. Albuquerque de Freitas
Radiologia: Dr. Carlos Paiva Raposo e Dr. Idílio de Oliveira
Tisiologia: Dr. Joaquim Nunes de Almeida
Transfusões de Sangue: Dr. Filipe Vaz
Urologia: Dr. Mário Ruas

SERVIÇO PERMANENTE (DIA E NOITE) DE CHAMADAS AO DOMICÍLIO

VA TODOS OS DIAS AO

Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Enfado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

CASINO ESTORIL

FOI TAL O ÊXITO DO «BAI-
LE TRAPALHÃO» QUE HOJE
A PINHATA É DEDICADA
AOS «TRAPALHÕES»... E
COM BRINDES

Preços normais

(Maiores de 17 anos)

BARRETE VERDE

Benavente
Tel. 74

O MAIS ORIGINAL E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO (NOVA GERÊNCIA) — DOMINGO DIA 6 — ALMOÇO REGIONAL EMENTA: — AÇORDA DE SÁVEL — Ensopado de enguias — Cabrito à Barrete Verde — Lombo à Lezíria, etc., etc.

RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — ACORDEONS
Exibição do «Conjunto Luz e Vida» — único no género — crianças que tocam vários instrumentos e exibem FOLCLORE

CHAS D'ANÇANTES com ORQUESTRA DO BARRETE VERDE (M/15 ANOS)

AVISO AOS POLIGLOTAS!

Há mais línguas na Terra do que pensam os gramáticos

Os cientistas andam metendo ombros a uma tarefa altamente perigosa para nós, homens. Nada mais e nada menos que estudar se os animais possuem uma linguagem própria em cada género, espécie e raça. Não devemos esperar nada bom da iniciativa: sempre que os animais se deram ao luxo de falar foi para gaitelmente se rirem das nossas manhas e vícios. Para nos defendermos chamámos «fábulas» às suas intervenções críticas; mas no fundo consideramo-

las tão «reals» que sempre nos socorremos delas quando, para nos defendermos dos ataques de outros bichos-homens, não temos a heróicidade ou a possibilidade de usar uma linguagem mais clara. Pomos então, entre nós e os nossos inimigos, esses animais falantes, mestres em crítica literária e de costumes. Quando necessitamos atingir as manobras de qualquer «gauleiter» fardado ou à paisana é certo e sabido que recorremos ao lobo. Se temos alguma fé no presente e no futuro pomos o lobo em palpos de ara-

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 86

Diário de Lisboa

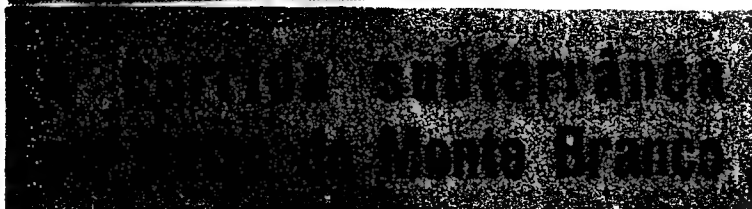


nha com as manhas da raposa, símbolo, nessa altura, do espírito e dos valores do espírito; se descremos de uma vida melhor, o ditador e a vítima contracenam sob a pele do lobo e do cordeiro.

Noutras ocasiões de aperto a mesma raposa nos serve para denunciar os videlrinhos da política, das artes, das letras e dos negócios.

A coisa, porém, agora, é mais séria. Os cientistas começam a demonstrar que cada espécie de animal possui a sua linguagem mais ou menos fruste. Que sucederá quando os filólogos animalistas descobrirem por inteiro o vocabulário, a sintaxe e a semântica dos nossos irmãos inferiores? Em que lugar ficaremos no primeiro reino da natureza? Que

(Continua na 3.ª página)



LANÇAR pontes, cortar istmos, furar tuneis, são tudo consequências dum mesmo desejo: ultrapassar obstáculos naturais que se opõem à livre circulação das pessoas e das coisas. A tentação é tanto maior quanto mais fácil for a sua realização.

O Monte Branco é a montanha mais alta da Europa, culminando a 4.807 metros do solo, mas faz parte de um maciço cuja base é relativamente estreita e duma natureza geológica que facilita a sua perfuração.

A ideia duma estrada-túnel sob o Monte Branco é tão velha como a sua primeira ascensão. Em 1786, o guia Balmat conseguia pela primeira vez pôr o pé no cimo virgem. No

ano seguinte, Genevês Horace Bénédict de Saussure, naturalista e físico suíço, conseguia chegar também vitoriosamente ao seu ponto mais alto. Foi a este físico e naturalista que acudiu a ideia de unir as duas vertentes por uma grande estrada passando por baixo do maciço.

A aproximadamente 160 anos de distancia vai ter lugar o velho sonho. Requeria a empresa meios extraordinários? Parece que não. Os Alpes são já cruzados por vários tuneis, maiores que o futuro túnel sob o Monte Branco. Citaremos, por exemplo, o maior do Mundo: o «Simplon» que une a Suíça e a Itália e que tem o comprimento de 20 quilómetros, aproximadamente.

Há ainda a «Grande Galeria dos Apeninos da linha Bolonha-Florença» que mede 18 quilómetros, «record» dos subterrâneos de via dupla; o «Saint Gothard» ligando o vale suíço de Andermatt ao de Airo-

(Continua na 7.ª página)

REPORTAGEM

da INDIA NAS MARGENS DO RIO SAGRADO

Por MARIE ROSE

Regressávamos a pé do templo de Bubhaveswar na costa oriental, entretidos a ver os camponeses apanhar a bosta das vacas. Por nós passou um Sadhou. Vestia roupa cor de açafrão, gasta e desbotada pelo sol tropical. Por bagagem um saco e um bastão esculpido; nos pés um resto de sandálias. Era na verdade, um Sadhou bastante apresentável, nada parecido com os energúmenos de tanga, cabeludos, desdentados e chagados que encontramos nas margens do Ganges. Apressámos o passo e quando chegámos junto dele cumprimentámos-lo, na forma usada na Índia. Respondeu-nos numa língua desconhecida, talvez a de Orissa, onde nos encontrávamos, mas como, felizmente, sabia um pouco de inglês pudemos iniciar conversação. Uma coisa o preocupava nesse momento: Vinha de passar a noite em casa de um bom homem, camponês, que lhe tinha dado hospitalidade durante dois dias e receava não ter tanto sorte nos dias futuros.

— Ora diga-me — perguntámos-lhe — porque é que você, vendo toda a miséria que os rodeia, vivendo num país onde há fome e sendo como você, santo, homem, ainda jovem e apto acham bem

(Continua na página seguinte)

DIZ QUE É DIFÍCIL SER MARIDO



Os maridos de mulheres célebres (género de príncipes consortes) queixam-se de que a profissão de marido é muito difícil. Tal é o caso do modesto senhor Meneghini, esposo da célebre senhora Callas. Num entrevista insinuou pudicamente os seus problemas e acabou por dizer que a mulher era adorável.

Os Ingleses comentam cenas destas com um ditado muito britânico: «A necessidade faz correr um homem nu».



(Continuação da página anterior)

agravar ainda mais essa miséria vivendo da caridade publica?

e santo, e eu não passo de um simples noviço.

Pela expressão que deixou transparecer compreendemos que a nossa pergunta não tinha sentido para ele. Pareceu-nos que a ideia de contrato social, o sentido da troca e das obrigações humanas não só lhe eram estranhas, como lhe pareciam mesmo coisas bárbaras. Olhava-nos com uma expressão de dó. Eis, pensaria, um espécime desse Ocidente egoísta, onde tudo se compra, se vende e nada se dá, nem mesmo um simples bolo de arroz.

— Eu procuro Deus — diz ele, finalmente. — O que me dão é por amor a Deus e isso lhe será tido em conta no futuro. Para vós, os Ocidentais, só contam os valores materiais, mas para os hindus, são

Suspirou profundamente, meteu pelo caminho ladeado de eucaliptos e as suas sandálias, atadas nos arrelhos, levantavam a cada passo uma pequena nuvem de poeira.

A Índia está cheia de Sadhus. Encontramo-los por toda a parte, desde os altos nevados do Himalaia às praias quentes de Travancore. Alguns andam sós, outros em bandos, todos selvagens, hirsutos, descarnados. Considerados meio eremitas meio mendigos, nem todas as pessoas os tomam a sério. No comboio, quando um deles sobe para pedir há sempre quem nos diga ao ouvido: «Não o escute, é um falso Sadhu!».

A actividade religiosa reveste as formas mais inverosímeis. Já em Bombaim nos impressionámos ver e ouvir um indivíduo que metido numa grade, numa imobilidade absoluta levou todo o caminho a re-

Na terra onde se viaja sem dinheiro e onde se come sem trabalho... Mas é tudo por Deus

os valores espirituais que predominam. Olhe o exemplo de Gandhi: não possuía nem casa, nem terra, nem dinheiro, nem nada. No entanto, era o homem mais escutado e mais respeitado na Índia.

— Isso é verdade — dissémos — mas o mahatma conhecia o valor do trabalho. Sempre exaltou o trabalho manual, organizou mesmo centenas de oficinas e, ele próprio, nunca deixou de fazer trabalho manual.

E como o nosso homem continuasse a sonhar, prosseguimos:

— Procurar Deus para si, apenas, como você faz, e desinteressando-se dos seus semelhantes, não será um egoísmo dos maiores? Não será voltar as costas aos ensinamentos do Mestre?

Mas o Sadhu não respondeu. Olhava, lá longe, os filhos de Shiva, muito longe, para o Sul, virado para as cidades santas de Rameswaram e de Madusa, onde o esperava a Divindade. Por fim baixou a cabeça, humildemente, e disse:

— Gandhi era um grande mestre

petir continuamente a mesma palavra. É doido, coitado, pensámos. Explicaram-nos depois que repetia o nome de Deus, segundo um costume em uso. Mas é no domínio da disciplina física que os ascetas hindus demonstram possuir uma grande imaginação. O jejum é, decididamente, muito fácil e praticado com toda a regularidade. Pôr a cabeça para baixo e assentar os ombros no solo já exige maior prática. Mas alguns fenómenos vão ao ponto de se fazerem enterrar vivos durante semanas; outros renunciam ao uso da voz, ou de um membro que acaba por se paralisar. Tais exemplos de maceração são felizmente cada vez mais raros. Contudo o «yoga» tanto como exercício higiénico como manifestação de superioridade de si próprio, é ainda muito geralmente praticado, mas cada vez menos ligado à religião e ao misticismo.

No povo, a vida religiosa é muito activa. O camponês encontra sempre um momento para ir ao templo, quer para rezar, quer para ofere-

cer algum presente à Divindade: azeite, flores, manteiga ou incenso. Cada templo, é em princípio, dedicado a uma divindade particular: Shiva, Vishnou, Kali, Ganesh, sem contar com as numerosas divindades locais ou secundárias. Estes templos, são de um modo geral, maravilhas de arquitectura e ricamente decorados por altos e baixos relevos, representando os divindades ou os episódios das suas múltiplas aventuras.

As festas religiosas, como as grandes peregrinações, deslocam multidões consideráveis. O Diwali Day, em Delhi, a festa da deusa Lakshmi, protectora do comércio, dão lugar a grandes ajuntamentos barulhentos e coloridos, numa atmosfera que em nada difere das quermesses populares. Estas festas são, particularmente, espectáculos de danças e jogos. Comem-se petiscos, bolos, e por toda a parte se vêem Luna-Parques modernos. As mulheres vestem os seus belos saris. Milhares de lampadas de cores diversas decoram árvores e flores. A alegria é geral, quem não tem muito dinheiro arruina-se e os mendigos fazem bom negócio.

As peregrinações são muito mais impressionantes. Assistimos a uma no Alto-Gange, a de Garh Mukhterwar. De toda a parte da Índia se deslocam famílias inteiras, a pé, de bicicleta, de comboio, de carroço, e sobretudo de carro de bois. Cada família instala a sua tenda nas margens dos sete braços do Rio Sagrado. De manhã, homens e mulheres fazem ablações, metidos até aos joelhos nessa água amarela e cheia de limos, que os hindus bebem com delícia.

De dia é também ali, que o peregrino vem lavar a roupa e a loiça. E o espectáculo de noite é maravilhoso com milhares de barcos minúsculos, archotes rústicos que descem o rio.

Se os camponeses são muito sensíveis ao aspecto ritual do hinduísmo, não se dá o mesmo com os Indianos evoluídos, para quem a religião é uma questão íntima, um caso de consciência. Os deuses dos templos são, para eles, criações da imaginação popular.

Os Indianos são, em geral, religiosos, mas não perdem o sentido prático. São, aliás, excelentes comerciantes que prosperam em to-

das as costas do Oceano Indico, desde a União Sul Africana às ilhas da Ende.

Fomos a Benarés visitar um pequeno e curioso templo nepalês, inteiramente construído em madeira, mas o guarda não nos deixou entrar porque — dizia — a nossa presença, como estrangeiros, profanava o templo.

Dispusemo-nos — como é costume — deixar os sapatos á entrada



CANÇÃO DO MAR
FORA DE PORTAS
MADRAGOA
FADO DAS CALDAS

7EGC

11

A VOZ DO
SEU DONO

CHÁ DA CINCO. Penumbra. Confidências a meia-voz. E a tarde, ribunda. Mas, de súbito, irrompe o conjunto de Mário Simões a recordar que, lá fora, na longa faixa do litoral, persiste a Canção do Mar; que, ao redor da cidade, nos pontos onde não chega o abraço incompleto do Tejo, permanece ainda o encanto e a tradição boémia de Fora de Portas; que, no corpo da própria Lisboa, tão perto e tão distante, pulsam as veias de bairros populares como essa marinheira Madragoa; e que, mais longe, vibram, festivos, os guizos daquela sábia turbulência que repercutiu no Fado das Caldas.

Chá das cinco. Dispa-se a penumbra. E os últimos ecos do conjunto de Mário Simões são raios do Sol que iluminam a tarde da terra portuguesa.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho
R. Nova de Almada, 97



mas nem assim se convenceu. Um amigo Indiano indicou-nos a solução: com uma rupia como senha de entrada pudemos até fotografar tudo que quisermos.

O poeta Lanza del Vasto, autor da «Peregrinação nas Fontes», discípulo e amigo de Gandhi conta a este respeito uma curiosa anedota. Como tivesse criticado um pescador budista de comer peixe, este respondeu-lhe:

— A nossa lei não nos impede de comer, mas apenas de matar. Não nos impede também de lançar um anzol á água. Este peixe ficou preso apenas no anzol. Eu puxei o meu anzol e o peixe morreu nas margens.

AVISO AOS POLIGLOTAS



(Continuação da 1.ª página)

transformações não se virão a dar nos domínios da oratória e das relações entre os seres vivos? Estará próxima a hora em que os quadrúpedes, plantigrados, digitigrados não humanos terão um assento na O. N. U. e em todos os pactos mais ou menos regionais e geográficos? Nós sempre nos rimos daquela teimosia do santo em pregar aos peixes. No entanto, que se verificou nesta última guerra? Uma coisa surpreendente, como vou contar.

As tripulações dos submarinos ficavam subitamente aterrorizadas com os ruídos que os aparelhos de escuta captavam. Uma vez esses ruídos eram líricos, outras exaltadamente coléricos e ameaçadores. A princípio confundiram-nos com presenças humanas, mas a experiência acabou por lhes ensinar que se tratava de monólogos, diálogos e reuniões colectivas de nossos irmãos subaquáticos.

Encontrara-se uma pista. Tal pista revelou que os golfinhos são verdadeiras alegres comadres, tagarelas. Não se pode dizer que falem pelos cotovelos, o que seria uma heresia anatômica; mas o Dicionário da Academia promete criar, para eles, a expressão «falar pelas barbata-nas».

Sabe-se também que as carpas são excelentes conversadoras. Apurou-se que os animais possuem um vocabulário muito reduzido e que serão insensíveis ao espantilho da gramática. Possuem, como os meninos civilizados e existencialistas, uma «linguagem muito livre». Não usam verbos, não cuidam das relações honestas entre o sujeito, o predicado e o complemento. Dizem «tim» e o ruído exprime com aque-queza, qualquer coisa como «a água está saborosa».

Não devemos rir-nos. Os Ingie-

ses quando forçados a sair dos seus jamanquinhos não fazem às vezes melhor figura. Que diferença haverá entre a linguagem sintética de um peixe e a do imponente lorde que afirma «mim, contente»?

Nos peixes o mesmo ruído «tim» pode variar de significado consoante a entoação. Mas é isto novidade? Não empregamos tantas vezes a palavra «não» para dizer «sim»?

O registo dos gritos dos animais por meio das técnicas electrónicas mais modernas está a dar espantosos resultados. Hoje pode ter sentido a afirmação de que começamos a compreender os animais. Para isso também muito contribuiu o estudo dos fenómenos da linguagem nas crianças e nos povos primitivos — uns e outros na aprendizagem da Humanidade.

Como não poderia deixar de suceder, os ensinamentos obtidos vão custar muito caro aos animais. A descoberta da filologia animal, o aparecimento de políglotas versados na matéria, terá efeitos desastrosos para os brutinhos. Um exemplo:

O Institut National de Recherches Agronomiques (I. N. R. A.) fez um estudo sobre a linguagem dos corvos, por meio da mais avançada técnica electrónica.

conversa. Depois, no laboratório, começa o estudo particularizado, metódico dos diferentes sons ou, se quisermos, dos diferentes sinais fonéticos da linguagem dos corvos. Um dos que mais chamou a atenção dos especialistas foi o que se pode traduzir por — «Alerta! Toca a fugir quanto antes».

E porque chamou essa especial atenção?

Não há dúvida de que o homem é o mais macaco de todos os seres vivos. Isolado o referido sinal de alerta, basta reproduzi-lo alto e bom som, para pôr os corvos em debandada. Eis uma forma prática e científica de se libertar a agricultura de incómodos hóspedes.

Numa experiência da Escola Nacional Agronómica de Orignan obtiveram-se os seguintes resultados:

Um camião com aparelhagem sonora escondida entre ramos, e postado debaixo do grupo de árvores, onde há noite costumavam aboletar cerca de 5.000 corvos, esperou a sua chegada, ao cair da noite. Depois da barulheira habitual que acompanha a acomodação daqueles milhares de aves, fez-se um relativo silêncio. Nessa altura o operador sonoro pôs a girar um disco em que se havia registado os gritos



Quando os corvos se reúnem, à noite, em bandos numerosos, em certos pontos predilectos de bosques vizinhos das regiões agrícolas que infestam — um camião da I. N. R. A., devidamente camuflado, acerca-se deles. Calmamente, os aparelhos vão registando toda a algaravia da sua

de um corvo preso pelas asas. Debandada geral. E os corvos durante um ano não aparecem na região...

Aqui tem o leitor uma aplicação prática do recente conhecimento da linguagem dos animais. Não há dúvida que pela boca morre o peixe...

«Vanitas vanitatum et omnia vanitas», afirma o Eclesiastes. Por toda a parte a vaidade. Em todos os lugares da Terra. Entre os selvagens e os civilizados, as mulheres e os homens, os velhos e as crianças. Nos estúpidos como nos inteligentes, nos cretinos como nos génios. Em todas as formas, da actividade humana e até mesmo entre alguns animais, como o pavão e o peru, cujos nomes, por analogia dos respectivos comportamentos, servem para designar certos tipos de vaidosos humanos.

Devo fazer desde já uma importante prevenção. É hábito confundir-se a vaidade com o orgulho e com a arrogância. Ora, em meu entender, trata-se de coisas fundamentalmente distintas. O orgulhoso pretende mostrar aos outros aquilo que desejaria ser; o arrogante quer mostrar-se tal qual é; o vaidoso contenta-se com parecer. Posto isto, prossigamos:

Dizia eu que o campo da vaidade se alastra, sem limites, no espaço e no tempo. Mas, apesar disso, ainda ninguém se tentou a escrever uma história desse importante sentimento humano. Porque a vaidade também tem, como todas as coisas, uma história: nasceu, cresceu e acabará um dia por morrer, embora talvez num futuro muito longínquo.

Para aquilatar das manifestações de vaidade dos nossos antepassados trogloditas, teremos de recorrer ao método analógico, que consiste em aproximar os costumes dos selvagens actuais com os dos povos primitivos. A aceitar como bom esse critério, somos levados a concluir que os nossos mais remotos antepassados já eram bem vaidosos, porquanto os selvagens actuais se adornam profusamente com plumas, colares, brincos, braceletes e mil outras bugigangas.

Também o hábito de cuidar da cabeleira não é uma conquista das sociedades civilizadas. Muitos são os selvagens que tingem os cabelos e os arranjam com requintes capazes de fazer inveja às elegantes do nosso tempo. Os Figianos, tribo da África Central, chegam a conseguir penteados com 90 centímetros de circunferência.

Quanto ao «civilizado» costume de furar as orelhas às raparigas, logo ao nascer, para as ornar com penduricalhos, são igualmente os selvagens quem nos leva a palma. Entre algumas tribos da África Oriental, as mulheres que pretendem ser elegantes chegam a pendurar das orelhas discos de madeira de um enorme tamanho e sucede mesmo, entre alguns grupos mais exigentes em matéria de elegância feminina, que a perfeição só se considera atingida quando os lobos das orelhas são tão compridos que é possível fazê-los tocarem-se atrás da nuca.

Mas, em matéria de conseguir pontos de apoio para as ornamentações, os selvagens vão ainda mais longe, chegando algumas tribos a aproveitar o nariz e os lábios. Entre os Makalolos, as mulheres fu-

ram o lábio superior para nele introduzir um anel de metal ou de bambu, que se chama «pepelé». Noutras tribos africanas a moda consiste em distender lentamente os lábios, introduzindo neles discos que, por dilatação progressiva, chegam a ter o diâmetro de 30 centímetros.

Estas brevíssimas notas sobre a vaidade entre os povos selvagens conseguirão talvez dar-vos uma ténue ideia do que, neste capítulo, deveria ter-se passado com o homem primitivo. E, a acreditar em Frobenius, esse gosto pelos ornamentos remonta ao período quaternário. Mas a grande afeição pelos objectos de adorno muito aumentou ainda, e muito se requintou, nas sociedades civilizadas. Os metais chamados preciosos e as pedras mais raras passaram a ter uma enorme procura e a arte de lavar o ouro e a prata atingiu tal perfeição entre os Egípcios, que as jóias descobertas sobre a múmia da rainha Ah Hotep, mãe do faraó que fundou a XVIII dinastia, foram admiradas em Londres e Paris, no século passado, como realizações insuperáveis da arte de ourivesaria.

No Oriente, particularmente na Índia, o luxo do vestuário e o fausto dos ornamentos foram espantosos. Também os Hebreus se distinguiram pelo seu amor ao luxo e a ostentação com que o rei Salomão recebeu a rainha do Sabá, quando esta foi visitá-lo, parece ter ultrapassado tudo o que a fantasia humana possa imaginar.

Os Gregos, a despeito da elegante sobriedade do seu vestuário, tinham um vivo gosto pelos ornamentos. Já em Homero encontramos descritas as jóias usadas pelas matronas helénicas e é sabido que Erifila, mulher do príncipe grego Anfiarau, pela ambição de possuir um precioso colar de ouro, entregou aos inimigos o seu próprio marido.

A antiga civilização romana, pelo menos até à última guerra púnica, primou por uma grande austeridade de costumes; mas logo que, com a destruição de Cartago, Roma adquiriu incontestável supremacia no Mediterrâneo, os cidadãos começaram a entregar-se decididamente ao luxo e ao prazer. Báusamos, essências e cosméticos de toda a espécie, foram importados do Oriente. A ondulação dos cabelos tornou-se grande moda e a arte de vestir atingiu requintes ainda desconhecidos no Ocidente. As jóias eram usadas com grande profusão e algumas damas chegavam a ostentar vinte anéis de cada vez. A pérola, cujo preço era infinitamente superior ao de hoje, era o adorno mais apreciado e Seneca diz que muitas matronas romanas traziam nas orelhas pérolas do valor de duas ou três herdades. A guarnição de pérolas e esmeraldas com que Lólia Paulina, mulher de Calígula, ador-

(Continua na 3.ª página)

O QUE FICOU POR LER

Um pessimista

Os outros planetas do sistema solar são um verdadeiro fumeiro químico — declara o astrónomo americano Heinz Tabu — e nenhuma descoberta interessante lá poderemos fazer. Esta afirmação categórica surpreendeu todos os outros sábios.

O mistério do meteorito da Sibéria

Em 1908, um gigantesco bólido caiu sobre a floresta siberiana, derubando árvores numa área de algumas centenas de quilómetros. Uma primeira expedição científica explorou os locais em 1927, tendo recolhido pedaços de ferro atribuído ao meteorito. Uma segunda expedição organizada em 1957 desmente estas conclusões.

O mistério do meteorito da Sibé-

ria continua. E se, afinal, ele se volatilizou antes de cair no solo?

Tanto gelo!

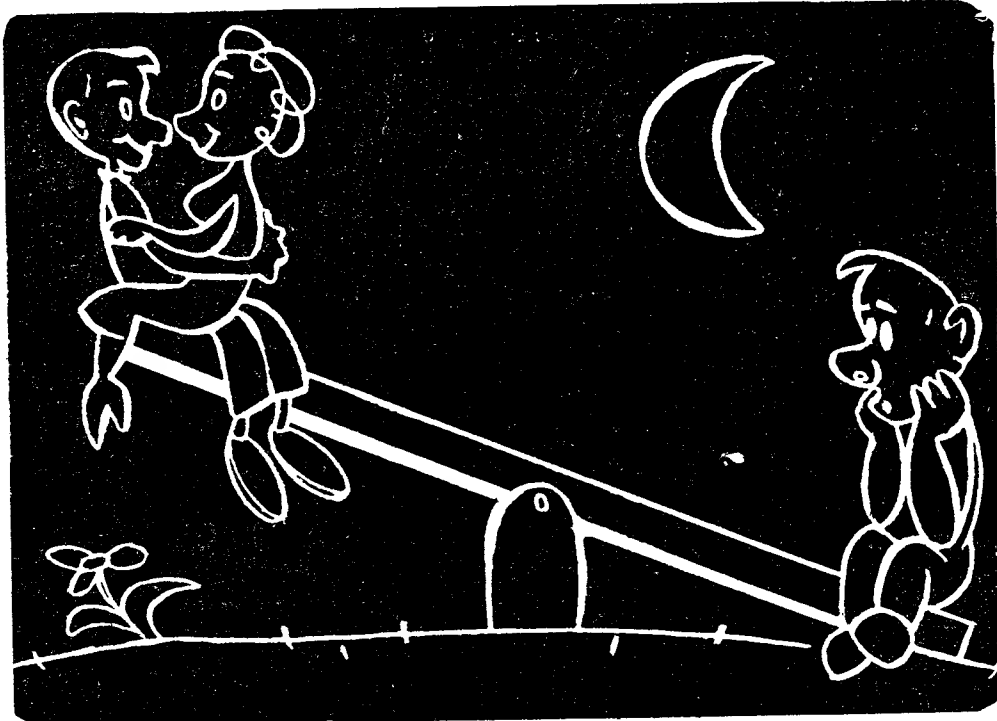
Segundo as medições efectuadas no quadro do Ano Geofísico, o volume dos gelos do Globo atinge 18 milhões de quilómetros cúbicos, dos quais, nove décimos no Antártico. É muito mais do que se supunha até agora.

O «record» da profundidade

Em Boksborg, no Transvaal, um poço aberto num terreno aurífero atingiu a profundidade de 3.354 metros e conta-se poder atingir os 3.650. É um verdadeiro «record».

Diamantes no Polo

Uma rocha vulcânica, de kimberlite, contendo diamantes, foi descoberta na pequena ilha do Mar Branco. Os geólogos supõem que haverá outros jazigos diamantíferos no norte da Rússia da Europa.



O peso da solidão

CUBA

EM CALDA DE AÇUCAR

próprias fontes açucareiras e vão procurando importar a menor quantidade possível. Além disso a atitude política dos novos dirigentes cubanos não entusiasmou os Estados Unidos, principais clientes da pequena ilha que se queixa de pressões comerciais dos comerciantes lanques.

Por tudo isto a cotação mundial do açúcar baixou 5 centimos por quilo, e mesmo a esse preço Cuba encontra bastantes dificuldades em colocar a sua produção.

Há, é verdade um Conselho Internacional do Açúcar cuja missão é velar pela estabilização do mercado e especialmente evitar que a descida não ultrapasse os 3,25 centimos. Mas é evidente que esse conselho está a funcionar pouco bem.

A única notícia agradável para os produtores cubanos de açúcar foi a compra pela União Soviética de 170.000 toneladas no Verão passado e mais uma encomenda recentemente. A cotação por isso mesmo subiu 2,88 centimos, mas estas encomen-

das não podem salvar totalmente a situação nem repõem o mercado no seu lugar.

Além disso há que contar com o mau humor das companhias americanas instaladas em Cuba. A famosa «United Fruit» de que tanto se falou no caso da Guatemala, levanta-se agora contra a reforma agrária promulgada pelo Governo de Fidel de Castro; — e diga-se que tem razão para isso pois perde os 67.000 hectares de cana de açúcar que explora na Ilha, em troca duma indemnização que considera insuficiente.

Por aqui se pode ver as dificuldades que está a correr o jovem Governo cubano.

Além da força que tem a apoio-jo os Cubanos contam como aliada poderosa a grande seca que houve o ano passado na Europa. A falta duma colheita capaz de bater a obrigação a França a comprar 180.000 toneladas de açúcar cubano, a Suíça 4.000 toneladas e a grande esperança está na Rússia e nos outros países do Leste Europeu.

O mercado mundial do açúcar pode dizer-se que está em plena fermentação, como aliás a maioria dos mercados de matérias-primas alimentares. Parece que há muito de tudo, embora hajam subalimentos às centenas de milhões.

Como é sabido, o reino do açúcar é a ilha de Cuba que o barão general Fidel de Castro tornou ainda mais conhecido. A indústria do açúcar representa 85% da economia do país, e a exportação deste produto para a Europa chega a atingir aproximadamente os 2,5 milhões de toneladas.

Mas desde há alguns anos que o açúcar se vende mal. A maior parte dos países modernizou as suas

O CONDENADO

CHESSMAN | OU COMO SE FAZEM PEQUENOS CRIMINOSOS

O grande debate mundial sobre o caso Chessman, o jovem criminoso americano que há 12 anos espera ser executado na câmara de gás, trás de novo a discussão não apenas a grande interrogação de pena de morte, mas também um dos grandes problemas do nosso tempo: o aumento contínuo da criminalidade juvenil.

Há muito que o velho sistema ju-

as pessoas, registou o seu modo de vida, condições de alojamento, de trabalho, de distração, opiniões sobre vários assuntos e os seus costumes. Traçou o que, verdadeiramente, se pode chamar uma carta geográfica criminal, localizando ruas e «ilhas», onde se encontra a maior percentagem de delinquentes, e provou que as razões dos delitos variam consoante o meio em

da infracção, a classe social do delincente e o estado da civilização em que vive. O prof. Stancin cita alguns exemplos: Lembra que uma civilização tem ainda subcivilizações de grupos sociais e que estas microcivilizações podem variar de bairro para bairro.

Que o homem tem a dimensão tempo e espaço e quando os seres vivem demasiadamente próximos uns dos outros acontece-lhe como aos porcos-espinhos: ferem-se. «Quanto mais apertados estamos mais nós nos sentimos». Desenvolvendo esta ideia conclui que a pior solidão para o homem é a cidade tentacular. Num prédio superlotado reina entre os seus ocupantes uma constante irritabilidade, vivem numa atmosfera tão carregada e um simples grito de crianças pode provocar uma desordem, ou ser tomado como coisa mais séria.

O excesso de fadiga, causado pelo trabalho, por vezes muito monótono ou pelo ruído, são outros factores do delito. Alguns homens, e parece que mais raramente as mulheres sob a influência da fadiga batem cegamente nos filhos e provocam ambientes de hostilidade. A agressividade será também estimulada pelo sentimento de injustiça e de frustração, e ainda pela incapacidade de satisfazer uma quantidade de necessidades muitos deles criados artificialmente. A proposta cita as compras a crédito como uma ilusão que custa cara.

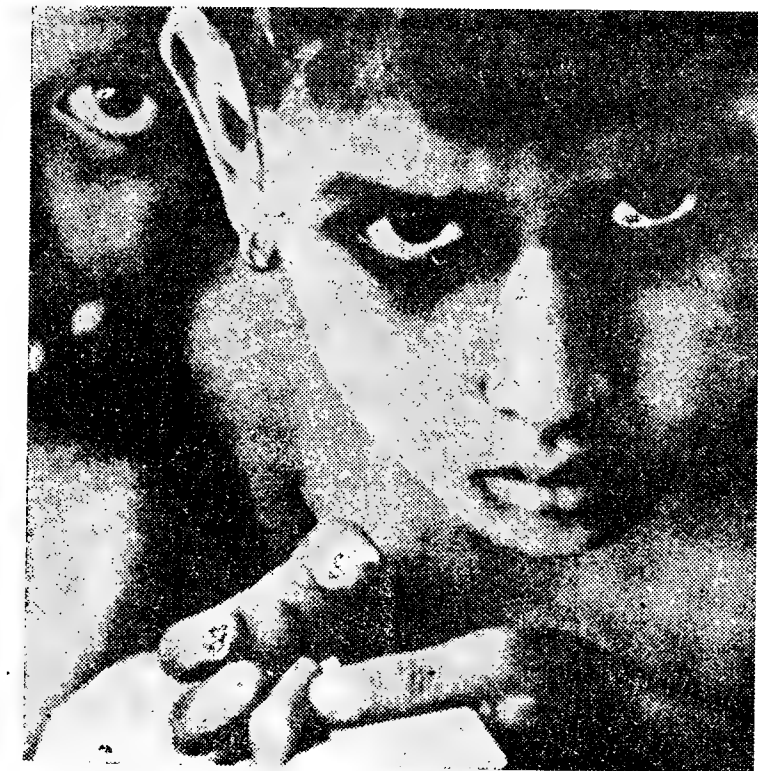
Há depois o isolamento afectivo. Nas grandes cidades reina o que podemos chamar um duro egoísmo engendrado pela civilização de concorrência em que vivemos. Neste caso precisamos saber distinguir bem entre o que ele chama uma civilização competitiva cujo princípio de luta pela vida é: *Tu ou Eu* e uma civilização cooperativa cuja fórmula é *Tu e Eu*. *Tu ou Eu* ilustram-se com os pratos de uma balança, um em cima e outro em baixo, pressupõe a moral do gladiador onde há sempre um vencedor e um vencido; *Tu e Eu* é diferente: são as duas asas duma ave, ambas necessárias para que ele voe para renovadas e melhores paragens.

É, evidentemente, a guerra apontada pelo célebre criminalologista como também muito responsável pelo aumento da criminalidade, particularmente entre as crianças: lembra o diálogo citado por Ana Freud entre dois rapazes de 6 anos: — «Eu matava João, mas diz-me que sou preso...» — «Idiota — diz-lhe o outro com ar superior — Apenas precisas decidir se João é Alemão. Matando-o receberás uma medalha».

Dolorosos choques emotivos sofridos durante a guerra, como in-

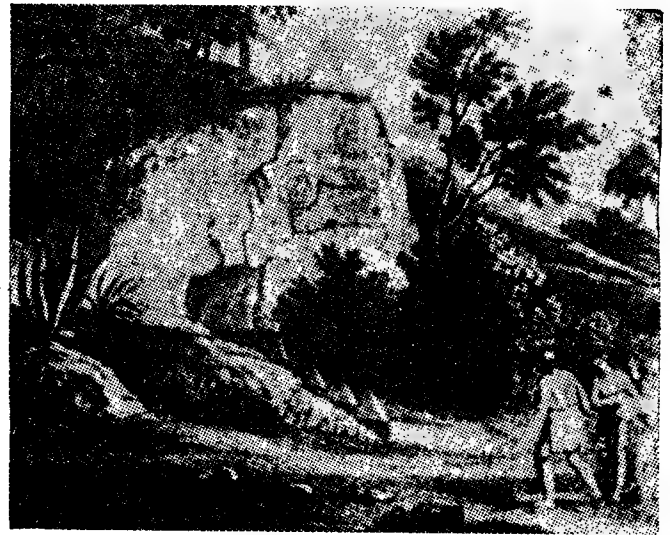
que cada um vive. Numa rua pobre as crianças roubam porque lhes faltam golodices; numa rua rica outras crianças roubam porque lhes falta ou educação moral ou carinho. E, coisa curiosa, quanto mais a rua é estreita maior é a taxa de delinquência, em relação ao conjunto de todos os habitantes. Numa certa rua os delinquentes são só do lado dos números pares. E a falta de sol que explica esta estranha distinção? A verdade é que há um conjunto um pouco complexo de circunstâncias que provocam situações propiciatórias tanto à prática do crime, como ao suicídio e à loucura. Uma das suas conclusões fundamentais é que o homem, colocado em certas condições de ambiente, vive entre duas alternativas inevitáveis: o heroísmo ou o crime.

Estabelecendo que as causas do crime variam segundo a natureza



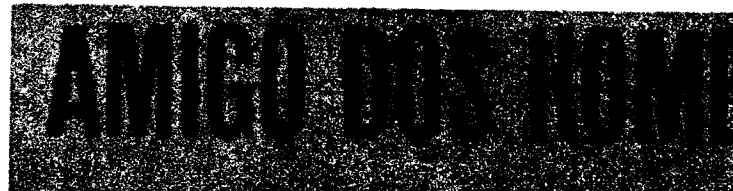
dicial repressivo já secular, se mostra absolutamente insuficiente para entrar a contínua ascensão dos delitos que acompanham a civilização técnica. Julga-se indispensável criar e desenvolver uma nova concepção do que vulgarmente se chama «defesa social», num sentido mais educativo pois está cada vez mais provado que, salvo certas excepções, o criminoso é um homem como outro qualquer.

O conhecido criminalologista prof. Stancin, submeteu ao I Congresso de Profilaxia Criminal, que teve lugar em Paris no ano passado, um pormenorizado estudo sobre a criminalidade na capital francesa cujas conclusões bem poderão ser extensivas a qualquer outra das grandes cidades. Num minucioso inquérito o prof. Stancin analisou dois bairros completamente diferentes, do ponto de vista social. Entrou em habitações, falou com



colégio de Francfort, cidade de G. Direito e em comercial do dotado de mente sensível por sua cu por esse de segredo dos sobre a

Em 1789 nária se op nhecer em ter que tin pitão James e memoráveis de Forster avivaram em então 19 an tível dos pa da infância ma de real de Forster, carreira co inteiramente za. Depois



Quando num dia de Maio do ano de 1859 Alexandre de Humboldt, com a idade de 90 anos, foi conduzido solenemente à sua última morada, a população de Berlim prestou-lhe sentidamente as suas melhores homenagens. Todas as classes da sociedade se juntaram no cortejo fúnebre: representantes da corte da Prússia, professores, estudantes, operários, artesãos e comerciantes.

Difícilmente se encontraria outra personalidade, além de Humboldt, capaz de reunir à sua volta tão vasta e unânime admiração. Relações muito estreitas e amigáveis o ligavam aos chefes de Estado de três continentes, tanto aos presidentes de República como aos reis. Os representantes do mundo científico acarinavam-no como o seu Nestor, e, ao mesmo tempo ele era, no melhor sentido da palavra, um vulgarizador. No curso publico que dirigiu no Conservatório de Berlim durante o ano de 1827-28, perante um auditório extremamente variado, Humboldt apresentou pe-

la primeira vez ao grande publico um quadro científico do Universo.

Ninguém podia predizer-lhe, na juventude, uma vida tão brilhante. Os educadores da família Humboldt queixavam-se frequentemente das suas insuficiências. Humboldt, desprezava as regras educativas da época e passava o tempo nas proximidades do castelo deixando-se guiar pelas suas próprias tendências. Coleccionava pedras e plantas, observava o mundo animal que o rodeava e punha a imaginar-se em longínquos continentes onde pudessem fazer novas descobertas.

Numa das suas obras escrevia ele mais tarde, referindo-se à infância: «Senti na minha primeira juventude uma necessidade nostálgica de viajar em países pouco conhecidos dos Europeus».

Nesta época em que se aprendia sobretudo religião, literatura e História, ninguém compreendia as tendências «aberrantes» do jovem Alexandre. Sua mãe queria-o comerciante e enviou-o primeiro para o



cêndios, bombardeamentos, rugas, fuzilamentos, tudo isso e o abandono a que muitos foram sujeitos, são outros tantos elementos de formação agressiva que a guerra proporcionou aos jovens desse tempo, e que hoje são adultos.

É também a velocidade nascida com o desenvolvimento da técnica, uma das causas da criminalidade. O crime na estrada é dos mais destrutivos e é, ao mesmo tempo uma manifestação concreta da discordância existente no nosso tempo entre a estrutura física do homem e a civilização técnica que ele cria.

Juntamos agora a todo este cortejo impressionante os malefícios de uma outra técnica ainda insuficientemente controlada em grande parte do Mundo: a Imprensa e os filmes. O cinema exerce uma extraordinária influência na delinquência infantil, mas a Imprensa destinada aos jovens não tem menor responsabilidade. Odete Philippon no seu importante inquérito «A juventude culpada acusa-nos» analisando 11 ilustrações num total de 110 páginas contou 415 vezes o uso de armas, 66 mortos, 40 disputas à mão armada ou sob ameaças de revólver, 38 tiros, 21 facadas e 2 cenas de tortura.

Mas parece serem ainda as causas de uma natureza afectiva as mais frequentes na formação de uma mentalidade delinvente entre os jovens. Perto de 82 % dos cri-

minosos juvenis do Mundo são o resultado de deficiências familiares: divórcios, concubinação, maus tratos e maus exemplos.

A prevenção do crime, como conclui o prof. Stancin, é na verdade possível apenas pelo melhoramento do meio. Liga-se intimamente a todo o grande problema social: habitação, urbanismo, organização do trabalho, instrução e luta contra a fome e a miséria.

A luta contra o crime não pode consistir em matar homens nem em melhorá-los, e em melhorar todas as condições humanas.

É a transformação do homem só é possível modificando o meio em que ele vive.

PENSAMENTOS

— É o desejo do supérfluo e não a necessidade que faz cometer os maiores crimes.

ARISTOTELES

— A acumulação dos homens, como das batatas, é o que faz o seu apodrecimento.

MIRABEAU

— As sociedades têm os delinquentes que merecem.

DR. LACASSAGNE

— A galera faz o galeriano.

VICTOR HUGO

Ciência

Vai ser feita a técnica mund

Os serviços do departamento de comércio vão electrificar a cer uma ca para o corre fará em qu lho correspo possível de anteriores n

O calcula rá» 150.000 anos em tod incluindo a seu interme necer aos que seja a p trem, a incli o angulo e verdadeiro a agulha da b

As obser traduzidas impressas p is o apar ano a que caso 1960, t clusões. Qua estiverem de belecer as s será a incli Outras linha anual das m nação.

As cartas dos os cinco

Soldadu A Estingh tion anuncia processo de por ultra-so cidade, pod sucesso nas em cadeia.

Os metais dois rolos lig tros-sons cha estes apare energia elect vibrações me

colégio de ciências comerciais de Francfort, depois para a Universidade de Göttingen onde aprendeu Direito e em seguida para a escola comercial de Hamburgo. Alexandre, dotado de uma natureza extremamente sensível, sofreu profundamente por sua mãe. Várias vezes adoeceu por esse motivo e só em grande segredo podia continuar os estudos sobre as pedras e plantas.

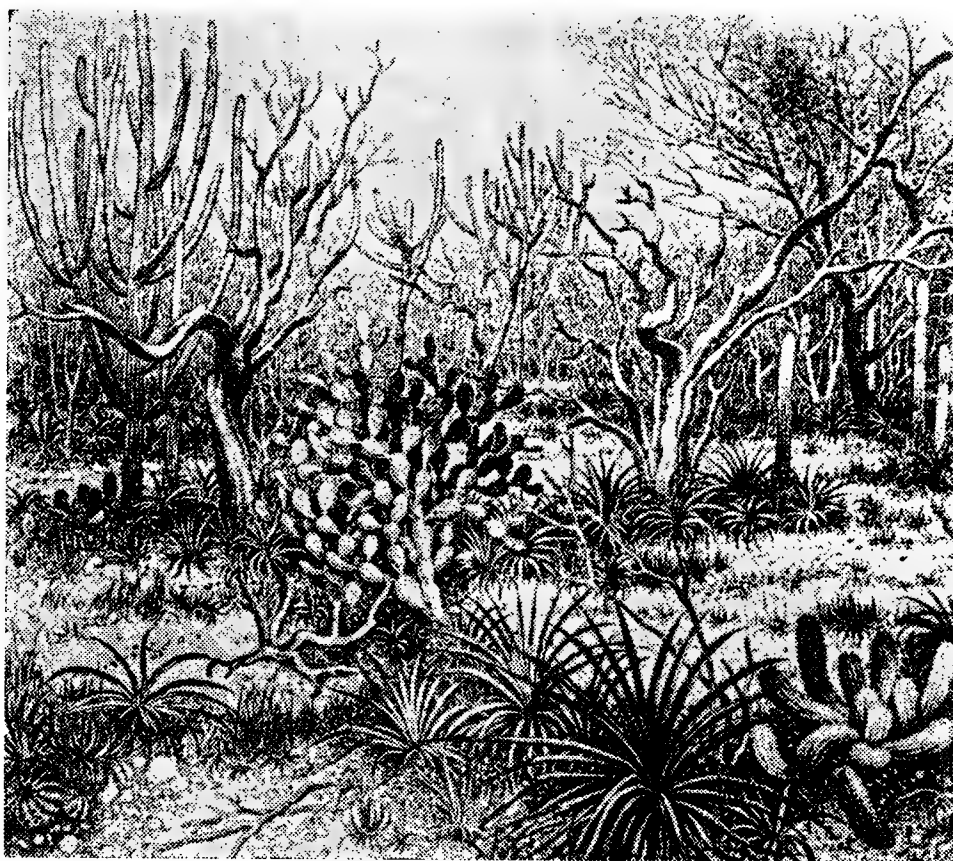
Em 1789 uma viragem extraordinária se operou na sua vida ao conhecer em Göttingen Georges Forster que tinha acompanhado o capitão James Cook na sua segunda e memorável expedição. Os relatos de Forster sobre os mares do Sul avivaram em Humboldt, (que tinha então 19 anos) a nostalgia irresistível dos países tropicais. Os sonhos da infância começavam a tomar forma de realidade. Sob a influência de Forster, Alexandre abandonou a carreira comercial e concentrou-se inteiramente no estudo da Natureza. Depois de ter feito na compa-

e insegurança fundou com eles na aldeia de Steben a primeira escola livre para mineiros e operários. Criou além disso, uma espécie de seguro contra acidentes e doenças, que considerava indispensável dado os perigos ligados à profissão de mineiro. Durante o Inverno de 1794 escrevia ele a um amigo: «Os meus antigos projectos continuam na mesma: há dois anos que vos disse adeus para ir para a Rússia, para a Sibéria, sei lá para onde». Contudo, no ano seguinte dava a conhecer o seu desejo de viajar na América do Sul.

A herança que a mãe lhe deixou em 1796 forneceram-lhe os meios necessários para a realização dos planos de viagem tão anseados. Humboldt devia ter nessa altura grande desejo de deixar a Europa pois não aceitou um convite de Goethe para percorrerem juntos a Thuringia.

O sonho realiza-se

Em 1798 começou finalmente o sonho: partiu de Espanha para a



NAS TERRAS DO NORDESTE

Há um verso do poeta René Char que fala «numa grande morada de pó nas florestas brancas». A catinga é isso mesmo, com a sua atmosfera poeirenta e irrespirável. É de facto uma floresta branca, quase sem folhas e sem sombras, verdadeiramente um fantasma da floresta. Imagina uma inestruturável desordem de troncos franzinos, definhados, de cor esbranquiçada, pequenos arbustos raquíticos de poucas folhas quase invisíveis. Emergindo deste entrelaçado de troncos nus, cactos de todas as formas e tamanhos, alguns parecendo gigantes canelabros. Mas o que rigorosamente dá o «clima» da catinga é na verdade aquela transparência e confuso emaranhado de árvores secas que a cobre e corta a roupa e a carne a quem a atravessa.

Nesse ambiente árido e sufocante, a temperatura chega a atingir 40° a sombra. Depois das 10 horas da manhã é já difícil caminhar. Mas a catinga é ainda o manto protector do Sertão. Os cactos retêm a água e podem restituí-la a quem não demorar em lá recolher. Os sertanejos sabem disso e usam-na para si e para o seu gado. Mas é preciso que haja catinga!

É que por vezes desaparece por acção do mais devastador, o mais sistemático e o mais inteligente ser que existe à superfície da Terra: o homem.

O Sertão, como todo o Brasil, foi conquistado para a civilização, dividido entre fazendeiros pela reflexão. Queimam-se as florestas para cultivar o sisal. Abatem-se matas para obter energia. A cidade de Fortaleza com a sua central

eléctrica é a grande consumidora das madeiras do Sertão. Três quartas partes de energia do Brasil ainda é de origem vegetal, das suas florestas. No Nordeste, a maior parte dos caminhos de ferro consome madeira nas suas caldeiras.

O Sertão recobre-se, pouco a pouco, mas apenas de catinga, desse manto débil de troncos definhados. Os grandes proprietários chegaram também ao Sertão, e, em vastas extensões, miseráveis vaqueiros criam o seu gado, com grandes dificuldades. A sua vida é difícil. Uma em cada quatro cabeças que cria pertence-lhe e é com isso que tem de viver. Todo o ano se mantém no Sertão, montados

da bem pior, pois chega a receber de salário pouco mais que 1500 por dia trabalhando a temperaturas de 40 e 50 graus.

Assim se apresenta o sertão: duro, difícil para viver, difícil de caminhar nas suas estradas sufocantes de calor, poeirentas, desertas em centenas de quilómetros. No entanto, o Sertão é povoado.

Sete milhões de habitantes trabalham neste solo, cada vez mais difícil e ingrato. Sete milhões de habitantes cujo crescimento é muito rápido e dos quais uma parte importante foge em cada nova seca, para não morrer de fome. Estes «retirantes» em 1951 e 1953 atingiram a soma impressionante de 500.000. Quantos foram na ul-

A CATINGA FANTASMA DA FLORESTA

em pequenos cavalos, vestidos de couro, da cabeça aos pés, pois só assim conseguem penetrar na catinga. Só na época das chuvas, quando levam o gado ao «rodeo» vêm o proprietário e regularizam com ele as suas contas.

Mas as secas periódicas são o seu flagelo. A de 1877 matou-lhes 90 % de todo o gado. A reconstrução das pastagens é cada vez mais difícil e a erosão ganha a campina, como a campina ganha a floresta.

O PARAISO DAS FLORES ESTÉREIS

Nesta terra que se esconde em cada encosta e que rola para o mar encontra-se toda a riqueza estéril e cintilante do Sertão. No subsolo desta terra quente encontram-se a pouca distância da superfície, tesouros estéreis de cristais de toda a natureza. Magnésio, scheelite, berilo, tântalo, topázios, etc., que são árduamente procurados pelos garimbeiros.

O garimbeiro é uma personagem que não é exclusivamente do Sertão. Encontramo-la em todo o Brasil entre os trabalhadores independentes e aventureiros em busca da sorte: que pode bem ser a descoberta de um filão de ouro ou de diamantes. No Sertão o garimbeiro vive com o mínimo e para transportar o mineral basta-lhe um pequeno burro. Só se interessa por minerais de grande valor e, portanto, de pouco volume. Os minerais ou as pedras preciosas que consegue ir descobrindo aqui e ali são-lhe muito mal pagas por comerciantes que vivem disso, mas se em vez de trabalhar por conta própria, o garimbeiro estiver ao serviço do dono das terras é ain-

tima. Ninguém sabe, mas não teriam sido muito menos.

Mas porque fogem para tão longe, encafuados em apertados camiões miseráveis, ou fazendo o percurso a pé, por etapas, em caminhadas que vão a milhares de quilómetros que tanto é o que os separa de Belo Horizonte, do Rio ou de S. Paulo? Ao lado do Sertão, vimos já que se estende uma faixa de mar, uma região muito rica, fértil e bem irrigada. É a terra do açúcar, a primeira fortuna do colonizador brasileiro.

Porque é que de Garahuns, a cinquenta quilómetros do mar, o «retirante» volta às costas às margens e se dirige para Paulo Afonso e Joazeiro, para aí tomar um pequeno barco que sobe o rio até Pirapora?

Veremos porque num próximo artigo.

A SEGUIR: Da Baía ao Natal: um Eden falsificado. O Sertão terra de rejeitados e labirinto de fome.

O Sol

fotografado a nu

Um foguetão americano «Aerobere» parece ter conseguido fotografar o Sol a 197 quilómetros de altura, registando assim radiações sobre as frequências ordinariamente filtradas pela atmosfera terrestre. Os ensinamentos recolhidos parecem muito preciosos para o estudo da constituição do Sol.

Árvores de fruto no Polo Norte

As árvores de fruto podem resistir até 100°, afirmam sábios soviéticos.

Das experiências feitas no laboratório de resistência ao frio do Instituto de Fisiologia das Plantas de Moscovo, chegou-se a esta audaciosa conclusão. Várias árvores de fruto suportaram frio de 5° a 190° negativos. Ao fim da experiência as condições manifestadas eram normais: baixaram gradualmente a temperatura do ar e do solo. Algum tempo depois as plantas são submetidas durante 24 horas ao efeito do azoto líquido ultrapassando os 100° negativos. No fim, as plantas são plantadas e florescem.

Estas experiências apresentam um grande interesse, pois graças a elas, estas árvores uma vez aclimatadas podem frutificar no Polo Norte.

Satélites artificiais

como «guias» do espaço

Os satélites artificiais do Sol poderão ser um dia os «guias» dos viajantes do espaço. Segundo o prof. Vassili Siforov, da Academia Soviética das Ciências, esta hipótese é actualmente estudada na U. R. S. S. «Os sábios», declara ele, trabalham numa teoria segundo a qual os satélites artificiais do Sol poderão tornar-se emissores permanentes de rádio, cujos sinais permitirão guiar as primeiras naves interplanetárias navegando para a Lua, Marte ou Vénus.

Oleos de arroz

Uma nova indústria ganha grande incremento nos Estados Unidos: a fabricação de óleo de arroz. Graças às investigações do Ministério americano da Agricultura, esta nova indústria produziu no ano passado cerca de 5.000 toneladas de óleo — extraído unicamente do arroz — representando um valor total de um milhão e meio de dólares.

O óleo de arroz, de excelente qualidade, é utilizado também para a alimentação e não apenas na indústria.

Esta descoberta tem interesse para o nosso País onde a produção de arroz está já a ultrapassar as necessidades actuais do mercado interno.

Ciências e técnicas da semana

Vai ser feita uma carta magnética mundial em 4 dimensões

Os serviços costeiros e geodésicos do departamento americano do Comércio vão utilizar um aparelho electrónico especial para estabelecer uma carta magnética mundial para o corrente ano. Este aparelho fará em quatro semanas um trabalho correspondente a um tempo impossível de determinar usando os anteriores métodos.

O computador electrónico «degerira» 150.000 dados obtidos há 60 anos em todas as regiões do Globo, incluindo a União Soviética. Por seu intermédio será possível fornecer aos navegadores, qualquer que seja a posição em que se encontrem, a inclinação magnética, isto é, o ângulo existente entre o Norte verdadeiro e o ponto indicado pela agulha da bússula.

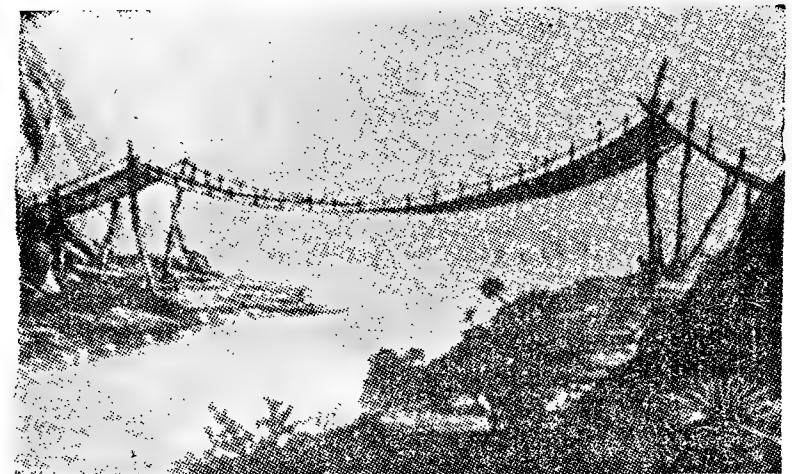
As observações registadas são traduzidas em bandas perfuradas, impressas por país e por região. Os dados do aparelho terão em conta o ano a que a carta se refere, neste caso 1960, tira as necessárias conclusões. Quando todos estes cálculos estiverem determinados, basta estabelecer as linhas, mostrando qual será a inclinação do ano respectivo. Outras linhas indicarão a cadência anual das modificações dessa inclinação.

As cartas serão postas em dia todos os cinco anos.

Soldaduras a ultra-sons

A Estinghouse Electric Corporation anuncia a criação de um novo processo de soldagens dos metais por ultra-sons, o que, afirma a sociedade, poderá ser utilizado com sucesso nas fábricas que produzem em cadeia.

Os metais a soldar passam entre dois rolos ligados a dispositivos ultrá-sons chamados «transdutores». Estes aparelhos transformam a energia eléctrica que recebem em vibrações mecânicas de alta fre-



(Continua na 7.ª página)

FAIRY COMET

Se o médico deixa...

A carne de porco é muito nutritiva — mas deve ser sempre cozida. Grelhada, assada, ou de qualquer outra forma, ela pode ser base de receitas simples, mas sempre muito saborosas. Com a carne de porco preparam-se inúmeras charcuteries... mas coma-a, se o médico deixar. De preferência, deve ser comida no Inverno; no Verão torna-se pesado alimento, pela sua riqueza em matéria gorda.

Também os legumes secos...

Os legumes secos, feijão, grão, lentilhas, ervilhas, são um bom alimento, principalmente para as crianças e para quem não recebe engordar. Fornecem bastantes calorias, e dos alimentos azotados, são os mais económicos — daí o serem usados nas colectividades — colégios, prisões, casernas, etc.

Quanto mais velhos forem os legumes secos, maior deve ser o tempo de cozedura. De qualquer maneira, devem ser postos de molho durante uma noite, antes de os levar a ferver. Contudo, devem ser postos ao lume, em água fria, com sal, alho, um raminho de cheiros. Uma vez cozidos, escorrer a água que dará por sua vez, uma boa sopa. Os legumes podem ser comidos de inúmeras maneiras: Guisados, au gratin, em purê, com molho de tomate, em salada.

As frutas

Deve comer-se a fruta após as refeições? Cabe aos dietistas e aos médicos responder. Contudo, é curioso notar que já em 1606, Joseph du Chesne, recomendava que a fruta deveria comer-se em hors-d'oeuvre...

Também a velha expressão «entre a pera e o queijo» indica suficientemente que as frutas não terminavam a refeição. Dir-se-ia, sim, entre o chors-d'oeuvre e o queijo. Mas muitas frutas há que se comem durante a refeição, como a banana, por exemplo, as castanhas, as maçãs, as laranjas como acompanhamento a muitos pratos, em especial pratos de carne.

O melão é, muitas vezes, servido como entrada de almoços e jantares. Mas é uma fruta de que se não deve abusar.

RECEITAS DE URGENCIA



3 receitas

SOPA JULIANA

Pode levar todos os legumes da estação. Cortar miudamente. Deitar em água a ferver, temperada com sal. Deixar cozer durante 35



minutos. Antes de tirar do lume, pode deitar um pouco de leite (não muito, apenas o suficiente



para tornar o caldo um pouco mais espesso). No momento de servir, deite um bom bocado de manteiga.

ARROZ RUSSO

3 colheres, das de sopa, de tomate (ou extracto); cogumelos;

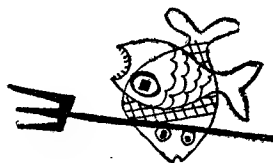


peixe cozido; ameijoas; molho inglês (ao paladar).

Alourar um pouco de farinha, em manteiga; deitar o tomate e a



água das ameijoas. Deitar o arroz e deixar cozer, não completamen-



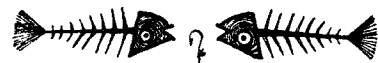
te. Deitar as ameijoas, o molho inglês e os restos do peixe, e os cogumelos. Servir bem quente, como



acompanhamento ou, se quiser, apenas acompanhado de uma salada verde, variada.

FLAN DE LARANJA

4 laranjas; 100 gramas de açúcar; 4 ovos; 1/2 litro de leite. Espremer as laranjas em cima do açúcar. Deixar derreter bem.



Juntar os ovos inteiros e bater bem. Juntar o leite e passar por um passador. Por fim juntar o virado de uma laranja. Deitar em forma untada com caramelo e levar ao forno 25 a 30 minutos.

AS LARANJAS

e a descalcificação

Agora que estamos em plena época dos frutos ácidos, há que fazer notar a verdade das coisas. Uma senhora queixava-se, há tempos, de que dando grande quantidade de saladas cruas aos filhos, para lhes administrar vitaminas, um deles apresentava com uma descalcificação. Ora, a verdade, é que as saladas cruas não dão, a ninguém, a vitamina D. Daí pode sobrevier a descalcificação. Nestes casos, para obter uma calcificação de qualidade é preciso fornecer alimentos ricos em vitamina D, em fosfatos e sais cálcicos: leite, peixe, queijo, manteiga, etc.

Juntar frutas ácidas facilita a absorção do cálcio ao sair do estômago, nesta zona do duodeno que progressivamente vai perder a sua acidez após a chegada da bilis alcalina. Logo que o meio se torna alcalino, o cálcio acha-se bloqueado por sais insolúveis e, portanto não assimiláveis.

Laranjas e limões aumentam, em certa medida, esta «acidificação» duodenal e contribuem para favorecer a penetração do cálcio no organismo.

O FALSO E O VERDADEIRO



A VERDADEIRA é Hortense Schneider, a intérprete ideal da opereta. A FALSA é a actriz Odilon que interpreta a vida daquela artista na «Valse de Paris»

Subsídios para a história da vaidade humana

(Continuação da 6.ª página)

nava os cabelos, ficou célebre pela sua extraordinária grandeza.

A desenfreada exibição de luxo das classes abastadas de Roma atingiu tal imprudência que, para evitar a revolta do povo, foi publicada a lei Oppia, proibindo as matronas de trazerem sobre si mais de meia onça de jóias. Mas a vaidade humana pode muito e, mau grado a oposição do austero Catão, as mulheres romanas depressa conseguiram que fosse revogada a lei «iníqua».

Sucedê sempre, em virtude da quebra das resistências morais, a vaidade tornar-se ainda mais ostensiva quando as civilizações começam a declinar. O fenómeno, que já se dera no Egipto e na Grécia, voltou a verificar-se em Roma nos tempos do Império. O exibicionismo excedeu então todos os limites razoáveis. César, nas suas constantes andanças, costumava levar consigo todas as suas preciosidades, incluindo até os pavimentos de mosaico do seu palácio.

Marco Aurélio, que se deslocava num carro puxado por leões,

fazia transportar atrás de si, em procissão, toda a sua baixela de ouro. Nero só viajava acompanhado por um séquito de mil carros e as ferraduras dos seus cavalos de tiro eram de prata. Poppea, ainda mais exigente, mandava ferrar de ouro os seus cavalos e levava consigo quinhentas burras para conseguir ter, todos os dias, leite suficiente para o seu banho. E quanto haveria ainda para dizer sobre as loucas ostentações de Calígula, demente de megalomania, e o luxo do belo Heliogábalo, que, segundo conta Herodiano, ricamente vestido de sedas orientais, ornado de riquíssimas jóias e trazendo na cabeça uma coroa resplandecente de ouro e pedras preciosas, executava a dança em honra do Sol, de que era sacerdote. Isto para só falar das manifestações de doentia vaidade dos Imperadores, embora o luxo da rica burguesia romana não ficasse a dever muito à magnificência dos seus soberanos.

Depois, rodeada de fausto e afoçada em vaidade, a civilização romana morreu e o Cristianismo, saindo das ruínas do corrupto Império, quis banir do Mundo toda a ostentação. Os costumes tornaram-se mais simples, de harmonia com a austera disciplina dos primitivos cristãos; mas foi sol de pouca duração, porquanto já em 1096 o Imperador do Oriente ficou maravilhado com a magnificência dos cavaleiros cruzados que se lhe apresentaram.

Reservemos porém para o próximo artigo, porque este já vai longo, mais alguns subsídios relativos ao período que se estende da Idade Média até aos nossos dias.

ALFREDO BRAS

O bacalhau alimento de saúde

Carne e bacalhau são chamados alimentos plásticos, porque fornecem, essencialmente, substâncias proteicas, quer dizer materiais indispensáveis para a construção da nossa própria carne.

A COMIDA DE QUE PRECISA UM HOMEM

Um jovem americano tinha feito no Texas o seu serviço militar. Findo este, voltou à terra natal, Kansas City, onde casou. Passado um tempo escreveu ao antigo comandante o bilhete seguinte:

«Meu comandante:

Peço-lhe o grande favor de me enviar, na volta do correio, a ementa da semana aí do quartel. Talvez desta forma minha mulher compreenda como se cozinha para um homem verdadeiro».

SE...

Numa carta ao «Daily Sketch», dizia uma «miss»:

«Se os homens ingleses, que tanto se queixam das mulheres inglesas, aprendessem com os estrangeiros a tratar-nos com galanteria e delicadeza, nós tornar-nos-íamos verdadeiras mulheres».

Se 100 gramas de bacalhau fresco não contém mais que 16 % de proteínas, 100 gramas de bacalhau salgado, apresentam, 20 %, quando o mesmo peso de carne de bife possui apenas 18 %.

A análise química, não apresenta notáveis diferenças entre a carne e o bacalhau. Assim, a lisina, favorável ao crescimento e a metionina, protectora da célula hepática, aparecem quase nas mesmas quantidades.

O bacalhau alimenta tanto ou quase tanto como a carne. E a digestão de um prato de bacalhau é muito mais rápida. Com efeito, as fibras deste peixe degradam-se muito facilmente ao nível do estômago depois de haverem sofrido um retalho fácil no momento da mastigação. Além disso, como se trata de um peixe magro (menos de 5 % de gorduras) o bacalhau apresenta um transitivo digestivo muito mais rápido.

Um bom pedaço de bacalhau, sem pele e sem espinhas, tem uma concentração em proteínas superior à da carne. Pode atingir os 25 %.

Os convalescentes de doenças infecciosas ou de intervenções cirúrgicas, assim como os adolescentes que, todos eles têm necessidade de proteínas, encontram no bacalhau uma fonte substancial, com a condição de ser comido sob uma forma simples, sem preparação culinária demasiado complicada.



Reparai nestes bailados populares polacos que são tão parecidos com as nossas manifestações folclóricas do Minho

lo, no comprimento de 15 quilômetros; etc., etc.

Todos estes túneis são utilizados para caminho de ferro. É mais fácil, dizem os técnicos, construir túneis para locomotivas que para automóveis. E, sem dúvida, esta a razão por que o túnel de estrada sob o Monte Branco será o mais comprido do Mundo, com os seus 11,600 quilômetros. Até hoje o maior é o das ilhas Honsku-Kyushu, no Japão, que mede 8 quilômetros.

Quais são as dificuldades na construção de uma estrada em túnel assim comprido?

As características do gigante

Os trabalhos já começaram do lado italiano desde 1946, e tudo foi bem até que a 600 metros uma camada friável caiu e obstruiu o túnel. Esta contrariedade refreou os entusiasmos do lado italiano que não pensaram, então, em vencer a dificuldade tão cedo.

Nos 11,600 quilômetros previstos há 3 ou 4 quilômetros de rochas relativamente macias: camadas sedimentares, bancos calcários, rocha composta de quartzo, de mica, de estrutura chistosa. Mas há 8 quilômetros de granito; e calcula-se mesmo encontrar mármore muito duro, vermelho, verde, variado, verdadeiro mármore dos Alpes.

Do lado da França a costa de altitude do túnel foi fixada a 1.274 metros e do lado da Itália em 1.381. A entrada em Chamonix será em curva com um raio de 150 a 200 metros. Esta disposição tem em vista facilitar de dia a transição entre a claridade exterior e a interior. Todos os 300 metros de «garagens» foram previstos, de tantos em tantos metros.

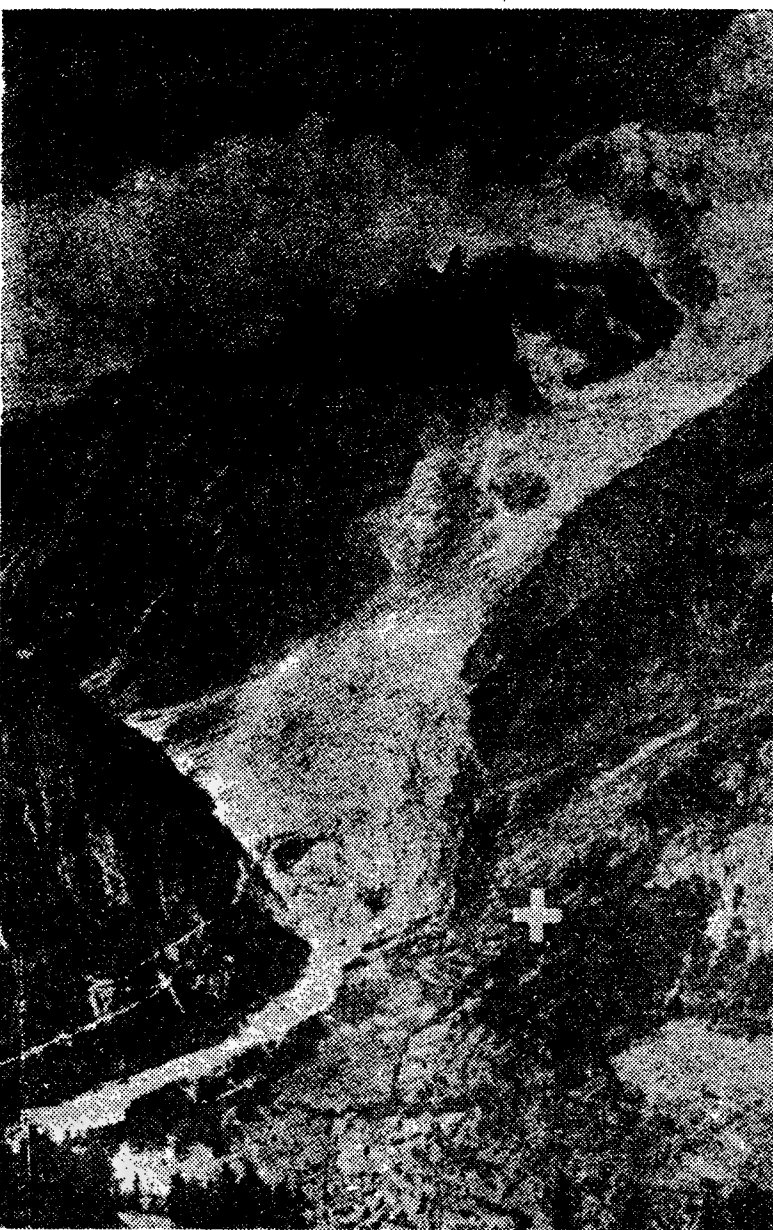
A estrada tem 7 metros de largo com 70 centímetros para cada passagem de peões.

Os problemas de ventilação a todo o comprimento do túnel mereceram especial atenção dos técnicos. Oito condutas de alimentação de ar injectam 300m3 de ar por segundo. Duas condutas retiram até às entradas o ar viciado a uma cadência de 150m3 por segundo.

50 graus de calor
debaixo do Mar de Gelo

Os trabalhos de perfuração foram confiados a uma empresa italiana de um lado e a uma francesa do outro, embora em colaboração. Encontrar-se-ão na presumível fronteira entre os dois países.

O mais extraordinário de um tra-



A cruz marca a entrada do túnel

se trava entre Italianos e Franceses. Os Italianos partiram com 600 metros de avanço mas não conseguiram distanciar-se nem mais um único. Os trabalhos foram retomados há um ano e não são suspensos em nenhuma das 24 horas do dia.

Não há um único condutor, um único serralheiro que não trabalhe para o túnel, directamente ou não. Os comerciantes, os cinemas, tudo ganha. Quando os trabalhos atingiram o seu ponto máximo passaram a trabalhar no túnel 1.500 operários.

A corrida subterranea por baixo do Monte Branco

balho deste é que os mineiros que partem a 12 quilômetros uns dos outros se encontram debaixo da terra com diferenças mais superiores a 60 centímetros como aconteceu em Simplon, em 1906, ou apenas a 28 centímetros como em Isère-d'Arc, em 1953.

Conta-se que o calor será muito elevado na parte central do túnel. Apesar das medidas tomadas, a verdade é que os operários trabalharão por debaixo do chamado «Mar de Gelo» a um clima que irá até 50 graus de calor.

Uma corrida subterranea

Uma verdadeira corrida — a primeira nesta estrada subterranea —

Os Franceses contam reaver o tempo de atraso por meio do «Gumbon», uma máquina especial idêntica às que são utilizadas nas minas de ferro da Lorena mas mais alta, mais forte e mais complexa.

A cadência de penetração atinge 2,5 metros por dia, em média, mas do lado italiano conta-se aumentar essa cadência para não perder a vantagem e, antes, ganhar mais.

O financiamento desta importante realização faz-se de um lado pelo Governo francês, colectivamente francesas, Estado suíço e cidade de Genebra; do outro, pelo Estado italiano e o próprio Vale de Aosta.

A abertura dos trabalhos transformaram Chamonix, que de cidade turística se tornou cidade industrial.

Os agentes de imobiliários fazem bons negócios. As terras que o túnel-estrada passará a servir aumentam de preço. Num sítio aparecem «Snack-bars», outros garagens. O hotel adapta-se: ontem era «O Rosetral»; agora chama-se «O Hotel do Túnel».

O tráfico

Em 1962 o túnel será aberto à circulação. Poderá debitar 350 a 400 veículos por hora, (nos dois sentidos) com a possibilidade de aumentar 50 % no caso de necessidade. A velocidade será de 50 quilômetros por hora. Não pode haver paragens e as «garagens» construídas ao lado são para atender às «panes» e desimpedir a estrada, rapidamente, retirando o carro. Os peões poderão utilizar o túnel, e também para eles foram construídos nichos dos lados para o caso de serem precisos.

O túnel possibilita ganhar uma distância considerável. Entre Paris e Brescia o ganho será da ordem dos 230 quilômetros. Para passar de França para a Itália é preciso caminhar por estradas lentas e perigosas, impraticáveis no Inverno quando se gelam completamente. A única estrada utilizada no Inverno é a do Monte Genebra, por Grenoble e Briançon com descida perto de Turim. Mas esta estrada é difícil.

O túnel não vai ser uma simples curiosidade turística como o grandioso teleférico que há anos funciona no Monte Branco na Agullhera do Midi, e que é o maior até hoje construído no Mundo. Abre, é certo, um novo circuito numa zona turística: Chamonix, vale do Rhône, Grande Chamonix — Nice, Cannes e Menton; mas, sobretudo, torna mais próximos os homens, encurta as comunicações entre Paris e Roma, entre Italianos e Franceses e abre, portanto, uma grande porta à estima e amizade entre os dois povos.

NAS TERRAS DO NORDESTE

(Continuação da página central)

Governo prussiano o suficiente para a sua existência.

subiu o Orenoco numa piroga Indiana de 13 metros de comprimento e de 1 metro de largo por entre a floresta virgem de Esmeralda. Descobriu o rio Cassiquini e verificou assim que na verdade existia uma ligação por água entre a bacia do Amazonas, rio Negro e Orenoco.

Percorreu ao todo perto de 10.000 quilômetros na sua ligeira embarcação, exposto às forças da Natureza e aos perigos de toda a espécie.

Quando atingiu de novo a costa, cansado e doente, cheio de febre, trazia na bagagem uma quantidade enorme de plantas até então completamente desconhecidas. No desenho que fez de uma nova carta do interior do continente traçava o equador magnético e Humboldt observara que o seu traçado diferia do traçado do equador matemático.

O próximo objectivo do investigador foi Cuba. Ali consagrou-se sobretudo ao estudo da economia escravagista. Na obra que publicou depois estabelecia com grande autoridade: «Seria fácil provar que a totalidade da importação de escravos africanos entre 1670 e 1825 se elevou a 5 milhões de seres humanos dos quais restam hoje apenas 2.400.000 negros e mulatos. Neste cálculo não entram ainda os infelizes que morreram no mar, por naufrágio, nem os que foram atraídos pela borda fora como mercadoria avariada».

Humboldt várias vezes se bateu contra a escravidão, não apenas nas suas obras mas também em vários congressos. Foi assim que algumas dezenas de anos mais tarde, em 1856, durante a sua actividade como conselheiro do Estado, introduziu uma lei prussiana para os Negros que dizia:

«De hoje em diante todo o Negro que toque o solo prussiano será livre».

A etapa seguinte foi o Peru. Passou a curta distancia das florestas virgens dos planaltos do Amazonas, nos cumes nevados da gigante cordilheira dos Andes e reconheceu no clima, na composição do solo e noutros factores do meio, as causas científicas da diferença de vegetação que se observa.

Com a ascensão do Chimborazo (5.759 metros) Humboldt estabeleceu o «recorde» mundial da época. Fez uma descrição precisa das reacções do organismo humano nestas altitudes e comunicou assim os dados científicos que serviram depois para a ascensão dos Alpes. A caminho do México, Humboldt mediu, durante a travessia, a corrente marítima que recebia em seguida o seu nome, cálculo de grande importância para a navegação. Além disso imaginou o plano para um futuro canal que atravessasse o istmo do Panamá. No México desenhava, segundo as suas próprias medições, o primeiro corte geológico de uma costa a outra e desenvolveu teorias novas sobre o aparecimento das rochas e das montanhas.

No rasto dos Incas

No Peru e no México, Humboldt tornou-se familiar da civilização dos Índios que até ali não tinha sido valorizada. Foi ele que pela primeira vez admitiu a hipótese hoje generalizada da origem asiática dos Índios: Humboldt, estabeleceu a data da construção de algumas pirâmides, ao Sul do México, e estudou os conhecimentos astronómicos dos Índios.

Os estudos levaram Humboldt a uma tal admiração por estes primeiros habitantes da América que recusou dispersar-se na sua viagem retendo-se particularmente sobre questões índias.

Embora de origem aristocrática Humboldt consagrou-se ao humanismo burguês e acreditava na necessidade da liquidação do sistema feudal de governo.

Humboldt visitou ainda os Estados Unidos da América, e reuniu depois as suas experiências e investigações sobre o Novo Mundo em 30 volumes magnificamente ilustrados.

Obra considerada única pela amplitude foi toda a sua herança, pois apesar de se tornar mundialmente célebre não conseguiu do

As dificuldades financeiras obrigaram-no a abandonar as investigações livres. Quando regressou da América preferiu ficar em Paris, centro intelectual da Europa, mas em 1822 entrou ao serviço do rei da Prússia como conselheiro científico. Foi um recurso que aceitou para viver mas obteve a permissão de todos os anos poder passar quatro meses em Paris para estudar. Humboldt tinha dificuldade de aliar a sua actividade de funcionário e de cientista. Várias vezes tentou virar as costas à Europa. Uma viagem projectada ao México não se realizou.

A expedição que ele sonhava desde a juventude às Índias e ao Tibet não recebeu apoio do Governo inglês que receava os relatos de Humboldt.

Viagem à Rússia

Em 1829 aceita convite do czar para uma viagem através do império russo. Em 25 semanas percorre em berlinda 25.000 quilômetros. Ao contrário do que fazia normalmente desta vez recusou-se a descrever as condições do povo contentando-se em relatar observações geográficas e magnéticas. Para não entrar em conflito com as autoridades comunicou as suas críticas aos amigos privados a quem não escondia a sua aversão pela dominação czarista, se bem que o tenham recebido calorosamente. Recusou polida mas firmemente novo convite do czar para visitar a Rússia.

Embora Humboldt perdesse a sua independência ligando-se mais à corte prussiana, continuou fiel ao humanismo burguês.

A ele se devem muitas iniciativas liberais, como uma lei para a emancipação dos Judeus na Prússia.

Cem anos depois da morte de Alexandre Humboldt, a Humanidade necessita de fazer o balanço de quanto lhe deve. A sua obra é fecunda, múltipla, com aspectos contraditórios. Como homem de Estado a sua actividade foi modesta ao lado da dos seus contemporâneos, mas a sua contribuição no domínio das ciências naturais e do estudo das civilizações indianas da América do Sul teve uma influência que ainda hoje é sentida e válida.

EM TODAS AS SEMANAS há uma história estranha

O gás das estepes

Importantes jazigos de gás natural, foram descobertos nos desertos do Uzbequistão, o que veio transformar a economia da Ásia Central.

Um túnel Europa-África

Enquanto prosseguem os trabalhos preparatórios do túnel sob a Mancha e se ponderam as vantagens de um outro túnel ligando o estreito de Bering, um engenheiro espanhol, o marquês de Mulharen, propõe levar por diante a iniciativa de estabelecer um túnel entre Tanger ou Marrocos e Tarifa, na costa espanhola.

A corrida do espaço

Von Braun, o célebre técnico germano-americano de foguetões, promete que ainda este ano os Estados Unidos enviarão um homem para o espaço interplanetário para uma viagem de 6 minutos...

O homem e o clima

Num século, a combustão do carvão e do petróleo pela indústria humana, aumentou 13 por cento o teor da atmosfera em gás carbónico e elevou a temperatura média em um grau e meio aproximadamente.



I—Cleópatra, II—Maria Stuart, 1,55 m. III—Madame Pompadour, 1,58 m. IV—Mil. Rachel, 1,58 m.



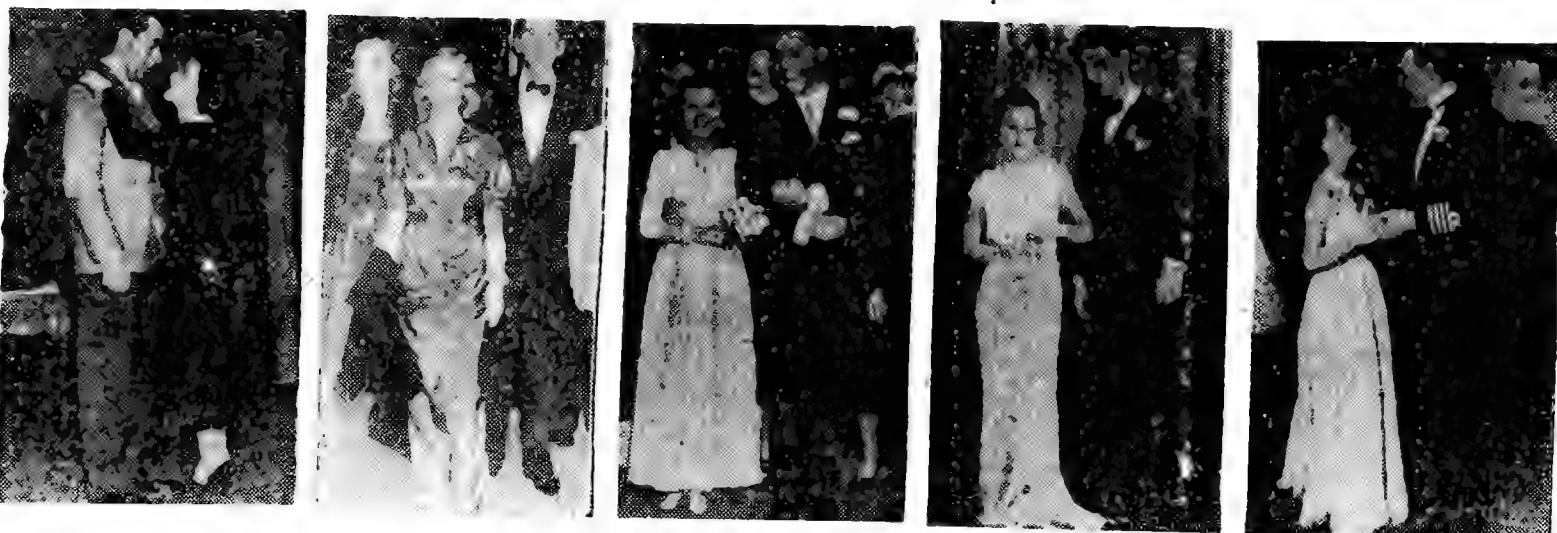
V — Rainha Vitória, 1,57 m. VI — Mata-Hari, 1,56 m. VII — Condessa de Noailles, 1,50 m.



VIII — Marie-Curie (Madame Curie, 1,57 m.). IX — Ludmilla Pitoeff, 1,52 m. X — Mary Pickford, 1,52 m. XI — Rainha Elizabeth dos belgas, 1,58 m. XII — Mireille, 1,53 m.

As mulheres, como os homens, não se podem medir aos palmos. Ha inúmeras qualidades que as impõem. Nem o talento, nem a coragem, nem mesmo o encanto feminino têm qualquer coisa a ver com a altura. O mérito das mulheres em tempo nenhum se mediu pelos centímetros. A grande Sarah Bernhardt era pequena como foram pequenas outras grandes celebridades a maior das quais foi Madame Curie que era bem pequenina. Nenhuma mulher tem realmente razão para se desgostar de ter pouca altura, se se lembrar que tem por companheiras tantas celebridades, que sendo tão grandes não chegaram a atingir a craveira do tal 1,60 — considerada a medida limite para uma mulher não ser considerada baixa.

as mulheres baixas são em muito maior numero que as altas. Em França a média é de 1,55. Na América é de 1,63. Nos países nórdicos, onde a mulher é das mais altas, a média não vai além de 1,60. A maior média é das suecas com 1,70. Parece não restar duvidas que



XIII — Alice Cocco, 1,52 m. XIV — Lily Pons, 1,55 m. XV — Gaby Morlay, 1,54 m. XVI — Edith Piaf, 1,51 m. XVII — Princesa Margarida, 1,57 m.



Kathleen — 1,50 m. A mais pequena dançarina do Mundo (Australiana) encontra-se numa tarde de grande triunfo com Cécile Aubry, 1,48 m. a mais pequena atriz da França

as mais pequenas mulheres do Mundo são as caras-metades dos pigmeus, cuja média não passa de 1,42 (1,50 para os homens).

Há quem atribua a pouca altura a uma questão de clima, pois as crianças de um modo geral nascem sempre com o mesmo tamanho. Mas

não deve ser verdade. Os pigmeus são, como vimos, os mais baixos, vivem quase sempre debaixo das florestas, contudo, mesmo ao lado deles temos os Suecos que são os mais altos que se conhecem. Os esquimós, igualmente pequenos, vivem na mesma altitude que os Escandinavos que como é geralmente sabido são dos mais espigados.

A altura não deve, por isso, ter nada a ver com o clima. E' sim, devido a um factor racial hereditário e também á hereditariedade familiar. Há, parece, uma propensão para as crianças de pais pequenos se tornarem mais pequenos mas mesmo isso não é absoluto.

O dr. Palles, do Museu do Homem de Paris, crê até que a raça humana tem tendência para crescer. Na Noruega o corpo humano

aumentou 2 centímetros entre 1850 e 1905. Em França, as crianças estão a sair maiores que os pais. No Japão o aumento atinge 5 centímetros e na Suécia 7, entre 1840 e 1914.

Mas seja como for, querida leitora, não esteja triste se acaso as suas medidas não atingem ainda os tais 1,60. A altura é também uma questão de proporções e em inquéritos recentes ficou demonstrado que os homens preferem as mulheres que tenham de fazer algum esforço para lhe chegar á cara — (mas não para os agredir, claro). Pelo que se prova que tem razão de ser o conhecidíssimo dito popular «A mulher como a sardinha deve ser da pequenina».

É pelo menos a opinião de 60 % dos homens que responderam a uma série de perguntas acerca das qualidades das mulheres pequenas.

Yves Montand, por exemplo, não se limitou a responder sim, disse mais: «O «charme» e a beleza é que contam... Mas uma mulher pequena é mais astuta: com os olhos erguidos para o céu a mulher é mais adorável.

Não é, aliás, preciso consultar grandes estatísticas para saber que

DIA 27 DE FEVEREIRO

EM PORTUGAL — Foi anunciado novo plano de construção de 8.300 edifícios escolares com 15.000 salas de aulas. * No Estoril efectuou-se o primeiro corso do Carnaval. * Foi assinado o contrato de trabalho para a indústria de lacticínios do distrito de Aveiro. * No Porto faleceu o cônego dr. Joaquim Manuel Valente. * Terminou o prazo da entrega das propostas para a construção da ponte sobre o Tejo. Houve quatro concorrentes. * Foi nomeado director da P. I. D. E., o tenente-coronel Homero de Oliveira Matos.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower conferenciou com o presidente da República da Argentina, Frondizi, na estância de Bariloche. * Em Londres foi anunciado que a princesa Margarida está noiva do fotógrafo Anthony Armstrong-Jones. * A Polícia francesa afastou 700 refugiados da «cortina de ferro», que serão enviados para a Córsega durante a visita de Kruchchev a França.

DIA 28

EM PORTUGAL — Decorreram com grande animação os festivais carnavalescos no Estoril, em Torres Vedras e noutras terras. * Portugal venceu a Bélgica no desafio de futebol entre militares, por 2-0. * Portugal e Marrocos elevaram as suas legações à categoria de embaixada. * Os cadetes brasileiros visitaram Braga e Guimarães. * Morreu o brigadeiro José Filipe da Silva Neves.

NO ESTRANGEIRO — Um ciclone de grande violência, nas Marianas causou 10 mortos e muitos estragos. * Anthony Eden classifica a carta de Bulgária aos Ocidentais, na crise do Suez, como um grande «bluff». As «Memórias» de Eden provocaram grande celeuma. * Na base de Vandenberg, na Califórnia, há grandes foguetões nucleares que levantarão voo no caso de ser verificada a ordem de fogo. * Faleceu em Icrea, Itália, Adriano Olivetti, o rei das máquinas de escrever. * Anuncia-se que Chu En Lai irá a Nova Delhi discutir problemas indo-chineses.

DIA 29

EM PORTUGAL — Por despacho do secretário do Comércio, o preço do gasóleo foi elevado para 2\$30 o litro. * Os cadetes brasileiros visitaram o Buçaco e Coimbra. * O prémio José de Figueiredo foi atribuído aos drs. Fernando Pamplona pelo «Dicionário de Artistas», e eng. Santos Simões, pelo seu livro «Carreaux Ceramique Hollandais au Portugal et en Espagne». * Faleceu a sr.ª D. Luisa Sérgio de Sousa, esposa do antigo ministro dr. António Sérgio.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower chegou a Santiago do Chile, sendo aclamado pela multidão. * O imperador do Japão escolheu para o seu neto o nome

de Nahirito. * Os Estados Unidos declararam-se dispostos a discutir com Fidel Castro as divergências surgidas, principalmente o que se refere à importação de açúcar de Cuba. * Os rebeldes argelinos disseram-se dispostos a entabular negociações com a França.

DIA 1 DE MARÇO

EM PORTUGAL — No Estoril o último dia de Carnaval esteve muito animado, tendo Collette Duval saltado de 3.000 metros sobre o mar, em pára-quadras.

NO ESTRANGEIRO — A cidade de Agadir foi arrasada, à meia-noite, por um tremor de terra. Elevaram-se a 6.000 os mortos. * Em Tomar começaram os festejos do 8.º centenário da fundação da cidade. * Em Espinho, o Sporting Clube de Portugal ganhou ao Sporting de Espinho por 7-2; e em Lisboa o Benfica venceu o Oliveirense por 5-0.

DIA 2

EM PORTUGAL — Foi nomeado subsecretário do Ultramar o prof. Adriano Moreira. * Seguiu para Agadir um avião com médicos e remédios de auxílio à população. * O ministro da Justiça visitou a Prisão-Hospital de S. João de Deus, em Caxias. * O Presidente da República visitou o

Centro de Operações Navais. * Em Tavira apareceu morto a tiro um proprietário, atribuindo-se o caso a uma quadrilha da região. * Morreu o industrial Raul Julio Empis.

NO ESTRANGEIRO — Agadir foi abandonada pelos sobreviventes devido ao perigo de epidemia. * A princesa Margarida e o noivo, Anthony Armstrong-Jones foram aclamados em Covent Garden. * Em Madrid foram condenados à morte dois dos implicados nos casos das bombas ultimamente ali explodidas. * Na Califórnia num choque de comboios registaram-se 17 mortos e 45 feridos. * Foi marcada para o dia 2 de Maio a execução de Caryl Chessmann. * O presidente Eisenhower chegou ao Uruguai, última tirada da sua visita à América do Sul. * No Teatro Municipal de Yokohama a multidão precipitou-se, havendo 12 mortos e 13 feridos.

DIA 3

EM PORTUGAL — Tomou posse o novo subsecretário de Estado do Ultramar, prof. Adriano Moreira. * Foram abertas as propostas para o concurso da construção da ponte sobre o Tejo. Houve quatro concorrentes, um deles português. * Foi apresentado um grande plano de viação rural que prevê a construção de 6.300 quilómetros e a separação de 5.900 quilómetros de estradas exis-

tentes. * O sr. Presidente da República ofereceu um chá à delegação da juventude brasileira. * Na Marinha Grande foram inauguradas 18 salas de aula e duas cantinas. * Demitiu-se a direcção do Futebol Clube do Porto.

NO ESTRANGEIRO — Na cidade de Agadir voltaram a sentir-se abalos de terra. * O príncipe herdeiro de Marrocos ordenou a suspensão de todas as operações de salvamento e a demolição do resto da cidade. * O Papa João XXIII nomeou 7 novos cardeais elevando o Sacro Colégio a 85 membros. * No Sul do Brasil as inundações têm causado numerosos feridos e desaparecidos.

DIA 4

EM PORTUGAL — Foram inauguradas em todo o País, as comemorações do centenário do Infante D. Henrique. * No Colégio Militar os cadetes portugueses e brasileiros inauguraram um colóquio sobre o Infante D. Henrique. * Para o Porto e Régua seguiu o secretário do Comércio.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower chegou a Porto Rico onde repousa da sua viagem pela América do Sul. * No Nordeste dos Estados Unidos um grande nevão causou 31 mortos. * Em San Diego explodiu um avião-tanque, em voo, e o avião reabastecido desapareceu, em pleno voo. * Em Agadir aumenta o perigo das epidemias.

Comentário internacional

O episódio de Agadir

O horrível acidente que vitimou alguns milhares de pessoas em Agadir e destruiu a cidade recordou o episódio dramático que, na história do nosso tempo, está estreitamente relacionado com aquele pequeno porto marroquino. Esse episódio teve uma importância incomparavelmente maior do que, na altura em que se registou, lhe atribuíram e as suas repercussões fizeram-se sentir alguns meses depois quando, em Agosto de 1914, estalou a primeira guerra mundial. Agadir foi um «test» e foi, ao mesmo tempo, o pretexto para uma decisão capital, sob os pontos de vista diplomático e militar.

A diplomacia alemã sofreu ali o seu maior revés entre 1870 e 1914, num período em que os seus agentes impuseram na Europa um estilo insuportável conhecido por estilo do muro na mesa. Depois de Agadir o muro vibrado na mesa das negociações que se seguiram atingiu em cheio, não a França como pretendiam os dirigentes alemães dessa época, mas a Alemanha que nunca mais se recompôs do grave desaire que então sofreu. Como tem sido dito o envio a Agadir da canhoneira «Panther» foi em

1911, uma ameaça brutal lançada para que a França abandonasse o plano de criar em Marrocos uma zona de influência alargando a que havia estabelecido na Argélia e na Tunísia.

Alguns anos antes registara-se outro episódio, o do desembarque do Kaiser em Marrocos (1905) que também não deu aos Alemães o resultado que dele esperavam. Mas as suas consequências foram muito menos graves, para eles, do que aquelas que resultaram do envio a Agadir da canhoneira «Panther». Esta provocou a intervenção directa da diplomacia britânica a qual teve a sua expressão no discurso proferido pelo então chanceler do Tesouro. Este dirigiu à Alemanha um aviso solene de que, se ela persistisse na sua política de ameaças em relação à França, encontraria pela frente, não apenas este país, mas também a Grã-Bretanha.

O chanceler do Tesouro era, no consenso geral, considerado como o ministro mais germanófilo do gabinete britânico. Chamava-se Lloyd George. Apesar disso, não hesitou em falar aos Alemães num tom que nunca antes fora empregado pelos dirigentes ingleses, sobretudo pelos liberais que estavam no Poder e cujas tendências pró-germanicas eram mais acentuadas do que as dos conservadores que, pouco antes haviam concluído a Entente Cordiale contra a vontade dos dois povos — francês e inglês — que vieram com indiferença, quando não com repulsa, essa iniciativa bastante impopular. O discurso de Lloyd

George, que dispunha nessa altura de grande influência no seu partido e na opinião pública britânica, marca uma data na história diplomática deste século.

Os Alemães compreenderam o seu significado profundo e o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Kiderlen Waechter, propôs à França a abertura das negociações, as quais foram demoradas e agitadas mas que finalmente, concluíram por um compromisso que favoreceu mais o ponto de vista francês do que o alemão.

A França cedeu à Alemanha uma parcela do território do Congo que, dada a sua configuração geográfica era conhecido por «bico de pato», e esta, em contrapartida abandonou os seus hipotéticos direitos em Marrocos onde nunca a sua presença fora assinalada de qualquer maneira.

Esse compromisso ficou como um modelo típico dos métodos diplomáticos do começo deste século os quais procuravam, através da negociação, chegar a compromissos com concessões recíprocas, embora o volume destas fosse determinado geralmente pelo estado da balança de forças da Europa. Quando do episódio de Agadir a Grã-Bretanha, com o discurso de Lloyd George, fez pender a balança de forças europeia para o lado da França e a Alemanha teve de se inclinar, guardando desse incidente recordação que pesou na decisão final de precipitar a primeira conflagração mundial quando teve para isso um pretexto.

Noticias ainda não publicadas

Em Paris é voz corrente nos meios políticos que não tardará a dar-se uma profunda recomposição no governo da presidência do sr. Debré a qual não poupará este último. O pretexto será o processo da «bazooka» no qual ele tem sido, mais de uma vez, posto em causa pelos seus adversários e também degaullistas da primeira hora que vêm com desconfiança a sua acção depois dos acontecimentos de Argel do fim de Janeiro.

Se a crise se aprofundar, os laços dos socialistas moçitanos tornam-se verdadeiramente duráveis. Durante aqueles acontecimentos o secretário-geral do partido S. F. I. O., Guy Mollet, pos-se avaramente ao lado do presidente da República e foi a ele que de Cannes contou, com autorização para a revelar, a sua formulação de uma solução federal do problema da Argélia. Não é, por isso, de estranhar que sejam insistentes as versões que da Guy Mollet como eventual sucessor do actual chefe do Governo. Como se sabe aquele ponto francês recusou a pasta dos Negócios Estrangeiros que lhe foi oferecida quando da última remodelação ministerial.

Os industriais têxteis do Norte da França fizeram saber que não tomarão parte nas cerimónias previstas na sua região para receber a visita do chefe do Governo soviético, marcada para este mês. Houve, porém, uma excepção de valor. Jean Tronvost, magnate da indústria e da imprensa jornalística — e proprietário de «Paris Match» — dispôs de uma parte importante da propriedade do «Argon» — afirmou, publicamente, que discorda dos seus colegas. Uma das suas fábricas foi parcialmente destruída por um incêndio, sendo opinião corrente que este não foi casual mas lançado como medida de represália contra a sua atitude.

O presidente da Jugoslávia em vias, recentemente, um emissário a Moscovo para convidar o chefe do Governo soviético a visitar aquele país. Se isso não fosse possível — afirmou o emissário — Tito estava disposto a visitar Moscovo. Ambas as sugestões, por motivos mal esclarecidos foram rejeitadas pelos dirigentes russos aos quais foram apresentadas sob a forma que indicamos.

Os chefes militares americanos estudam um plano baseado nas seguintes concessões recíprocas: retirar uma das divisões americanas que estacionam na Alemanha em troca de concessões soviéticas na questão de Berlim. A notícia, parece indicar que, apesar das aparências, o Governo de Washington está inclinado a evitar novas complicações por causa da antiga capital do Reich. Não é, porém, natural que a sugestão seja aceite.

Nas vésperas da visita a Argélia do general de Gaulle a situação ali está longe de se ter modificado favoravelmente. A guerra continua e não se vislumbra o seu termo próximo. O mal-estar da população europeia não se atenuou, bem pelo contrário, continuando a manifestar-se em todas as oportunidades. O presidente da República vai para falar aos militares, depois das transferências e sanções que aplicou a alguns deles, os mais conhecidos pelas suas afinidades com os ultras. Mas também os seus eventuais interlocutores se não mostram mais inclinados a aceitar as suas razões do que os Argelinos muçulmanos e europeus.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico

Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldeirada à Sorçaia

Enfado de Enguias

Lampréia com arroz à moda da casa

Filetes à Marisqueira

Lombo de Porco no Espeto

Frango de Caril à Coruja

Bifes de Vaca na Caçola

Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os investimentos. Consultando-nos tem vantagens.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

«Colham Referências»

LISBOA

Praça da Alegria, 58-2.

Tels. 366812 - 32228

PORTO

Praça D. João I, 25-1.

Tels. 26706 - 30181



HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

S. A. R. L.

Av. da Liberdade 1 — Telef. 24446

LISBOA

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na Fab. do CAFÉ CARAVELA D'OURO.

5-3-960 .

CRIME EM HOLLYWOOD

por Richard S. Prather

ÚLTIMO
EPISÓDIO

Folhetim
semanal do
Diário de Lisboa

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — Rush Rushwell quando ia encerrar o seu escritório de detective particular é encarregado pelo realizador cinematográfico, Jay Kennedy de investigar o caso da morte da actriz Melba uma recepção. As suspeitas da Polícia recaíram sobre Anastasia French que encontrou Melba com seu marido e os agredira; foi presa e Rush resolveu fazer um filme da reconstituição do crime, segundo as suas investigações particulares. Realizara-o no próprio local onde o crime foi cometido...

UMA INOCENTE CONFESSA O CRIME

Na sala de projecção das Produções Gargantua, havia 11 pessoas; as nove que tinham assistido à recepção na noite anterior. Incluindo as que tinham oferecido a reunião, Yolanda e eu. Eu conseguia tempo para falar com Alan Grant um pouco antes. Embora muito sóbrio, lembrava-se ainda menos daquilo que acontecera na noite anterior. Nem tinha a mais leve ideia de quem vira e não se lembrava de forma nenhuma de Graystone. Por isso eu continuei com o que planeava.

A sr.^a French havia sido trazida pela Polícia. Dentro da sala não havia oficiais da Polícia, mas dois estavam à porta. Eu dirigi-me para a frente da sala, coloquei-me à frente do pano, virando-me para todos os do grupo. Esperei um pouco enquanto as fortes lampadas fixavam toda a gente. Suava, mas não era só nervoso natural. O aparelho do ar condicionado trabalhava com algum barulho, mas mesmo que ele arrefecesse o ar, este era muito quente. Sufo-cava-se. Era assim que eu o queria. Esperava que fizesse calor suficiente para apanhar o assassino. Olhei em torno e comecei:

— Todos sabem o motivo por que nos encontramos aqui. É porque Melba Mallory foi assassinada na reunião a que todos assistiram ontem à noite. Esta tarde um grupo do estúdio, comigo, realizou a reconstituição do assassinio, segundo os depoimentos de que eu dispunha. Como vai ser projectado, é conveniente que interrompam qualquer parte que vejam que não corresponde ao que se passou.

Fiz uma pausa e olhei para todos. Jay Kennedy olhava-me espantado e carrancudo. A sr.^a Anastasia French, sentada ao lado de seu marido, tinha uma das mãos no peito e os lábios viam-se-lhe ansiosos, o rosto pálido parecendo mesmo que ia desmaiar. Simon French mascava, de olhar sombrio. A. A. Porter olhava-me fixo, acenando de vez em quando com sua cabeça enorme. Alan Grant tinha as mãos agarradas às fontes. O sr. e a sr.^a Trent davam-se as mãos, dizendo a sr.^a Trent qualquer coisa a seu marido. Eu prossegui:

— Este filme, como vão ver, foi feito durante o dia, com actores e atrizes, mas é como se tivesse sido feito entre as duas e as três horas da manhã. Todos os que se encontram presentes na sala sabem onde estavam nessa altura... E agora, se mo permitem vamos começar com a exibição da obra de... Rush.

Eu dirigi-me para o meu lugar junto de Yolanda. Na escuridão, o assassino veria reviver o crime no momento próprio da morte. A ansiedade e a agonia interna aumentariam por certo. Seria o mais ansioso de todos os que se encontram na sala e não podia deixar de se denunciar. Se eu montei a coisa como ela devia ser montada.

A um aceno meu, as luzes apagaram-se e a escuridão envolveu a sala. O filme principiou. Não havia qualquer som e os minutos iam passando, percebendo-se o roçar do vestuário contra o coiro dos assentos quando alguém mudava de posição. Um respirar mais forte se notava até.

No pano passou primeiro a vista geral da casa dos Trent, e fixava-se, por fim no jardim, junto da piscina. Não se avistava ninguém. Depois o actor que ocasionalmente fazia de Alan Grant entrava, trazendo na mão uma garrafa de «brandy». Caía na relva junto a uns arbustos onde Grant de facto estivera. A máquina fixava-se sobre ele quando esvaziava a garrafa e quando depois atirava com a garrafa vazia, na direcção da piscina. A máquina fixava a garrafa pousada e de repente era a cara sorridente de Yolanda que aparecia. Fa-

zia o papel de Melba, corria e dava a volta à casa dirigindo-se para a piscina, seguida do actor que desempenhava o papel de Simon French.

Na extremidade da piscina deitavam-se na relva, o autor do argumento em calção de banho e Yolanda em «bikini». Ouvia-se um beijo. Mais nada. A máquina deixava de os fixar e dirigia-se da esquerda para a direita sobre a relva, detendo-se em Alan Grant na altura em que erguia a cabeça e, de olhos muito grandes, fixava a piscina.

Tudo isto se passava em silêncio na sala de projecção, mas ali sentados, vendo decorrer a acção, eu julgava que alguma coisa mais se passava. Era um caminho certo. Haveria um romper de som, uma música forte, a acentuar que se estava no ponto culminante da acção. Mas não. Eu conseguia alguma coisa que se equivalia. Ouvia-se a respiração de todos. Poperíamos reco-



nhecer cada uma das personagens pelo seu respirar e indicar onde cada uma se encontrava só por isso. A máquina fixava-se de repente numa mulher ruiva que saía da esquerda, olhava em torno e se dirigia para a piscina. A sr.^a French, pois era ela, seria a primeira a reconhecer-se na actriz que a representava.

Avançou para a piscina e parou quando viu as duas formas enroladas, correu para elas, agitando os braços e com a boca a vociferar. Mas os dois não se mexeram e continuaram enleados. A sr.^a French gritava e irritada, deparando com a garrafa vazia, no meio do chão, pegava nela e virava-se. Quando ela atirava a garrafa, houve na assistência uma voz feminina que gritava de facto: «Parem! Parem!». Foi um abalo em todos os assistentes.

Imediatamente o filme parou, as luzes acenderam-se. Anastasia French ergueu-se com as mãos a apertar convulsivamente o rosto e de olhos fechados. — Não continuem. Não continuem. Eu digo como foi...

A tensão subia de ponto e fora demasiado para ela. Para mim estava perfeita. Em palavras que se atropelavam, a sr.^a French atirou diante de todos a história que me contara antes a mim, mas desta vez continuou: — Eu atingi meu marido. Ele fugiu. Atingi-a a ela, atingi Melba. Duas, três vezes. Não sei, meu Deus. Eu não a queria matar. Eu estava furiosa. Corri para o meu automóvel e andei durante horas e horas, sem saber como. Eu nunca podia querer matá-la.

E as mãos da sr.^a French apertavam-se sobre os olhos. Eu levantei-me: — Um minuto mais sr.^a French. A senhora não a matou. A senhora não a matou...

Anastasia virou-se rapidamente para mim. Mas os outros todos na assembleia fizeram o mesmo. Eu

tinha-os agora nas mãos. Tinha-os exactamente onde eu quisera levá-los. E, entre eles a pessoa que de facto matara Melba. Anastasia French não era aquela que eu indicava, mas a explosão que ela tivera ajudara a subir a tensão. Esse choque, os soluços, as palavras apressadas e comovidas, tinham levantado a tensão a um ponto irresistível, para todos... menos um.

A sr.^a French disse, então, aos sacões: — O quê? Eu...

— Ela morreu afogada — disse eu. — A senhora atirou-a para a piscina?

— Não... mas eu julgava que ela tivesse caído e ficasse para ali morta...

— Não foi bem isso... Ela não caiu lá...

Eu estava a adivinhar. Não era bem o que eu sabia, ou pelo menos não tinha a inteira certeza de quem matara Melba.

Eu não tinha uma só prova real para demonstrar quem tinha sido. E eu tinha de andar por um caminho que era o pior da minha história, mas o seu ponto culminante também.

E eu disse:

— Não de notar que tudo se pas-

sou exactamente como eu disse até

agora assistir ao próprio assassínio,

agora assistir ao assassínio mesmo.

Vamos ver o assassínio.

Sentei-me, sentindo que a gar-

ganta se me secava com a expecta-

tiva. As luzes apagaram-se, o filme

começou de novo a correr, no ponto

exacto em que a sr.^a French o

interrompera. No pano a sr.^a French

barafustava, a garrafa atingia Si-

mon French no ombro. Ele incli-

nava-se e afastava-se da cena. Yo-

landa no papel de Melba, não se

via, mas o filme mostrava a garra-

fa nos ares que subia e descia sobre

a cabeça dela, uma, duas, três

vezes. Depois era um desabafo da

sr.^a French. Atirava com a garrafa

e corria. A máquina seguia-a... mas

só durante momentos. Quando a

sr.^a French saía da cena, a máquina

suspensia e focava-se sobre a

casa dos Trent. A princípio não se

via nada. Depois o movimento apa-

recia. Na janela da casa de banho

junto ao quarto de cama da sr.^a

Trent, houve um movimento. Era

eu, Rush Rushwell. Eu desempe-

nhava o papel de assassino, saindo

da janela, correndo na relva, em-

purrando o corpo para a piscina,

depois voltando-me e correndo no-

vamente para casa, trepando á ja-

nela e entrando.

Mas a máquina de novo se fixa-

va em Alan Grant, de olhos semi-

cerrados. Acenava com a cabeça e

caía de novo sobre a relva. No pano

as figuras e os traços agitavam-se

por momentos quando o filme ter-

minava. As luzes acenderam-se e a

sala de novo apareceu no seu bri-

lho.

Não se ouvia o mais leve ruído.

Só o ar condicionado.

Eu ia agora atirar a minha gran-

de surpresa.

Eu quebrei o silêncio. — Então,

Porter? A sua face estava terri-

blemente mal encarada, não de irri-

tada, mas de indisposição. Mas A.

A. Porter que tomara a sua grande

resolução rapidamente na janela,

na noite anterior, e a seguir de

um acto irrevogável de assassínio,

tomou outra grande resolução rá-

pida e cumpriu-a com igual firme-

za. Compôs algo os seus traços, er-

gueu-se e encarou-me. A sua voz

estava calma, dominada, quando

disse: — Você cometeu um erro

terrível, Rushwell. E eu terei de

levar perante o tribunal, por calu-

nia. Há-de compreender isso. Cor-

reu uma das mãos pelo cabelo abun-

dante na sua grande cabeça, e via-

se que o cabelo estava humido de

transpiração. Prosseguiu: — Isto

pior do que tentar chamar-me assas-

sino. É mais indecente, mesmo mais.

— Pungente, não é?

Ele pestanejou, olhou-me como

se tivesse perdido a memória e de-

pois: — O que disse?

— Eu disse que era realmente

pungente. Não é?

Abanou a cabeça, não mostrando

ter compreendido. O rosto estava

escaldante, avermelhado. Disse-lhe

então, ainda: — Porter olhe para o

alto. E' por isso que aquece tanto

e que a atmosfera se torna terri-

vel. Há lampadas, muitas lampadas.

Luzes e mais luzes. Você é um ho-

mem do cinema. Deve conhecer os

efeitos dos infra-vermelhos, e que

com um filme rápido especial pode

tirar fotografias naquilo que pare-

ce escuro. Eu sei pouco a esse res-

peito, mas um dos seus técnicos in-

stuiu-me nesta tarde.

Finalmente se lhe traduziu no

rosto o medo. Via-se-lhe o medo á morte. Era como se se comunicasse á sua pele e fosse alastrando. — Por certo, disse eu. Só os infra-vermelhos não aparecem no espectro. Aparece o calor, uma vaga de calor que não uma vaga de luz. Essa vaga de calor pode ser utilizada para tirar fotografias. Foi por isso o barulho do condicionador de ar de forma que nós não morrêssemos. E também para cobrir o barulho da máquina.

Ele desviou-se de mim, virou-se para os outros e depois subitamente arremeteu de novo para mim.

— Compreendeu agora, não? perguntei-lhe. Durante todo este tempo em que nós víamos o filme eu afastava-me e uma máquina tirava as vistas de nós todos.

Apontei então para o local em que se poderia distinguir nitidamente o buraco por onde a máquina operava. — E estava a máquina perfeitamente regulada, Porter, de tal forma que a mais leve expressão ficasse registada e coordenada



com a cena do filme do assassínio que deu origem á expressão.

Deixei-o reflectir no caso, depois acrescentei: — Estou ansioso por saber o que reflectia o vosso rosto de cada vez que a máquina apontava para o homem que estava na relva junto dos arbustos. O homem que viu o momento em que você matou Melba. E, em especial, quando o filme me mostrava a mim sair da janela e empurrar o corpo para a piscina. Será bom pensar um pouco no caso. Onze pessoas vêem o filme do assassínio na escuridão; não há grandes motivos para fazer grandes esforços e esconder as expressões de abalo, receio, repugnância ou medo. Onze pessoas: a sr.^a French que julgou que tinha matado Melba, mais nove pessoas inocentes juntas aqui... e você, o assassino autêntico. Como julga que aparecerá no filme que acabamos de fazer enquanto víamos o outro?

Eu apontei então para as lampadas sobre as nossas cabeças e ele estremeceu. Era como se fosse brincar-se com os músculos a afrouxar sob a pele. Atirei-lhe então o último argumento: — Tudo isto foi montado por causa de você. Ergui tudo isto em torno de você, Porter. A reconstituição do assassínio, os raios infra-vermelhos e mais uma coisa que nos está a filmar neste momento, com todo esse terror que se lhe espalha pelo corpo fora. Pode ouvir. E' escutar.

Suspendi e, no silêncio, ouvia-se o ruído suave, da máquina, ainda a correr: — Tudo o que fez, quase tudo o que você pensou desde que entrou nesta sala o poderemos seguir amanhã nesta mesma sala. Desta vez será com os sons. Foi filmado em sonoro. Tive todas as fa-

cilidades do vosso estúdio para trabalhar. Sabe isso, não sabe, Porter? Você está nesta altura tão morto como Melba.

— Melba... — disse Porter enquanto os ombros lhes desciam e o rosto perdia as hesitações, tornando-se quase calmo. — Melba ia dando comigo em doido. Era uma linda mulher. Terrivelmente atraente. Era como uma droga, uma moléstia. Gostava muito dela. Nunca deixei de a amar. Escrevi-lhe cartas sobre cartas, e ela serviu-se delas para me forçar a fazer o que quis. Obrigou-me a metê-la no filme. Humilhou-me. Contou-me o que fazia com outros homens... — E a voz de Porter quase não tinha inflexões era como que um som vindo não se sabe bem de onde. Continuou: — Tive prazer em a matar. Esperei até em casa para ter a certeza de que ela não tinha possibilidades de escapar. Tive prazer nisso durante uma hora. Depois, não. Não sinto prazer neste momento.

Tornou-se calmo e eu olhei em torno para os outros. Todos os olhos se fixavam em Porter e nas suas expressões. Olhei de novo para ele.

Tinha uma arma pequena, mas era uma arma. Com ela na mão, Porter tinha a mesma calma ao perguntar-me: — Como é que soube, Rushwell? Como pode ter a certeza do facto?

Eu disse: — Alan Grant. Porter soube o que eu queria dizer, mesmo que mais ninguém tenha compreendido. Acenou com a cabeça que sim: — Compreendo. Vi que era um erro.

Ao mesmo tempo ergueu a arma. Eu avancei para ele: — Não faça asneiras. A Polícia está a todas as portas. Não tem qualquer saída, Porter!

Enganei-me. Havia uma saída e ele aproveitou-a. Antes de eu o poder impedir, ele apontou a pequena arma á boca e puxou o gatilho. Houve um som não muito forte. Ainda ficou erecto durante algum tempo, depois caiu e o silêncio envolveu tudo e todos.

As mulheres gritaram depois e até os homens saltaram de suas cadeiras. Tudo se misturou. Foi uma verdadeira balbúrdia. Com as pessoas sem saber o que faziam, a Polícia entrou na sala. Yolanda apertou-me o braço. Em dado momento Jay Kennedy chamou-me de lado. Frio e sóbrio.

— Rush, eu não compreendo lá muito bem como é que você teve tanto a certeza da culpabilidade de A. A. Eu contei a A. A. tudo o que Alan Grant nos dissera. Mas era realmente muito confuso...

— Isso não é o que interessa a respeito de Alan Grant. O que importa foi o facto de Porter ter tentado matar Alan Grant. Atirou-o pela janela fora. De facto, foi o ponto culminante das investigações. Grant embebedou-se centenas de vezes e só hoje é que caiu da janela abaixo. Era por conveniência de alguém. Por isso ninguém pode aceitar que seja uma queda de bebedeira. Foi de facto atirado.

Kennedy franziu a testa e eu prossegui: — Não sendo eu, só duas pessoas sabiam que Alan vira o assassínio... Você e Porter. Eu disse-lhe já porque é que o eliminava a si. Ficava, por isso, unicamente o seu coprodutor. Havia, ainda, outros aspectos. Contou-me você que ele, praticamente, impusera a entrada de Melba na «Caixa Misteriosa»; se ele era tão má actriz é porque tinha outros motivos para isso. Isso para mim era bastante...

Kennedy concordou, bateu-me no ombro e afastou-se.

Yolanda voltou a apertar-me o

braço: — Rush!

— O que é? E eu esperava as palavras de felicitações. E ela sorria para mim então: — Rush, no filme, eu saí-me bem? Estou-lhe tão grata por me ter escolhido para desempenhar o papel.

— Está. Ainda bem.

— Estou, Rosh. Foi um verdadeiro achado.

Ela apertava-me o braço com força. Tudo o resto em torno ia acalmando. meu escritório, sentando-me na cama do escritório, sentando-me na cadeira forrada de pele de zebra, em frente da minha secretária feita do tronco de uma árvore com raios e tudo. Tinha pago a renda. Mas Yolanda já lá não estava.

As cenas de Melba na «Caixa Misteriosa» estavam a ser filmadas de novo, mas, agora, com Yolanda. Via, mas não no escritório. Para o escritório entraria Lorene.

Esta era loira, vestida de branco. De resto, poucas alterações seria necessário fazer. Lorene não sabia ainda muitas coisas que Yolanda sabia, mas, pouco a pouco, iria aprendendo.

**PRÉDIO
OCASIÃO ÚNICA**

EM LOCAL DE GRANDE
FUTURO, bela construção mo-
derna, revestida a mármore,
isento 6 anos, 3 casas assoalh.
p/ inq. rendas baixas. Rende
43.200\$00, PREÇO 500 CONTOS

NORTENHA

Praça da Alegria, 58-2.
Tel. 366812

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

25. Rua Nova do Almada 99

LISBOA



O AGIOTA

ENTRE OS DOIS...

ERA um senhor muito rico e tinha um filho, mas, como era um grande forretero, não dava ao rapaz mais do que uns misé-
rescos que mal chegavam para escudos que mal chegavam para mandar cantar um cego. O rapaz pedia, demonstrava por a + b que aqueles quinhentos escudos que o pai lhe dava eram uma verdadeira miséria, mas nada demonstrava comovido o avarento:
— Quando eu morrer, tudo isto é teu — e apontava a casa, o mobiliário e o cofre forte onde guardava enormes pilhas de acções de todas as companhias das as boas e más companhias — e gastará a tua vontade, mas em-
mandar cantar um cego. O rapaz quanto eu for vivo quem manda pedia, demonstrava por a + b que aqueles quinhentos escudos que o pai lhe dava eram uma verdadeira miséria, mas nada demonstrava comovido o avarento:
— Quando eu morrer, tudo isto é teu — e apontava a casa, o mobiliário e o cofre forte onde guardava enormes pilhas de acções de todas as companhias das as boas e más companhias — e gastará a tua vontade, mas em-

O cavalo de Troia

O cavalo de Troia só foi possível naqueles velhos tempos em que a ignorância era geral. Hoje em dia ninguém acreditava que a barriga dum cavalo — cavalo sim, não égua! — estivesse cheia de gente.
Actualmente já está muito esclarecido o mistério da vida...

Seguro e Segurança

Um pessimista descobriu que se não houvesse companhias de Seguros haveria muito menos incêndios. E o pessimista tem razão. E até se dá o caso da teoria se aplicar também aos desastres de viação.
Sem seguros haveria muito mais segurança...

SABER VIVER

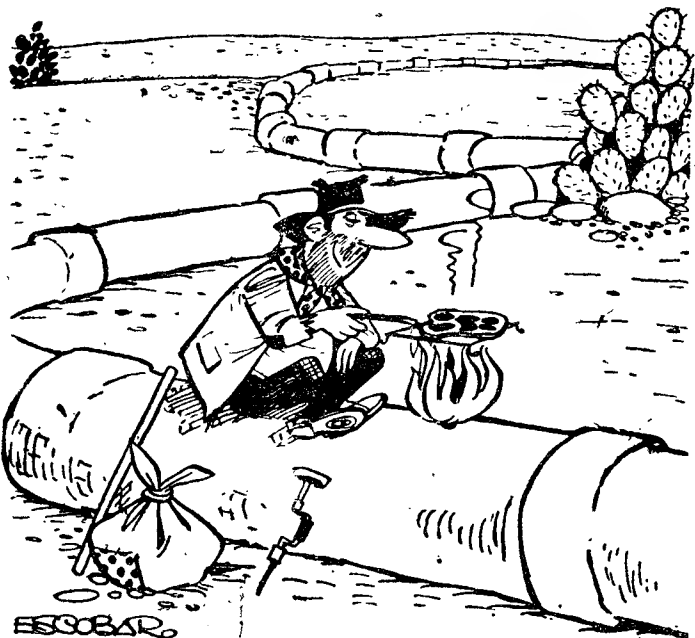
A verdadeira felicidade consiste em pôr o Mundo em que se vive de acordo com aquilo que se tem.

Uma esperança



— Ele é fabulosamente rico e vamos passar a lua-de-mel no seu «yacht» — e como ele também não sabe nadar...

Um recurso no deserto



Utilidade do «pipe line»



— Vamos, meus senhores, o melhor é quem ganha. Quanto são os vossos rendimentos...

VENCER

Para vencer na vida, a primeira condição é não ter receio de morrer. Isto que à primeira vista parece um paradoxo é uma verdade absolutamente científica.
Como toda a gente imagina que o homem vai morrer ninguém teme a sua concorrência e todos os deixam passar.
E' assim que se fazem muitas celebridades.

O caçador exímio

Aquele caçador de leões sabia-a toda, mas o leão ainda sabia mais.

Ele era sem dúvida um exímio caçador e sabia muito bem o processo infalível de matar o leão, á noite, com um candeeiro pendurado numa árvore. Quando o leão avançava os olhos brilhavam reflectindo aquela luz e o sistema era apontar a carabina ao intervalo das duas luzes ou seja dos dois olhos do leão. E já estava! Uma bela noite, porém, por mais tiros que o caçador exímio disparasse, o leão avançava sempre, como se nada fosse com ele, vindo a morrer sómente com um ultimo tiro, á queima-roupa, já com o cano da carabina quase colado á cabeça.
Foi só então que o caçador exímio descobriu a razão do seu fracasso.

Tratava-se de um leão muito velho, que já conhecia o processo do velho caçador atirar ao intervalo das duas luzes dos olhos e que se munira de uma lanterna eléctrica para fingir de um dos olhos e, fechando o outro, induzia em erro de pontaria o pobre do caçador exímio que, atirando ao centro das luzes atirava para o vácuo.
Final quem era exímio era o leão...

NO BAILE

— Imagine que eu disse áquele sujeito com cara de parvo que aquela senhora que está a tocar piano só dava fífias e era feia como um bicho, sem saber que estava a falar com o marido dela.
— Oh! E que disse o meu pai?

ALTERNATIVA

Há pessoas que se suicidam. Outras limitam-se a atravessar a Praça do Chile.

Conselhos medicos

Uma dor de barriga é um incómodo terrível, mas pode evitar-se: se é proveniente da alimentação é deixar de comer.

Se sobrevier a morte é um incidente desagradável mas a barriga nunca mais dói. Garante-se.

A dor de dentes resulta muitas vezes dum tratamento que se anda a fazer ou dum doce que se comeu. E' abolir o doce e conservar o dente. Ou, então, ainda melhor, continuar com o doce e tirar o dente.

Se a dor continuar o mais prático é abolir o dentista.

Como irmãos

Eram dois grandes amigos, ambos igualmente pobres e ambos sem emprego.

Amigos como irmãos procuraram empregos semelhantes, em casas diversas, regulando a sua escolha unicamente pelo dia de pagamento dos estabelecimentos em que se iriam empregar.

Era preciso que os dias de pagamento não fossem os mesmos.

Como os ordenados eram pequenos tinham que ajudar-se um ao outro como irmãos e então um deveria ter um emprego em que recebesse no dia 30 e o outro no dia 15.

O de 15 ajudava o outro até 30; e o de 30 ajudava o amigo até 15.

Prevenção



— Basta, Alberto. Parece-me que já bebeste demais...

Que relógio!

Ele tinha um relógio que regulava tão bem, não se adiantando nem atrasando um segundo, de modo que, cheio de vaidade, se gabava em toda a parte:

— O meu relógio é tão bom que por ele é que o Sol se regula para nascer e para se pôr. Nunca se viu que falhasse nem um segundo.

Um grande número



— Ora vamos a ver se prestamos mais atenção á música.



O MOINHO DA BRUXA

por MANUEL NEVES MENDES (16 anos)

Foi já há alguns anos que a história teve lugar numa pequena aldeia, próximo de Torres Novas. Ali, o terreno é acidentado e a própria aldeia fica numa pequena colina.

Ao longe, no alto do monte, isolado e solitário, ficava o moinho. Era um moinho velhíssimo, há muito desmantelado, cujas velas já partidas pelas agrestes ventanias inverniais, se tinham quedado aos poucos até desaparecerem de todo; há muito que não giravam, moendo o trigo que até ali era trazido por taciturnos burros, que subiam ao alto serpenteando o monte pelos caminhos antigos. E o moinho de paredes denegridas, para ali se encontrava a desfazer-se em buracos por onde o vento assobiava nas noites de aspera invernia. Ficava num alto. A sua volta, campos de milho e sobre a vertente, lá mesmo ao fundo, uma fonte humilde e rústica, empapava o chão com os sobejos da sua bica sempre corredia de água limpa e fresca, formando poças aqui e acolá, acabando o regatãozinho por desaparecer entre silvedos agressivos. A aldeia, meia dúzia de casas, era igualmente humilde e pobre.

Um dia, há muito tempo já, uns pedreiros vieram, taparam alguns buracos do moinho, substituíram-lhe a velha capota por curvas telhas e levantaram-lhe ao lado um pequeno casinhoto deixando-o rudimentarmente pronto para habitar. No outro dia soube-se na aldeia que uma mulher tinha vindo habitar o moinho.

Quem era? Que idade tinha? De onde viera? Ninguém o sabia dizer. Os primeiros dias, foram de ansiedade e curiosidade. Sugeriram-se ideias, fizeram-se cálculos, tentou-se chegar à razão. Nada. Quem quer que fosse, vivia isolada do Mundo, fazendo uma vida de recolhimento e mistério. Logo, bocas danadas do mulherio, lhe puseram um nome: A bruxa! A bruxa!

do moinho. Uma vez por mês, embuçada numa velha capa negra, a mulher mal deixando ver os olhos, saía à aldeia e voltava com um saco de mantimentos. Iam passando os anos; ia-se vincando o nome e já havia quem às horas mortas, quando o temporal se desfazia em chuvas e o vento ululava impreca-



ções sinistras por entre os pinheiros, passasse ao largo com medo dos maus encontros e dos sortilégios da misteriosa habitante do moinho abandonado.

Ora, por estas alturas, era eu pequeno ainda, pois tinha só nove anos, juntamente com dois amigos mais velhos que eu, resolvemos fazer uma visita ao moinho misterioso. A princípio, com medo, rejeitei o convite, mas eles tanto insistiram, que eu me resolvi. Marcou-

se a partida para a noite de sábado próximo. Eu diria em casa a meus pais, que ia a casa do Carlos, — um dos meus amigos — jantar e passar a noite, pois eram muito amigos. Assim foi, no sábado saí de casa pelas sete horas (nessa altura era já noite) e fui-me encontrar com os tais amigos. Eles pensavam que eu não compareceria, por isso ficaram um

(Continua na última página)

GIGANTES DE PORTUGAL

Nasceu em Vila do Conde, em 1901, o autor de «As Encruzilhadas de Deus» e «Poemas de Deus e do Diabo» — uma das maiores figuras das letras portuguesas contemporâneas e grande entre os grandes poetas da nossa terra. Espírito multiformemente dotado, é também romancista, novelista e crítico. Na sua obra de romance conta-se a bela criação poética de «O Príncipe com Orelhas de Burro» e o ciclo, ainda incompleto, de «A Velha Casa» de que já publicou três romances. Como novelista, deve destacar-se o livro «Histórias de Mulheres»; como crítico o penetrante ensaio, «Em torno da Expressão Artística». Também no teatro já nos legou peças de excepcional nível poético e dramático, como, por exemplo, «Jacob e o Anjo».

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 11 de Março, acompanhados do nome, morada, data de nascimento e número de ficheiro dos concorrentes (caso o possuam já) bem como da indicação dos três artigos que mais apreciaram esta semana.

Além dos habituais prémios haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o excepcional Poeta que hoje homenageamos.

CARTA AO REPORTER PERDIDO

por FERNANDO CORREIA

Foi com muito interesse que li a tua última carta, referente a Desporto — o que já é importante — mais particularmente ao futebol — importantíssimo!

Entretanto, se o tempo e o es-

paço permitissem, seria da melhor vontade que eu aproveitava esta ocasião para mais uma vez afirmar o papel preponderante que o desporto deverá ter na educação da juventude — o que infelizmente nem todos reconhecem, mesmo entre nós jovens...

O que eu vou tentar analisar, amigo Repórter Perdido, é o teu artigo, com os intuitos que nele advinhei, ao mesmo tempo que dele, em parte, discordei.

O caso é este: ou tu procuraste criticar, aliás muito louvavelmente a maneira como o futebol é encarado numa maneira geral pelo nosso povo, ou então tiveste, digamos a ousadia de tentar dizer que o futebol, como modalidade desportiva, é inválido e estéril — e isso, caro Repórter Perdido, era mais do que lamentável, era inacreditável...

Mas para simplificar estas linhas e diminuir-lhes a intenção partirei do princípio de que não é esta última a tua intenção. Reduzindo ainda mais o âmbito deste artigo, cingir-me-ei, como tu — voluntária ou involuntariamente — o fizeste, à análise das atitudes do público, esquecendo outros problemas de maneira alguma menos importantes, tais como a existência de boas instalações para o público, em desvantagem do praticante, e o resumido número destes, contrastando com os numerosíssimos «teóricos» (casos estes, aliás, aplicáveis à quase totalidade de todos os outros desportos).

E ponhamos sem receios, o problema: sem dúvida que é deplorável o estado a que as grandes massas chegaram perante os problemas do futebol, para que eles se resumem simplesmente ao resultado numérico alcançado pelo clube da simpatia; sem dúvida que são terrivelmente desumanas as atitudes tomadas pela grande maioria dos ador-

nam os estádios, tão capazes de elevar o atleta mais feliz aos pináculos da glória, como não menos capazes de apedrejarem qualquer outro, mesmo com risco de lhe deparar a vida... sem dúvida, portanto, que esta multidão esquissada, ruidosa, mentalizada na coisa, não devia existir. Mas aqui é que está o problema; não basta dizermos que isto não presta, é uma «árvore carcomida»; não, não basta. Nós, os «frutos suculentos», temos de saber ver a situação, temos de ver bem onde é que está o mal. Que a tal coisa não está como deve ser, vê-se logo; resta saber porquê...

Vejam os então o caso objectivamente: serão o modesto empregado de escritório ou o inculto pedreiro, enfim, serão todos esses infelizes chefes de família os culpados? Eles, que têm uma semana de intenso trabalho, a que têm de juntar os imprescindíveis problemas do lar, como não chegarão ao domingo? Alegres, frescos, bem dispostos? Ou cansados, abatidos, irritados? Não, amigo Repórter Perdido, o mal não está, verdadeiramente, onde a primeira vista parece existir; está mais profundo, de tal modo enraizado, que a sua análise envolve problemas já fora do âmbito do «Juvenil», e claro, também destas despretensiosas linhas.

Para já interessa não julgarmos precipitadamente nem o futebol em si, nem os seus numerosos incondicionais adeptos!

Na impossibilidade de nós, enquanto jovens, pudermos resolver a situação, aspiremos, sim, a um futuro melhor, que mais tarde poderá estar nas nossas mãos. Prati-que-mos entretanto o verdadeiro desporto em qualquer das suas modalidades (atletismo, ciclismo, nata-

(Continua na última página)

Crítica da colaboração

Antes de iniciar a crítica da última colaboração recebida, pedimos aos nossos jovens leitores o seguinte: que tenham um pouco de paciência se as coisas não andarem tão depressa como desejariam.

Vem isto a propósito do Amigo n.º 1804 — António Ruy S. C. de Sá que se mostra muito desagrado pelo facto de tardar a crítica da sua poesia «Amanheceu». Para calcularmos as nossas dificuldades (falta de espaço e de tempo) basta dizer-lhes que esta semana recebemos trinta (30) trabalhos para crítica.

De começo resolvemos fazer as críticas na semana seguinte às da sua recepção. Verificámos depois que esta solução não era muito aconselhável, pois tínhamos necessidade de registar logo a chegada dos artigos enviados e desta forma duplicávamos a tarefa. Decidimos então fazer imediatamente a crítica, o que atrasou a dos trabalhos anteriormente recebidos.

No próximo número referir-nos-emos à poesia do Amigo acima citado. E vejamos agora a colaboração recebida esta semana.

Amigo 1494 — António Degois Pereira (16 anos): A tua «Crítica da Semana» não pode ser realizada. Sabes que a nossa maior dificuldade é a falta de espaço e que, além disso, os nossos colaboradores gostam de receber uma crítica rápida aos trabalhos que nos en-

viam, sejam logo publicados ou não. Os teus contos têm interesse e como tal aparecerão no «Juvenil». A poesia «Chamei por ti» está nas mesmas condições. Não se dá o mesmo com «Jardim Encantado». Continuo a dizer-te que a rima te prejudica, pois não a dominas convenientemente. A tua boa sensibilidade há-de reconhecer que versos destes não possuem poesia:

O belo jardim outrora ressequido
Agora alegre e sempre florido
Em que eu brincava
Com alguém quando em pequeno
Tudo eram constantes alegrias
E permanentes folias.

O emparelhamento forçado de «alegras» e «folias» é um exemplo bem claro do que te tenho observado. Poesia não é forçosamente rima; pode haver e há versos brancos de altíssima poesia. A rima tem de ser natural. Só o que é natural tem verdadeira arte. Mas natural, como já vimos, não significa espontâneo; verdadeiro artista é o que dá às suas criações profundamente meditadas e trabalhadas o carácter de simplicidade que se confunde com a espontaneidade. A rima (le Camões, por exemplo) parece, (aparenta) ser, então, um acontecimento «natural».

Amigo n.º 1807 — António de Sousa (19 anos): «A poesia «Velhice» tem qualidades e será publicada. «Não é» afigura-se-nos confusa. Aproveitamos esta oportunidade para te felicitar. Este

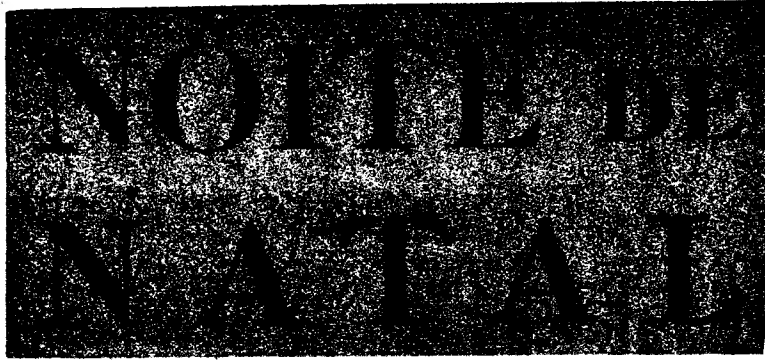
nosso amigo é operário cerâmico e estuda de noite numa Escola Técnica. Eis um excelente exemplo. Por isso quero chamar a atenção de todos para a poesia «Velhice» que publicaremos no dia 27 deste mês.

Amigo n.º 53 — Maria do Céu Bilel Alves (17 anos): Podes acreditar que tens condições. A tua profunda sensibilidade quando mais dominada e amadurecida poderão produzir belas criações. Publicaremos as tuas poesias. Deves insistir nos contos. Olha o que se passa à tua roda e dentro de ti; vive intensamente esses acontecimentos; e depois de os teres bem nítidos, na tua frente, escreve-os. Lê Tchekov, mestre incomparável da simplicidade, da subtilidade. Ganharás muito com isso.

Amigo n.º 1703 — Manuel Neves Mendes (16 anos): «O Moinho da Bruxa» apenas peca pelo mesmo defeito sobre que estou constantemente insistindo: falta de acabamento, de autocritica. Repetes palavras sem qualquer vantagem, tanto mais que possues — a ajuizar apenas por este conto — verdadeiras qualidades de narrador. Apesar disto, publicaremos o teu conto com emendas, se o permitires. Depois compararias com o original. Estás de acordo? Diz.

Amigo n.º 1680 — António Nunes de Almeida (19 anos): «Uma Americana em Lisboa» vai despertar bastante interesse entre os nossos leitores. Continuo, porém, a não te perdoar a falta de ama-

(Continua na página seguinte)



Com os reluzentes e brilhantes olhos a faiscar na noite escura, o cão percorreu demoradamente com o olhar tudo á sua volta, e depois de certificado que nenhum adversário rondava perto, dirigiu-se apressado a um sujo caixote de lixo, certamente ali esquecido por alguma dona de casa.

Com uma extraordinária agilidade,

nós e deu-nos entredentes as boas-noites.

— Boas-noites, ti Zé Sarmento!

— gritou o pequeno.

Continuámos.

Rociadas pela plácida chuva que continuava descendo sobre a cidade, as enlutas pedras da calçada resplandeciam.

Atravi-me a perguntar:

gosto mais, mas a minha irmã teima que a mais bonita é esta logo aqui do princípio... esta aqui... a segunda a contar do lado de cá... está a ver?

— Ah! A do avental amarelo?

— Pois!

— Também é bonita...

— Lá bonita também é, mas cá para mim a outra ainda é mais!

Com a mão, limpou á frente da sua carita o vidro da montra já embaciado, e continuou num tom mais baixo, ao mesmo tempo que apontava com um dedo para uma pequenina boneca de trapos, na qual os olhos, o nariz, e a boca, eram simples traços negros mal desenhados:

— O senhor está a ver aquela boneca ali ao cantinho, não está? Pois... pois a nossa mãe ontem á

finalmente uma (a única certamente).

Era uma moeda de vinte e cinco tostões.

— Olha... toma!

Coloquei a moeda na magrita mão do ganapo. Inconscientemente, aproximou-a um pouco ao vidro da montra, fazendo-a cintilar qual pirilampo.

A chuva amainara um pouco.

— Já... eu... já não tenho jornais...

— Não quero nenhum jornal. É para ti!

— P'ra mim?! — olhou-me surpreendido — P'ra mim?! Sorri-lhe.

A sua pequenina boca abriu-se de repelão num enorme sorriso.

olhou a moeda, e alegre, louco, desvairado, largou a correr pela rua.

por PEDRO FOYOS (14 anos)

os pés chapinhando na água, o enorme saco de jornais quase arrastando o chão, e os loiros cabelos bailando festivamente na cabeça.

— Porfiro! Eh! Porfiro! Porfiro!

Nada!

— Porfiro!...

Louco de alegria, lá ia ele correndo, voando, afundando-se lentamente na escuridão da rua, e agitando violentamente no ar, a mão que continha a moeda

uma enregelada mão de uma pobre criança, apertando com força vinte e cinco tostões de felicidade.

As lágrimas corriam-me.

AMIGO 1649

noite deu uma igual á minha irmã. Igualzinha!

Pausa.

Pousou o olhar no meu nó da gravata e prosseguiu:

— Eu cá acho-a feia!... Mas só queria que visse ontem a minha irmã. Nunca na minha vida á vi tão contente!

Pausa.

Limpou pela segunda vez o vidro da montra, e com os olhos regando alegria:

— A esta hora está ela a dormir com a boneca debaixo do braço...

Com cautela, sem o pequeno dar por isso, vascolhei demoradamente todos os meus bolsos, na esperança de encontrar qualquer perdida ou esquecida moeda. Retirei

CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

durecimento do que escreves. Com a matéria que tinhas á mão poderias ter realizado uma reportagem cheia de graça.

Contentaste-te com uma prosa desmazelada, sem pontuação suficiente, ao que saí á primeira. Vê:

«Ela além de admirar tudo o que via, ainda achava tempo para perguntar ao cocheiro como é que os pobres animais aguentavam aquela subida com tão grande carga».

Não ficaria melhor uma coisa neste género:

«Além de admirar tudo o que via, ela ainda achava tempo para, através de nós, perguntar ao cocheiro, etc.»

Mas publicaremos a reportagem.

Amigo n.º 735 — Joaquim Leitão da Silva (17 anos): «O Riso e o Sorriso» é uma verdadeira revelação. Quem possui as qualidades aqui manifestadas deve ser profundamente exigente consigo.

Repto mais uma vez: é preciso lutar contra o demónio da «facilidade». O teu conto, que publicaremos no dia 27, é muito bom pelo simples facto de seres dotado; mas ficas-te, como diz o nosso povo, «peço que a cepe deus». Em todo o caso, felicito-te. Continua. Trabalha muito. Lê muito os grandes artistas modernos.

Amigo n.º 1735 — Ana Maria Barradas (15 anos): «Infelicidade» tem um fundo muito justo. Será publicado. Só não parece que seja remédio para a morbidez «o pensar-se o menos possível em nós próprios». A tua solução equivaleria a uma fuga. Pensemos em nós, mas educando a vontade, mas introduzindo no nosso espírito o equilíbrio intelectual, a certeza de que saberemos desanimos e paixões, não nos deixando arrastar por eles.

Amigo n.º 1409 — Alcídia Maria Ribeiro (18 anos): Publicaremos a tua poesia. Mas, repara, amiga, a vida não é um «ente»; é, sem querer, uma «força». Assim:

Sabes o que é a Vida,

Essa força que grita,

Fremente e palpita

Dentro de nós?

Amigo n.º 1848 — José Eduardo Pires Franco (17 anos): «Desamparado no Mundo» é demasiado melodramático. Deves procurar não intervir na narrativa. Deixa que os acontecimentos falem por si. Publicaremos o teu conto, pois o estímulo dar-te-á, estamos certos, força para fazer melhor.

Amigo n.º 1837 — Nelson Morgado da Silva: «Lenda» é uma narrativa com interesse, escrita com frescura. Mas tal como sucede com «A Ambição», nota-se aquela falta de exigências, aquela auto-crítica a que sempre nos temos referido. Serão publicadas

Amigo n.º 1580 — Maria da Piedade Gaudarez (20 anos): Continuas a afirmar-te. Vê-se que não te fias apenas nas tuas excelentes qualidades. Trabalhas. Meditas o que queres dizer. Publicaremos as tuas poesias. E essa saúde?

Amigo n.º 963 — Alice Vassalo Pereira (16 anos): O teu pequeno artigo «Madrugada» possui qualidades literárias, mas é demasiado pessimista. Porque há-de odiar a vida? Manda trabalhos mais saudáveis. Tens condições; és jovem; porque criar símbolos negativos?

Amigo n.º 1539 — Heitor Ferreira da Silva (18 anos): Publicamos hoje mesmo a tua entrevista.

Amigo n.º 610 — Marília Mendes Silva (19 anos): «Tarde Demais» será publicada. Mas porquê «tarde demais» aos 19 anos?

Amigo n.º 1682 — Frederico Nunes Abel (19 anos): Publicaremos a tua novela «Encontro no espaço».

Amigo n.º 1805 — Fernando Correia: «Carta ao Repórter Perdido», tem ideias muito justas. Poderás lê-la num dos próximos números.

Amigo n.º 1172 — Maria José de Lancastre (13 anos): O poema «Ao Soldado Desconhecido», confirma as qualidades que já sobejamente demonstraste. Continua. Lê poetas modernos. Vais ver a tua poesia no «Juvenil».

Amigo n.º 1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso (20 anos): Gostámos francamente da poesia «A menina romântica», que vamos publicar.

Em virtude das férias de Carnaval, «A Conversa da Semana» ficará reduzida aos comentários já impressos que não couberam nos números anteriores. O «Juvenil» que estão hoje a ler teve de ser inteiramente redigido na sexta-feira, dia 27, antes, portanto, de recebermos o habitual correio.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1828 — Laurinda Ferreira Canavilhas (Amadora): O teu número é este e não o que indicavas. Tens um prémio a levantar.

Amigo 1890 — António Manuel Nunes Henriques (Lisboa): Manda a idade, para que possamos completar a ficha.

Amigo 1891 — José Faisca Teixeira (Faro): A assinatura está feita. Manda dizer se recebeste o jornal, sim. Não é preciso dactilografar os trabalhos especiais. Os que se destinam a publicação, se a letra for ilegível, é que sim, devem vir passados á máquina.

Amigo 1886 — Maria Vitória Barbosa Sequeira (Vendas Novas): A morada que mandas é suficiente? Não precisa de indicação de rua?

Amigo 1878 — Maria Augusta inscrita com este numero que deves sempre indicar em toda a correspondência.

Seixas (Lisboa): Nada mais; estás

Amigo Numa Pompílio: As indicações são poucas, para podermos completar a ficha.

Amigo Francisco Germano Pas-seiro (Lisboa): Manda a morada, sim?

Amigo Alfredo Nunes Vitorino (Lisboa): Manda a idade, sem o que não poderás ser inscrito no nosso ficheiro.

Vosso amigo ao dispor TROTE

Recomendamos aos nossos leitores as TRÊS grandes colecções editadas por ESTUDIOS COR

LATITUDE

romances e novelas

DESTINOS

biografias

OS GRANDES

CLÁSSICOS

as obras-primas do romance de todos os tempos

Nelas encontrarão o maior encanto espiritual e novas bases para o alargamento da sua cultura

Soluções do Concurso do Juvenil

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO NUMERO ANTERIOR

Gigantes de Portugal: VIANA DA MOTA.

Qual é a coisa, qual é ela? — A LÂMPADA.

VENCEDORES

1. — Amigo 2 — Maria Manuela Dias (Lisboa).

2. — Amigo 1863 — Maria Eloisa Ferreira (Lisboa).

3. — Amigo 1522 — Maria Teresa Proença (Queluz).

4. — Amigo 1888 — Alcides José Tabora (Lisboa).

5. — Amigo 1878 — Rosa Ferreira Lopes Coelho (Paredes).

6. — Amigo 1882 — Maria Adelaide Januário (Aveiras de Cima).

7. — Amigo 1884 — Ana Maria Correia Prata (Lisboa).

8. — Amigo 1528 — Julio Maggilly Novais (Lisboa).

9. — Amigo 1887 — Maria Auzenda Mendonça (Porto).

10. — Amigo 1883 — Jaime Pereira da Silva (Caldas da Rainha).

11. — Amigo 1492 — António Manuel Simões Coutinho (Porto).

12. — Amigo 1560 — Maria Manuela Barroso Lopes (Queluz).

PRÉMIOS

1. — «CASAMENTO EM FLORENÇA», colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

2. — «A LENDA DE MADALA GREY», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

3 a 7. — «O VELHO E O MAR», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

8. — «BEIJO NO LEPROSO», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

9. — «BEIJO NO LEPROSO», colecç. Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.

10. — «PONTO VERMELHO», colecç. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

11. — «CLAMOR NA SOLIDÃO», da colecç. Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.

12. — «ULTIMA ALDEIA», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

Prémio para o melhor trabalho sobre VIANA DA MOTA.

13. — Amigo 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes (Lisboa).

13. — «PUREZA», de José Lins do Rego.

«BEIJO AO LEPROSO», da colecç. Miniatura, ambos dois belos livros de LIVROS DO BRASIL, LDA.

NOTA: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º dir., em Lisboa, na semana seguinte ao da sua publicação. Os premiados devem munir-se da respectiva identificação (ou mandar alguém com o seu cartão de identidade). Os prémios até o Juvenil 145 estão á espera de ser levantados. Pedimos aos Amigos premiados o favor de os vir ou mandar buscar.



de, levantou rápido, com as patas, a tampa. Olhou novamente em redor, meteu dentro o focinho, e remezendo o conteúdo procurou dividir qualquer ressequido e velho osso para roer.

Assobiei-lhe.

Retirando rapidamente a cabeça, fixou nos meus os seus olhos brilhantes, examinou-me atentamente, e passado um momento, sem se importar comigo mais, recomeçou a pesquisa.

Devagarinho, aproximei-me dele. Acariciei-lhe o esquelético lombo amarelo-acastanhado, e a minha mão tremeu ao passar sobre os pungentes ossos, mesmo á flor da pele.

Olhou-me assustado, e abriu muito aqueles tristes olhos negros, onde parecia haver lágrimas. Com as pontas dos dedos, afoguei-lhe a cabeça.

De subito, golpeando a taciturnidade da rua, uma voz fina de criança, do outro lado do passeio gritou:

— É muito bonito! Chama-se «Pachorronto».

Virei-me, e vi diante de mim, de pés descalços e esfarrapados calções, um garotinho de compridos cabelos loiros, descuidadamente caídos para a testa, cara salpicada de numerosas sardas, e grandes olhos cinzentos-claros quase azulados. Ao ombro, um enorme saco de jornais desproporcionadamente grande para o seu tamanho.

Já feito do susto, falei-lhe:

— Anda cá. Como disseste tu que se chamava ele?

— «Pachorronto» Chama-se «Pachorronto».

— Ah! E tu?

— Por aqui chamam-me Porfiro.

— É teu o «Pachorronto»?

— Não!... Não tem dono. Anda por aí...

Fazia um frio horrível, e começara a cair há pouco uma chuva miudinha, muito miudinha, quase imperceptível.

Inesperadamente, o petit agarando e puxando-me com força uma das mãos, disse-me:

— Venha cá... quer ver?

Segui-o. Um velho passou por

— Então onde vamos nós?

— Já vai ver... já ali...

Atravessando a rua, um gato fugiu assustado, mergulhando em seguida num enorme poço de escuridão.

Sempre com a minha mão presa na sua, calados, continuávamos pela vereia acima.

Através de uma embaciada janela de vidros amarelados, contemplámos durante algum tempo, uma bonita e enorme árvore de Natal abundantemente enfeitada e colorida de luzes e brinquedos. Muito sumidamente chegaram-me aos ouvidos alegres gargalhadas de crianças.

— No ano passado deram-nos brinquedos e bolos... mas este ano...

— disse tristemente o garoto. Sem dar tempo a qualquer pergunta, e pondo-se em bicos dos pés para eu ouvir melhor, continuou:

— São muito ricos, sabe?

— Demos mais meia dúzia de passos e por fim, parando em frente de uma pequenina loja o garoto suspirou:

— Cá estamos!

Dirigi-me curioso á pequena e única montra que a loja tinha.

Brinquedos!

Só brinquedos!

Só felicidade!

Brinquedos de todas as qualidades e feitos: figurinhas de barro para o presépio, bonecas, automóveis de lata, apitos, pedras, cornetas, bolas... enfim, um nunca mais acabar de brinquedos.

Com um enorme puzou na minha aba do casaco, e apontando com um enregelado dedo uma prateleira onde se equibiam graciosamente algumas bonecas, perguntou-me:

— Qual gosta mais?

Miréi-as todas uma por uma minuciosamente.

— Qual é? — tornou o garoto.

— Não sei... talvez... talvez aquela lá do fundo, a de azul... não?

— A que tem o cesto na mão, não é?

— Sim, sim! Essa mesmo, a que está com o cesto.

— Pois é! É a que eu também

tremula um jovem Tristão a Morpartes... mento só, a «Que... aha-o, sur... pergunta. Tristão s... mura: «De

QALCEN

tura irmã, co em cujo da mão exa... trar a doc... fecha os o... ta-a ao pel... das adorme... longinqua... apenas no... partira par... de chegar... olhos verde... Vê-lhe a f... de linho. C... estavas pre...

E' esse r... tara num... to revoltei... ternura ma... as brancas... Suspendem... os marinhe... decer ao a... canção tão... Tristão... montava, e... que se toc... sorriso par... fancia. Ah... Assim co... Entre o mo... gue ao lon...

gugue ao lon...

Amigo n.º 1580 — Maria da Piedade Gaudarez (20 anos): Continuas a afirmar-te. Vê-se que não te fias apenas nas tuas excelentes qualidades. Trabalhas. Meditas o que queres dizer. Publicaremos as tuas poesias. E essa saúde?

Amigo n.º 963 — Alice Vassalo Pereira (16 anos): O teu pequeno artigo «Madrugada» possui qualidades literárias, mas é demasiado pessimista. Porque há-de odiar a vida? Manda trabalhos mais saudáveis. Tens condições; és jovem; porque criar símbolos negativos?

Amigo n.º 1539 — Heitor Ferreira da Silva (18 anos): Publicamos hoje mesmo a tua entrevista.

Amigo n.º 610 — Marília Mendes Silva (19 anos): «Tarde Demais» será publicada. Mas porquê «tarde demais» aos 19 anos?

Amigo n.º 1682 — Frederico Nunes Abel (19 anos): Publicaremos a tua novela «Encontro no espaço».

Amigo n.º 1805 — Fernando Correia: «Carta ao Repórter Perdido», tem ideias muito justas. Poderás lê-la num dos próximos números.

Amigo n.º 1172 — Maria José de Lancastre (13 anos): O poema «Ao Soldado Desconhecido», confirma as qualidades que já sobejamente demonstraste. Continua. Lê poetas modernos. Vais ver a tua poesia no «Juvenil».

Amigo n.º 1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso (20 anos): Gostámos francamente da poesia «A menina romântica», que vamos publicar.

Em virtude das férias de Carnaval, «A Conversa da Semana» ficará reduzida aos comentários já impressos que não couberam nos números anteriores. O «Juvenil» que estão hoje a ler teve de ser inteiramente redigido na sexta-feira, dia 27, antes, portanto, de recebermos o habitual correio.

POR MA COM



AO como asas nervosas as velas da nave quando o vento as arripa com um sopro folgazão. O navio aconchega o corpo nas ondas e da proa jorram borboiões de espuma branca. De súbito no silêncio tremula uma canção de amor. E' o jovem Tristão que vê sentada a seu lado a Morte imperiosa. «Chegou de partires» — diz-lhe ela. «Um momento só, amiga» — responde o moço — «Quero despedir-me». A Morte olha-o, surpreendida. «De quem?» — pergunta.

Tristão sorri infinitamente e murmura: «De quem há-de ser senão da

morena. Sôfrega, a nave levanta-se nas asas do vento e voa.

Vêde-a! Dança encostada a bom porto. A' sua roda, a auréola da canção do moço viajante para os países donde não há regresso.

Ao balcão dum castelo sobre o mar debruça-se uma jovem, atraída pela canção mais extraordinária que até aí escutara. Como se um pássaro ferido quisesse cortar os ares e a Terra o puxasse para o seio. Quem será? Algum deus exilado entre os homens?

Outras bocas se interrogam ao longo dos cais. Amontoam-se á beira de água os olhos espantados. Quem será?

Também lá do seu poiso de água o soberano da Irlanda ouviu a canção irresistível. Pede que lhe saibam do divino aedo. «E' um moço preso nas teias da morte» — responde o mensageiro com os olhos der-

— Meu nome é Tristão, senhor. Fui ferido num combate em honra duma donzela.

Mas é verdade que neste mundo não existe só felicidade. A rainha e Isolda preparam um banho para Tristão e enquanto o jovem está no banho e um doce torpor lhe recon-

do marido e conta-lhe o que descobriu.

— Pobre Tristão, pobre Tristão — murmura Isolda. — Como te arrancarei mais uma vez das garras da morte?

O soberano fica-se uns momentos em silêncio. Luta entre a amizade

O rei Marcos abana a cabeça, tristemente.

— Não vos posso condenar — diz. — Lutaste como um cavaleiro leal. O mal não está em vós, mas na cavalária.

De novo os tempos correm feli-

QUEM SERÁ? ALGUM DEUS EXILADO ENTRE OS HOMENS?

tura irmã, a Vida?» Estende o braço em cujo extremo se abre a flor da mão exangue. Tacta-a. Ao encontrar a doce companheira, a cítara, fecha os olhos com delicia. Encosta-a ao peito e desperta-lhe as cordas adormecidas. Lembra-se da mãe longínqua que se encontrou com ele apenas no curto instante em que partira para sempre e ele acabava de chegar á Terra. Imagina-a de olhos verdes e líquidos como a água. Vê-lhe a face dourada e as tranças de linho. Conhece-la-lá, agora que estavam prestes a encontrá-la.

E' esse receio que faz vibrar a cítara num espasmo doloroso. O vento revolteja, abraça a canção com ternura maternal e embala-a. Param as brancas aves marinhas, a escutar. Suspendem-se as velas inquietas. E os marinheiros esquecem-se de obedecer ao arrais tempo. Quem ouviu canção tão bela?

Tristão recorda os cavalos que montava, o riso sonoro das espadas que se tocam, brincalhonas. Tem um sorriso para os companheiros de infância. Ah! como a vida é bela!

Assim correm os dias. Azul! Azul! Entre o mar e o céu. Só agora se ergue ao longe uma fimbria de terra

ramados pelo rosto de fogo.

Logo um criador correu para o navio. A' volta transportam o estranho cantor. No braço viceja-lhe uma papoula de sangue.

— Veneno! — recua uma velha.

— Veneno! — é o protesto que atiram dezenas de vozes.

O soberano inclina-se para o jovem deus embriagado pela Morte.

— Isolda! — grita com desespero.

Só Isolda poderá amarrá-lo á vida.

Vêde, amigos, aquelas mãos de leite. São de Isolda, as doces mãos de leite. Só elas terão poder para salvar o deus desconhecido.

Ah! Como a negra Morte se encarnica! Mas já fuge, já desiste. Afinal não chegara ainda a sua hora. Voltará. Apenas basta ter paciência.

Voltaram as cores generosas ás faces de Tristão. O sangue tumultua-lhe outra vez nas veias. Sorri, reconhecido, para a donzela mais bela que até então seus olhos beberam. Que palavras poderão descrever o sentimento que os une?

Também o soberano, pai de Isolda, se sente feliz.

— Porque foste ferido com uma espada envenenada? — pergunta. — Quem sois vós?

força o corpo a soberana descobre no leito em que ele até então repousara uma espada. Tira-a da bainha. Abre muito os olhos. Santo Deus, que vê? Na ponta da espada falta um pedacinho de ferro e a rainha lembra-se da lasca que encontrara no crânio de seu irmão Morolte, morto num torneio.

Chama Isolda e diz-lhe:

— Vêde quem recebemos em nossa casa e salvámos da morte! E' o traidor que matou meu irmão. Foi ele quem trouxe o luto á minha alma.

Com pés ligeiros corre para junto

que sente pelo moço e o dever de vingar a morte de Morolte.

— Deixai, senhora — diz por fim.

— Eu ajustarei as minhas contas com a serpente que se aninhou em nosso reino.

Quando, porém, se avista com o jovem ainda lhe custa acreditar no que lhe dizem. Pede-lhe que lhe conte toda a sua odisséia. E que não minta, sobretudo que não minta!

Tristão sente o perigo que de novo o ameaça. Mas nem uma palavra oculta. Ao terminar, acrescenta:

— Julgai-me agora, senhor. Estou em vossas mãos.

zes, até que o moço Tristão tem de regressar á Cornualha. Ao despedir-se de Isolda, murmura num afofamento de saudade:

— Juro-vos, senhora, que serei o vosso fiel cavaleiro até ao dia em que meus olhos se apaguem.

Com os olhos líquidos de pranto, a donzela estende-lhe um anel. Tristão faz o mesmo. E, assim, ficaram noivos para a vida e para a morte. E' este o destino. Os jovens nasceram para o Amor. Enquanto existirem, não se acabará o Amor nos caminhos da Terra.

V I D A

Aquele homem tinha, verdadeiramente, um riso selvagem. Era um riso primoroso, potente. O perna-de-pau, disse, um dia, que o riso do homem ficava ecoando no ouvido como num labirinto. Ninguém acreditou que fosse assim, porque na de pau dizia, só por isso.

Pois o homem que tinha o belo riso, resolveu sair. E fez tremer as pedras do caminho com o seu riso. Mas as pedras não gostaram e fizeram-no cair. O homem, então, ergueu as mãos e fechou-as, fortes. Mas a vida não lhe ficou nas mãos. O homem quis segurar o sangue. Mas, o sangue por entre os dedos fugiu-lhe. O homem pensou que a vida lhe fugia com o sangue. E parou estarecido.

Na aldeia, só o perna-de-pau não acordou. Todos os outros despertaram julgando ter ouvido gargalhada do diabo. Mas não fora, não fora o diabo que se rira. (Era um bom riso, isso era)

— A vida é isto: matar-se um homem a trabalhar, ficar com calos nas mãos e ter este dinheiro ao fim do dia (E mostrava)

A criança disse:

Mais uma grande obra

da colecção «A Vida Quotidiana». E' da autoria de Geneviève Bianchis e tem por título

A VIDA QUOTIDIANA NA ALEMANHA

na era romântica (1795-1830)

Livro de profunda seriedade histórica que todos os jovens interessados em elevar o seu nível cultural deverão ler. EDIÇÃO DE LIVROS DO BRASIL

— Não te posso levar! Se te leve posso cansar-me e tenho que te pôr no chão. E se te ponho no chão, cansas-te tu e podes morrer. Por isso não te leve.

O cordeiro concordou: era lógico:

E a criança partiu e andou. Quando viu o burro, riu-se. E o riso encheu as pedras de suavidade e encanto. E o burro ouviu e voltou-se. E, levantando a cabeça e abrindo as ventas, gemeu. A criança sentou-se no chão e começou a chorar. E o burro tornou a zurrar, magnífico. A criança fugiu e o burro entristeceu. Depois a criança comeu uma maçã e subiu a um monte e viu tudo escuro. E deitou-se no chão: era belo o céu. E pensou, como seria um anjo. E desejou que Deus estivesse ali consigo.

A criança ergueu-se. A sua majestade de criança fincou-se naquele lugar. A criança uniu as mãos e ajoelhou-se muito lentamente e sem medo. Parecia erguer-se nos ares e dominar o Mundo e os homens. E se, porventura, dissesse chová! a chuva caíria de certo, porque era impossível que a chuva lhe resistisse. A criança riu-se. E o monte rebentava de alegria e as ervas respiravam opressas eufóricas, e tudo era belo e a criança ria-se e a criança ria-se e tudo era belo e a terra chorava de felicidade e em toda a parte só havia luz.

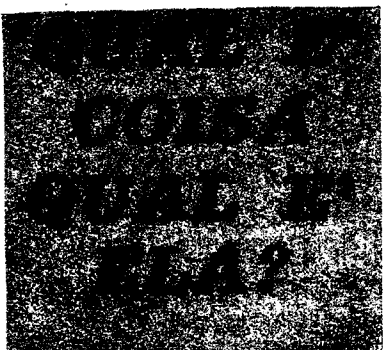
Todos recusaram ir e a todos falou o perna-de-pau e a todos chamou brutos. Nenhum gostou mas também nenhum foi: o perna-de-pau teve de ir só e pobre e sem alento.

E a encontrou, o perna-de-pau. E, chegando-se junto dela, que dormia, abriu-lhe a mãozinha fechada — que era evidente, a mãozinha fechada. Estava vazia. Mas, o perna-de-pau sentiu que a vida estava ali e que a mão enquanto aberta

guardava amor. O perna-de-pau gravemente se inclinou e gravemente o perna-de-pau beijou a mão pequena e suja. Então, o perna-de-pau viu tudo e pegou na criança e levando-a ao colo, foi-se. A perna-portou-se bem e o homem ficou-lhe agradecido por o não ter feito coxear.

Ele estava bem contente, o homem. Oh! estava, estava!...

ADELINO AMARO DA COSTA
N.º 1788



Uma adivinha um pouco longa, talvez, mas engraçada. E fácil. Experimentem adivinhar. Amiguinhos. Vale a pena, só para ganhar um belo livro dos que hoje atribuímos. Vamos a ela:

Sou muda por natureza,
Mas tal dom tenho comigo,
Que, calada, tudo digo:
Dou gosto e dou tristeza;
Porém sou tão desgraçada
Que feneço espedaçada
E em vivo fogo expiro.

As respostas, acompanhadas do nome completo, data de nascimento, morada, habilitações e bem assim da menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero, devem ficar na nossa Redacção até o dia 12 de Março, ao meio-dia.



POR MANUEL ALVES DA SILVA (12 ANOS) — ESCOLA COMERCIAL DAS CALDAS DA RAINHA

RAINHA D. LEONOR
FUNDOU NOSSO HOSPITAL
DOCE CAMINHO E AMPARO
DOS POBRES DE PORTUGAL

JOSÉ LEAL PINTO (13 ANOS)



garotos de os ver na Escola e, quando eles entraram numa das barracas, pedi licença e entrei com eles.

Duas divisões apenas, uma servindo de cozinha e sala, e outra de quarto para toda a família.

E apesar de tudo as crianças tinham um ar tão puro!

Porque censuramos nós os defeitos destes seres que não vivem, vegetam no meio da «lama»? Pensamos alguma vez que nós, no lugar deles seríamos iguais ou piores?

Que direito nos assiste de censurá-los ou, qual o nosso mérito de sermos bons entre os bons?

Eu admirei a força desses jovens que conseguiam manter um rosto puro, quando a seu lado se amaldiçoava a vida e se movimentavam homens marcados pelo trabalho e pela experiência ganha numa existência que, para eles, fora uma verdadeira atrocidade.

«Tudo vale a pena se a alma não é pequena» disse aquele escritor da juventude, e essa mesma juventude deve ter esse lema e segui-lo.

Sabem onde fica o local a que me refiro? Então não vos reconheço, jovens só preocupados com os vossos próprios problemas, como essa hoste do Bem que pretende construir um Mundo melhor.

Se, confortavelmente instalados, só falais de progresso, de música moderna, de falta de compreensão das pessoas mais velhas e, mais modernamente, de «teddy boys» o Mundo continuará na mesma. E, se não vos fossem dadas essas possibilidades, se não houvesse para vós a orientação superior de um bom mestre ou de um bom livro, o vosso ideal de Juventude cairia cerce.

Mas eu tenho confiança na nossa força juvenil. Confio em nós para compreendermos essa infância e juventude desencaminhadas e sem leme.

E, não é só isso que espero. Também que procuremos maneira de resolver os seus problemas. Eles vivem lá, não lêem nem ouvem notícias e conferências. É preciso chegar até eles de qualquer outra maneira. Convençamo-nos de que o socialismo não é apenas o problema económico e político, por um lado, mas também uma educação espiritual e moral.

Deixemos o nosso lugar cómodo, a poltrona onde sentados meditamos sobre mais umas coisas bonitas a dizer.

E, acima de tudo, tendo em vista esses jovens que se debatem nas suas dificuldades, pensemos que a Vida é o mais alto valor e, se os bens culturais conseguem ter valor é na medida em que contribuem para a elevação da vida.

Foi á vista desse nível de vida tão baixo que vi nesses casebres, que eu me resolvi a lançar este apelo. Também estou sentada á minha secretária, também me rodeia o conforto, mas o meu pensamento não está aqui. Ficou junto dos casebres onde almas ainda são e corações ainda puros aguardam o auxílio que possamos levar-lhe, o tributo da nossa juventude feliz á sua juventude desamparada.

CARTA AO REPORTER PERDIDO

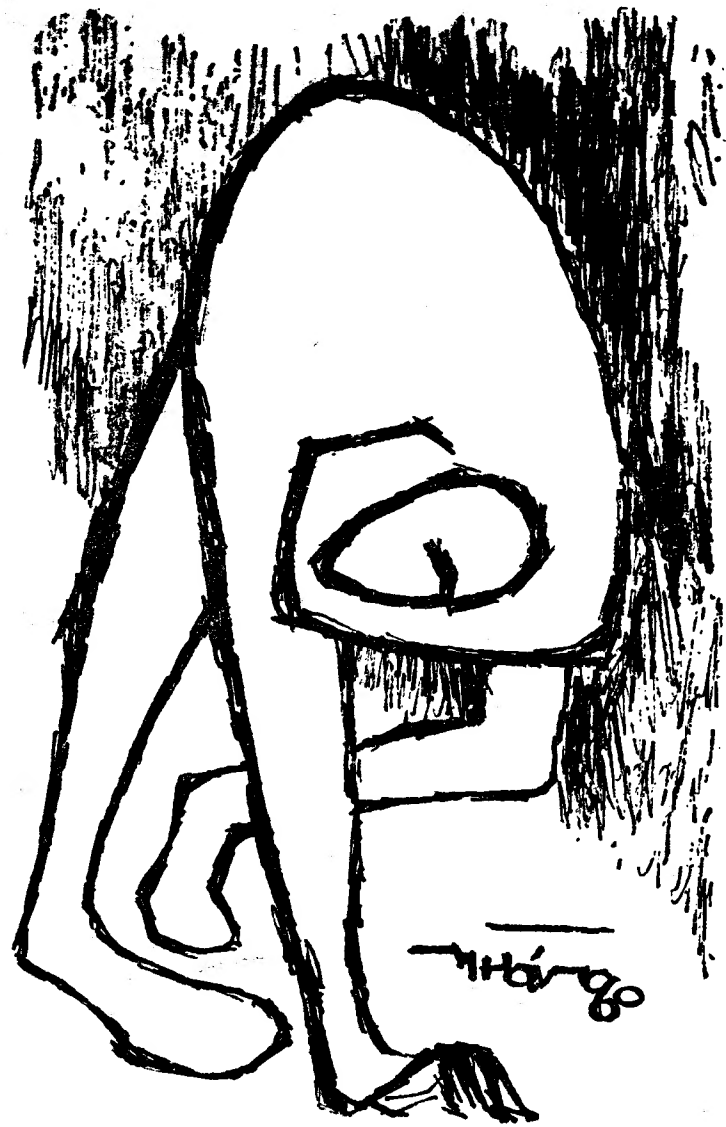
(Continuação da 1.ª página)

ção... futebol), lembrando-nos de que a cultura intelectual deverá ter como base a cultura física.

E saibamos compreender e desculpar os que, sem sequer a possibilidade dessa auto-educação tardia, não vêem os altos problemas do desporto daquela maneira que, esperamos, seja um dia mais tarde generalizada a todas as camadas sociais.

A finalizar não posso deixar de repetir a importância fundamental que o desporto pode desempenhar na génese das sociedades de amanhã; e aproveito a oportunidade para fazer um apelo a todos os que lêem o «Juvenil» no sentido de não se esquecerem nunca dos ginásios, dos campos, das pistas e das piscinas, símbolos de uma cultura que é básica na formação do verdadeiro Homem.

(AMIGO 1805)



CAMINHANDO

RINDO
CANTANDO
CHORANDO
GRITANDO
LEVANTANDO
CAMINHANDO

ALEGRANDO
DESESPERANDO
MAS CAMINHANDO

ilustração e poema
de MIGUEL FLAVIO
(15 anos)

O MOINHO DA BRUXA

(Continuação da 1.ª página)

pouco surpresos. Pusemo-nos então a caminho, cada um de nós com um pau na mão e eu que julgava que tudo aquilo não passava de um pequeno passeio, vi que nos dirigíamos para o sopé do monte, onde ficava o moinho. Confesso que estava com medo, pois muita coisa má se dizia do redito moinho.

Sempre em silêncio, muito devagar, trepámos o monte por entre os pinheiros. Eu, de vez em quando, tinha de parar, pois por vezes ficava preso em quaisquer arbustos espinhosos. Então, os meus colegas amigos paravam e vinham ajudar-me, sem a menor troca de palavras.

Caminhávamos os três uns atrás dos outros, quando repentinamente o Carlos que ia na frente, parou e econdeu-se atrás de uma árvore; nós fizemos o mesmo, sem sabermos bem porquê. Não tardou porém que o soubéssemos: mais ao lado e um pouco á frente, ia subindo um outro personagem. Era um homem baixo e usava boné. Eu todo tremia, mas fazia tudo o que faziam o Carlos e o Américo — era este o nome do meu outro amigo. Começámos então a seguir o homem baixo a uma considerável distância, pois não queríamos ser surpreendidos.

Com espanto, vimos que ia também para o moinho. Eu ia já cansado, quando os meus companheiros amigos me fizeram sinal para que eu me deitasse entre o feno que naquele ponto existia em grande quantidade. Olhei em frente, e á luz do luar, verifiquei que já estávamos próximo do moinho.

Foi muito assustado e sentindo o coração bater fortemente, que eu notei virem-se aproximando do homem subia, uns outros com sacos e embrulhos sobre os ombros e entrarem para o moinho. Falámos então em voz baixa. Disse o Carlos que já sabia quem eram aqueles homens. Nós, muito interessados, e cochichando lhe perguntámos quem eram. Ele disse que era a quadrilha que já há alguns meses vinha assolando a região, asaltando e rouban-

do as casas mais afastadas das aldeias ali próximas. Concorrámos. Com que então, aqueles bandidos tinham ali o seu antro! Valiam-se do medo que os pessoas tinham daquele lugar, o que os deixavam tranquilos quanto ao virem surpreendê-los. Conviu-nos como em família com a bruxa do moinho e ali faziam os seus planos, as reuniões e as partilhas.

A noite ia já avançada quando resolvemos voltar a nossas casas. O meu coração batia incessantemente, pois até ali não sabia o que era emoção.

Deitei-me, e se bem me recordo ainda, toda a noite sonhei com gatunos audaciosos que roubavam a minha casa.

Na manhã seguinte, eu, o Carlos e o Américo, contámos a nossa pequena aventura às pessoas da aldeia.

O sr. Rui, um ricoço lá da terra, elogiou-nos muito e pensava na outra semana ir á vila mais próxima falar com a Polícia, para tratar da prisão daqueles indivíduos que tão desonestamente governam a vida.

Mas o sr. Gonçalves Rui, não chegou a fazer o que pensara, pois passados dois dias, uma notícia correu célere a aldeia: a «bruxa» tinha morrido!...

Alguém na manhã de terça-feira, espreitou pela porta entreaberta e viu a pobre mulher de boca aberta, sem dentes e com a mão magra e ossuda estendida sobre o peito, os olhos esgaseados e vítrios, metia pavor.

Essa alguém, sem duvida atrevido, largou a correr espalhando a notícia. A «bruxa» tinha morrido. Era já muito velha a pobre mulher. No outro dia, foi enterrada no pequeno cemitério da aldeia.

Depois deste incidente, não mais houve roubos nem assaltos ali próximo. E' que agora, toda a gente subia o monte, sem receio pelo moinho.

Mas isolado, solitário e triste no alto do monte, o moinho da bruxa, ficou, permaneceu, na sua fealdade agressiva e no seu eterno isolamento...

Amigo do «Juvenil» n.º 1703

Foi como que um sonho terrível. Um sonho que me fez estremecer durante toda a tarde e que se prolongou pela noite adiante causando-me insónias. Meu Deus! Como tudo são palavras vãs, em comparação com as coisas terríveis que nos mostra a realidade!

Juventude, belo ideal, que devemos cultivar pura, ergue os teus olhos e contempla. Não só a obra sublime de Deus mas até a realidade atroz; desce um pouco e contempla o abandono do homem aos seus recursos pessoais sem o apoio e a protecção social que lhe é devida.

A ti, cheia de fervor, ansiosa por construir, a ti entrego esta tarefa difícil que é um trabalho de saltar todas as barreiras e, mais que reagir: agir.

Mas eu conto-vos o que vi.

A meu lado estava um rapazinho descalço, sujo. Outro de longe chamou-o e lá foram ambos correndo, contentes. Onde iam? Caminhavam para a alegria, por certo, porque nos seus rostos risonhos transparecia felicidade. Segui-os.

Através de ruas estreitas primeiro, de caminhos intransitáveis depois, cheguei ao cimo de uma espécie de barranco. Eles tinham desaparecido da minha vista e, só quando me aproximei do alto das terras, os vi caminhando, lá em baixo.

A meus olhos surgiu, então um espectáculo desconhecido. Barracas de madeira de um lado do carreiro cheio de lama e, do outro, campo descoberto.

Continuei a andar. Conhecia os

RIMAS

por António de Carvalho Branco (17 anos)

TENHO RECEIO DA MORTE
QUANDO A NÃO SEI ACEITAR
(VERSOS DE RIMA DE SORTE
COM TRISTEZAS A RIMAR)

TENHO RECEIO DA VIDA
QUANDO A NÃO SEI RECEBER
(É TRISTEZA BEM ESCONDIDA)
NAS RIMAS QUE SEI FAZER)

NÃO QUERO ESPERAR.
NEM QUERO SABER QUE ESPERO.
SEI QUE ESPERO, EMBORA.
SABÊ-LO NÃO QUERO.

NÃO PODERÁ HAVER UM ESQUECIMENTO
UMA LIBERTAÇÃO?
PODER ATÉ ESQUECER
QUE EXISTE O CORAÇÃO?